REVISTA DA SEMANA

N. 15 10-4-54 Cr$ 5,00 em todo





2º. JULGAMENTO PARA BANDEIRA

ROMEIRO NETO DECIDIDO A IR ATÉ AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA



VIRGINIA MAYO (RKO) — Oferta de «A Cena Muda», a melhor revista cinematográfica semanal do Brasil. Preço: Cr$ 4,00. A venda em todo o país. Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15 — Rio.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 15 ★ 10-4-1954

SUMÁRIO

Canrobert: fardado e de pijama . 4/ 8
Os paulistas na seleção 10/11
O cadáver da moça nua 12/17
O Rio não funciona 20/23
Grande Otelo faz careta, mas responde 24/25
Em Bali não há malícia 28/29
Favela — Esfinge mal decifrada 42/46
Carlson Gracie arrasou Passarito 48/49
Intactos os nervos de Bandeira .. 50/57
Multa que se transforma em bom negócio 19
Casa de mulheres 26/27
O pranto 30/31
Em Paris 32/33
Último flash 58

Capa:

TENENTE ALBERTO JORGE FRANCO BANDEIRA

Foto de ALBERTO FERREIRA

- Redator chefe .... JOEL SILVEIRA
- Assistentes .... HÉLIO ABREU e LEON ELIACHAR
- Paginação .... VICTOR TAPAJÓS
- Publicidade .... J. M. COSTA JÚNIOR S. L. GUIMARÃES, A. MENDES, S. SANT'ANA e A. NÓBREGA

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

- Diretor .... GRATULIANO BRITO
- Assistente .... RENATO DE ALENCAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569. Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Telefone: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

Tôda a Itália estremece com "o mais negro escândaló de após-guerra"



O CADÁVER NU DE WILMA MONTESI PODERÁ DERRUBAR O GABINETE

(Reportagem completa nas páginas 12 a 17)



● Nas fotos acima, o marquês Ugo Montagna e Giampero Piccioni, êste filho do atual ministro das Relações Exteriores da Itália, ambos envolvidos no ruidoso escândalo que explodiu em Roma há vinte dias atrás. Montagna, figura do «grand-monde» romano, é acusado de chefiar uma quadrilha de traficantes de entorpecentes. Em sua casa de campo é que Wilma Montesi teria encontrado a morte. Quanto a Giampero Piccioni, acusam-no de ter subornado a polícia para que a morte de Wilma Montesi fôsse dada como um simples «acidente».



CAMROBERT: FARDADO E DE

O GENERAL É HOMEM DA LEI, JÁ BRIGOU COM A ESQUERDA E A DIREITA, CONHECE METADE DO MUNDO, SABE FAZER REFRÊSCO DE CAJU, CANTA DE BARÍTONO E USA ÀS VÊZES UMA LINGUAGEM QUE OS POLÍTICOS (MANHOSOS) FINGEM NÃO ENTENDER.

Reportagem de JOEL SILVEIRA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

● A batalha que já se anuncia, para a conquista do Clube Militar, não se verificará, como da vez passada, em meio a uma atmosfera polêmica e apaixonada. Será uma batalha amena e fácil — principlmente porque uma das partes disputantes — a chamada "Cruzada Democrática" — conta com dois comandantes seguros e cheios de prestígio: os generais Canrobert Pereira da Costa e Juarez Távora. Nesta reportagem vamos contar alguma coisa sôbre Canrobert; na semana próxima falaremos de Juarez.

VOCÊ telefona, manhã cedo, para a casa do gal. Canrobert, e é êle mesmo quem atende do outro lado da linha. Você marca uma entrevista para a noite daquele mesmo dia, e é êle quem vem abrir o portão quando você aperta a campanhia externa do bangalô suburbano. O general não é homem de formalidades: recebe você de camisa «sport», carrega-o para o andar de cima, acomoda-o no seu escritório, que é uma sola pejada de livros e recordações (medalhas, diplomas, retratos, etc.) colecionadas através uma longa e movimentada carreira militar. E dois minutos após você já está perfeitamente à vontade.

A conversa, que não demoraria mais do que alguns minutos, encomprida-se pela noite a dentro. E já cantam os primeiros galos do Méier — são centenas dêles! — quando bebemos o último como do magnífico refresco de caju que o próprio general Canrobert manufatura no seu sítio de Jacarepaguá.

Eis aqui um homem que não tem mêdo das palavras, e que as pronuncia exatas e claras, sem pender para a inconveniência ou a leviandade. Canrobert é o antiboquirroto por excelência. Conversa-se com êle metade da noite, sôbre assuntos por vêzes graves, revivem-se fatos que já são história — mas nada disso servirá de pretexto ao general de voz forte e fácil para vôos de grandiloqüência ou arrancos enfáticos. Tratando de assuntos miúdos ou graúdos, Canrobert fala com a sobriedade quase simplória de um homem comum que estivesse passando em revista os seus pequenos problemas cotidianos. Não se desfralda; não se artificializa em poses de ungido; nunca se impõe — mesmo quando isso seria lógico — como o centro de acontecimentos ou de debates. É fácil conversar com um homem assim que se mostra por inteiro, e que, quando o calor aperta, acaba por desabotoar o botão de cima da camisa esportiva

Acrescente-se mais que o general é um ótimo barítono, de voz cheia e sonora; e que se você fôr de sua intimidade, poderá ser brindado no Méier ou no sítio de Jacarepaguá, com uma audição improvisada, na qual o general interpretará com rara afinação valsas, modinhas e canções de Carlos Gomes ou Eduardo das Neves. Ao piano, o seu cunhado.

O general Canrobert é cidadão do Méier há mais de trinta anos. E há mais de trinta anos que êle mora na mesma casa da rua Bueno de Paiva — uma casinha a princípio pequena e modesta e que foi crescendo à proporção que o seu proprietário ia ganhando novos galões. Canrobert está feliz no seu bangalô e no seu bairro: «Aqui é quase a zona sul: falta água como lá, os preços são os mesmos. Só não temos praia». Na pequena sala da frente, num armário envidraçado, a coleção de medalhas e condecorações do general lembra um daqueles ricos mostruários da Ponte Vecchio, em Florença. Mas Canrobert só uma única vez armou-se com todos aquêles crachás: quando teve de tirar uma fotografia de gala, ao empossar-se no Ministério da Guerra.

No gabinete, lá em cima, os livros são vários: muita coisa sôbre história, mas, também, muita literatura — literatura boa. Quando entrei no gabinete da casa do general, uma espátula de ferro marcava uma página num livro de Saint Exupery. Na parede, um retrato de Mirabeau — não sei porquê. Num canto, a bandeira do Brasil; sôbre a mesa, uma cópia do clássico busto de Napoleão. E na parede frontal, guardada num escrínio rebuscado e forrado de veludo, uma reprodução do sabre de San Martin — volumoso presente que o general Canrobert recebeu, quando já se encontrava no aeroporto de Buenos Aires, do presidente Perón.

E PIJAMA







CANROBERT É RAPTADO PELA DIREITA

DE pijama e chinelos caseiros — assim viveu o general Canrobert um dos momentos ao mesmo tempo mais cômicos e mais dramáticos de tôda a sua vida. Na noite de 11 de maio de 1938, o tenente-coronel Canrobert Pereira da Costa, sub-chefe do gabinete do ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, jantou na cidade, e, em seguida, dirigiu-se ao Palácio Monroe, para assistir a uma solenidade oficial. Tratava-se da comemoração do 6º mês do «Estado Novo» que, a acreditar nas arrancadas apologéticas do «Dip», ia de vento em pôpa. E era exatamente isso o que afirmava o eloqüente dr. Francisco Campos, ministro da Justiça, na sua falação daquela noite: tudo corria às mil maravilhas, o país encontrara finalmente a calma, livre da exacerbação política, era impossível a quebra da normalidade nacional.

De volta à sua casa, no Méier, quando a noite chegava na metade, o tenente-coronel Canrobert levava nos ouvidos a toada cívica e tranqüilizadora ao ministro Francisco Campos: o país tranqüilo, os ânimos serenados, etc. O tenente-coronel Canrobert troca a farda pelo pijama, troca o pijama por uma ducha fria, veste novamente o pijama e vai para a cama. Mas antes de puxar o lençól, tocam a campanhia lá em baixo. Êle consulta o relógio: já passa da meia noite. Quem poderia ser? Desce a escada (o seu quarto é no andar de cima), abre a porta, atravessa a varanda da frente, pergunta antes de abrir o portão: «Quem é?» Uma voz responde:

— É a polícia.

«Então — são palavras suas — eu estupidamente abri o portão». Automàticamente alguém lhe põe uma pistola diante do rosto; e uma voz ordena: «Siga-nos». O tenente-coronel Canrobert indaga se não poderia mudar de roupa. «Não. Acompanhe-nos assim mesmo». Um automóvel esperava defronte: o coronel é empurrado para dentro dêle, o automóvel parte, disparado. (Cinco pessoas, além de Canrobert e do «chauffeur», viajam no carro).

E sòmente minutos depois, quando escuta o diálogo entre dois dos elementos do bando, é que o tenente-coronel Canrobert Pereira da Costa se dá conta do que realmente acontecera: acontcera um «putsh» integralista. Àquela hora, o palácio Guanabara, residência do presidente da República, estava sendo atacado; e os rebeldes verdes procuravam, entrementes, aprisionar personalidades com postos estratégicos no govêrno. O tenente-coronel Canrobert Pereira da Costa, sub-chefe do gabinete do Ministro da Guerra, era uma delas. O automóvel ganha a Av. 24 de Maio, célere, desemboca na praça da Bandeira, atravessa o túnel do Catumbi, numa corrida cega. Da pessoa ao seu lado, a quem chamam de Menezes, Canrobert escuta dizer: «O senhor está prêso às ordens do general Castro Júnior». (O general Castro Júnior não era integralista, mas era inimigo visceral de Getúlio: aceitara sem vacilar o comando da intentona verde contra Vargas).

O tenente-coronel Canrobert percebe também que o «chauffeur» não é um voluntário, mas um contrafeito agente de uma tarefa compulsória: daí a necessidade de, vez por outra, um dos integralistas animá-lo encostando o cano do revólver no seu pescoço.

Quando o automóvel desagua na praia de Botafogo, um contingente da Guarda Municipal, que já estava de prontidão tenta detê-lo, mas os cinco integralistas obrigam o «cháuffeur» a um arranco de doido que vai acabar quilômetros além, na estrada D. Castorina. Então, num lugar êrmo, o bando ordena parar: dois elementos do grupo ficaram tomando conta de Canrobert e do motorista; os outros três descem e vão confabular adiante. Retornam, cochicham no ouvido dos dois companheiros — saem os cinco e desaparecem nas sombras...

Màgicamente tudo fôra abandonado: o tenente-coronel, o «chauffeur» e o automóvel.

Canrobert ordena então ao «chauffeur» que rume para o Quartel General. O carro volta a correr, mas uma escolta da Polícia Militar segura-o, no Flamengo. Como convencer aquêles rapazes, todos em pé de guerra, que o homem de pijama e chinelos era o sub-chefe do gabinete do general Dutra? e que êle, o sub-chefe, acabava de livrar-se de uma misteriosamente cômica tentativa de rapto por parte dos integralistas? Mas, afinal, Canrobert consegue ser levado até o Quartel General. Quando o general Dutra vê-lo assim empijamado e arrastando uns chilelos tão despreocupados, franze o cenho: afinal de contas aquilo não eram os trajes mais próprios para um tenente-coronel em dia de revolução.

Seis dias depois a polícia deitava a mão nos quase-raptores do coronel Canrobert, que foi chamado à polícia para identificá-los. Todos já haviam devidamente passado pelo «serviço» policial: um dêles, exatamente o «Menezes», apanhara tanto que estava irreconhecível. O tenente-coronel Canrobert não teve coragem de aumentar os sofrimentos dos homens — acabou dizendo que não havia guardado a fisionomia de nenhum dos que o haviam levado a passear de pijama, numa fria noite de maio, pela estrada D. Castorina. E pouco tempo depois, como a família de «Menezes» lhe batesse à sua casa, pedindo-lhe fôsse fiador de um apartamento não teve dúvidas: deu a fiança.

CANROBERT BOMBARDEIA A ESQUERDA

PERTO de três anos antes da «aventura integralista» o tenente-coronel Canrobert foi envolvido numa «aventura comunista». Vamos dar um retrocesso de quase três anos: estamos em fins de 1935. De volta da Europa, onde acabava de passar mais de dois anos; o tenente-coronel Canrobert Pereira da Costa é nomeado comandante do Grupo Escola de Artilharia, com sede em Deodoro. Foi nesse pôsto, exatamente às 22 horas do dia 26 de novembro, que êle recebeu o aviso de que a Escola de Aviação, sua vizinha ao lado, ia tentar um «putsh» de caráter comunista, sob a chefia do capitão Aglilberto Azevedo. Canrobert conhecia bem o capitão Agliberto: era o seu pilôto preferido quando êle, Canrobert, fazia vôos de reconhecimento e de regulação de tiro.

Às 11 da noite, o Grupo Escola de Artilharia está em posição de combate, com duas baterias assestadas em direção ao pavilhão central da Escola, onde se concentrava o grosso dos revolucionários; às 3 de manhã, o tiroteio nas vizinhanças confirmava a intentona; às 4, o tenente-coronel Canrobert dá ordem de fogo. As baterias acertam em cheio no pavilhão; na trigésima granada, tudo está consumado: a Escola se havia rendido. Baixas mínimas; e não se perdeu nenhum avião.



O HOMEM DO MÉIER CONHECE METADE DO MUNDO

COMO adido à Comissão para Exame e Escolha de Material de Artilharia, chefiada pelo general Leite de Castro, o então major Canrobert Pereira da Costa passou dois anos na Europa: de fins de 33 a fins de 35. Um ano quase inteiro na Suécia; cinco meses na França, três meses na Itália, dois meses na Finlândia, dois meses na Alemanha, e outras visitas, mais ligeiras, à Espanha e à Inglaterra. Na Alemanha, Canrobert assistiu aos funerais de Hindemburgo e a conseqüente ascenção de Hitler; e estava em Berlim quando do «putsh» frustrado de Roehm. Visitou ainda a Bélgica, a Holanda, a Dinamarca e a Polônia.

Um dia, quando se encontrava estagiando numa fábrica de morteiros, no extremo norte da Finlândia, foi perguntado por um funcionário da Legação francesa se não gostaria de atravessar a fronteira e visitar a Rússia. O referido funcionário encarregar-se-ia de conseguir-lhe o necessário visto consular. O major Canrobert olhou demoradamente o chão branco, do outro lado da fronteira, cismou, coçou a cabeça — não foi.

Quando êle voltou ao Brasil, em 35, e lhe perguntaram sôbre o futuro da Europa, respondeu: «A guerra é inevitável».

Outras viagens de Canrobert: aos Estados Unidos, várias vêzes; à Argenitna, duas vêzes — uma, como coronel agregado à Missão brasileira que participaria dos festejos do 9 de julho; a outra, como ministro da Guerra (1949) a convite pessoal do general Perón.



DUTRA E CANROBERT: AMIZADE INCONDICIONAL

A amizade de Canrobert pelo marechal Dutra não sofre limitações: é amizade total e incondicional. Canrobert possìvelmente venerará, na pessoa de Dutra, não apenas o comandante seguro e o homem bravo, mas também aquêle que lhe deu as melhores oportunidades de sua vida militar. Até fins de 1936, Canrobert não mantinha com Dutra nenhuma relação mais íntima: conhecia-o apenas de vista. Daí a sua surprêsa quando, em dezembro de 1936, o general Dutra tirou-o do comando da Escola de Engenharia e fê-lo subchefe do seu gabinete no Ministério da Guerra. De lá para cá os dois têm-se entendido às mil maravilhas. Quando, em princípios de 37, o coronel Valentim Benefício, chefe do gabinete do ministro da Guerra, foi promovido a general, Dutra nomeou Canrobert para o seu lugar. E em 1939, (Canrobert já era coronel) Dutra mandou-o aos Estados Unidos em companhia do general Marshall, então chefe do Estado Maior norte-americano que acabava de fazer uma visita ao Brasil.

Mas o fato é que no dia 10 de novembro de 1937 o tenente-coronel Canrobert Pereira da Costa, chefe do gabinete do ministro da Guerra, ouvia falar no «Estado Novo» pela primeira vez. Ninguém o prevenira de coisa alguma. Manhã cedo, quando êle chegou ao seu gabinete, no Quartel General, deram-lhe a notícia: «Fecharam o Congresso. Getúlio é agora ditador. Dutra continua ministro».

Dutra quis enviá-lo também a Itália, como um dos comandantes da Fôrça Expedicionária. O convite foi feito em 1943, quando Canrobert já era general e comandava uma Divisão de Cavalaria sediada em Bagé. O mesmo convite fôra feito ao general Cordeiro de Faria — e os dois seguiram para os Estados Unidos, onde tirariam o Curso de Comando, em Levinworth. De volta, Canrobert e Cordeiro organizaram a Primeira Divisão Expedicionária, que faria a guerra na Itália sob o comando de Mascarenhas de Morais. Quando Canrobert dava os últimos retoques no Agrupamento Tático da Segunda Divisão que, sob seu comando, deveria partir para o «front», a guerra acabou.

Mas já se anunciava nos horizontes pátrios uma outra guerra, exclusivamente brasileira, e o general Canrobert haveria de enfrentá-la duramente.

Em julho de 45, Vargas dá mostras, pela primeira vez, dos seus intuitos continuístas; vem depois a aliança clandestina entre o ditador e os comunistas; Agamenon e Marcondes manipulam o Ato Adicional que convocará uma Assembléia Constituinte. Tudo isso de mistura com aparatos e encenações: «marches aux flambeaux», discursos enfáticos, negaças, um crescendo manhoso que termina na nomeação do mano Benjamim Vargas para a Chefia de Polícia. A nomeação não se ultima: explode. A folhinha, lá mesmo na Polícia Central, marcava a data histórica: 29 de outubro.

No dia 29 de outubro de 1945, o general Canrobert é secretário geral do Ministério da Guerra. Cabe-lhe, em companhia do general Cordeiro de Faria, articular o movimento e levá-lo a bom têrmo. E cabe ainda a Canrobert substituir, já no dia 30, o general Góis que, atingido em cheio pelas inesperadas emoções da véspera, tivera que deixar o Ministério da Guerra.

Como ministro da Guerra, Canrobert atravessa todo o govêrno Linhares. Foi êle — não resta a menor dúvida — o fiador das eleições, livres e limpas, que elegeram o general Dutra presidente da República. Eleito, Dutra conservou-o no cargo que Canrobert só deixaria no último dia do govêrno do general.

OUTRAS DATAS DO GAL. CANROBERT

1896 — Nascimento no bairro de São Cristóvão. (O pai de Canrobert era do Rio Grande do Norte).

1918 — Termina o curso da Escola Militar. É designado para servir, como suboficial, em Jundiaí, São Paulo.

1920 — Segundo tenente.

1920 — Primeiro tenente.

1921 — Capitão.

1923 — Termina o Curso de Aperfeiçoamento, no Rio, com as notas: 8,90 de aptidão e 8,75, nota de Curso. Vai tirar o Curso do Estado Maior.

1924/25 — Curso do Estado Maior. (Canrobert não participou de nenhum dos levantes militares verificados em 22 e 24. O 29 de outubro foi a sua única revolução. Espírito legalista por natureza, é famosa a sua frase: «Prefiro um mau govêrno a uma boa revolução»).

1927 — Primeiro Grupo de Artilharia de Dorso.

1928 — Instrutor da Escola de Aperfeiçoamento.

1930 — Estado Maior do Exército.

1930 — A única participação do capitão Canrobert na revolução de 30 foi de caráter diplomático. Vitoriosa a revolução, a Junta Militar que assumira o govêrno começou a ser hostilizada pelo governador Olegário Maciel, que não confiava nela. Canrobert e os jornalistas J. E. de Macedo Soares e Mozart Monteiro foram então designados pela Junta para «conversar» o empacado governador mineiro. A missão alcançou pleno sucesso.

1931 — Diretor do CPOR.

1932 — Revolução Constitucionalista de S. Paulo. O major Canrobert é designado para compor o Estado Maior do general Góis, comandante das fôrças legalistas. Faz tôda a revolução: Pedreiras, Vila Queimada, Queluz, Cruzeiro, etc.

1933 — Parte para a Europa como agregado à Missão Leite de Castro.

cada

1.000 CRUZEIROS

que o I. A. P. I. recebe de contribuições (500 cruzeiros dos associados e 500 cruzeiros dos empregadores), assim se distribui:

DESPESAS COM ASSOCIADOS

	Cr$	Cr$
a) Benefícios diretos:		
Benefícios pagos a associados	67[illegible]	
Assistência médica aos associados	56,90	
b) Benefícios indiretos:		
Contribuições para o SAPS	20,40	
Contribuições para o SAMDU	6,00	
c) Outras despesas com associados:		
Despesas com a concessão de benefícios, exames médicos de associados, perícias médicas	14,50	
Restituição de Contribuições a associados	6,60	782,30

DESPESAS DE PESSOAL E OUTRAS DESPESAS ADMINISTRATIVAS

	Cr$	Cr$
a) Pessoal:		
Vencimentos, gratifica-[illegible]	119,90	
b) [illegible] despesas administrativas:		
Material, impressos e artigos diversos	25,70	
Devoluções de exercícios anteriores	0,10	217,70
Reservas Técnicas	72,00	

TOTAL . . . . . . Cr$ 1.000,00

1 - Convém notar que parte das despesas efetuadas com material, que figura como Despesas Administrativas, destina-se aos próprios associados e empregadores, os quais recebem gratuitamente do I. A. P. I.:

Cadernetas de contribuições;
Impressos para requerimentos de benefícios;
Cartão de protocolo, cartão de identidade;
Guia de recolhimentos, etc.

2 - As reservas técnicas, formadas pelo saldo do exercício, estendem-se às inversões do Instituto (entre as quais incluem-se o financiamento de casas para os segurados, a construção de conjuntos residenciais, etc.).

Além de Cr$ 72,00 retirados de cada 1.000 cruzeiros de contribuições, compreendem ainda as reservas técnicas os juros da aplicação de capitais, a contribuição efetivamente paga pela União (Cota de Previdência), etc.



GABINETE DO GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

São Paulo, 10 de março de 1954

Por intermédio da "Revista da Semana", saúdo os valorosos futebolistas brasileiros que regressam ao Brasil, vitoriosos dos certames preliminares da América do Sul. Que conquistem, nos próximos prélios, o Campeonato Mundial, são os votos do Governador do Estado de São Paulo.

Lucas Nogueira Garcez

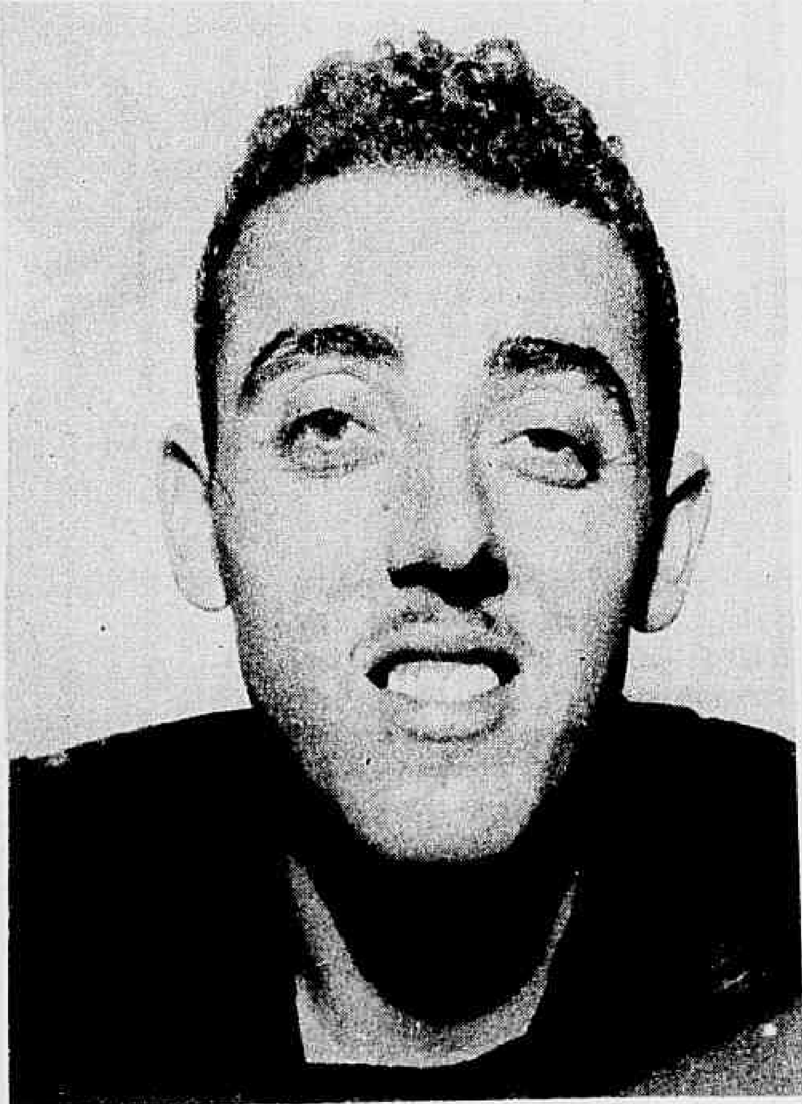
BPB.

OS PAULISTAS NA SELEÇÃO

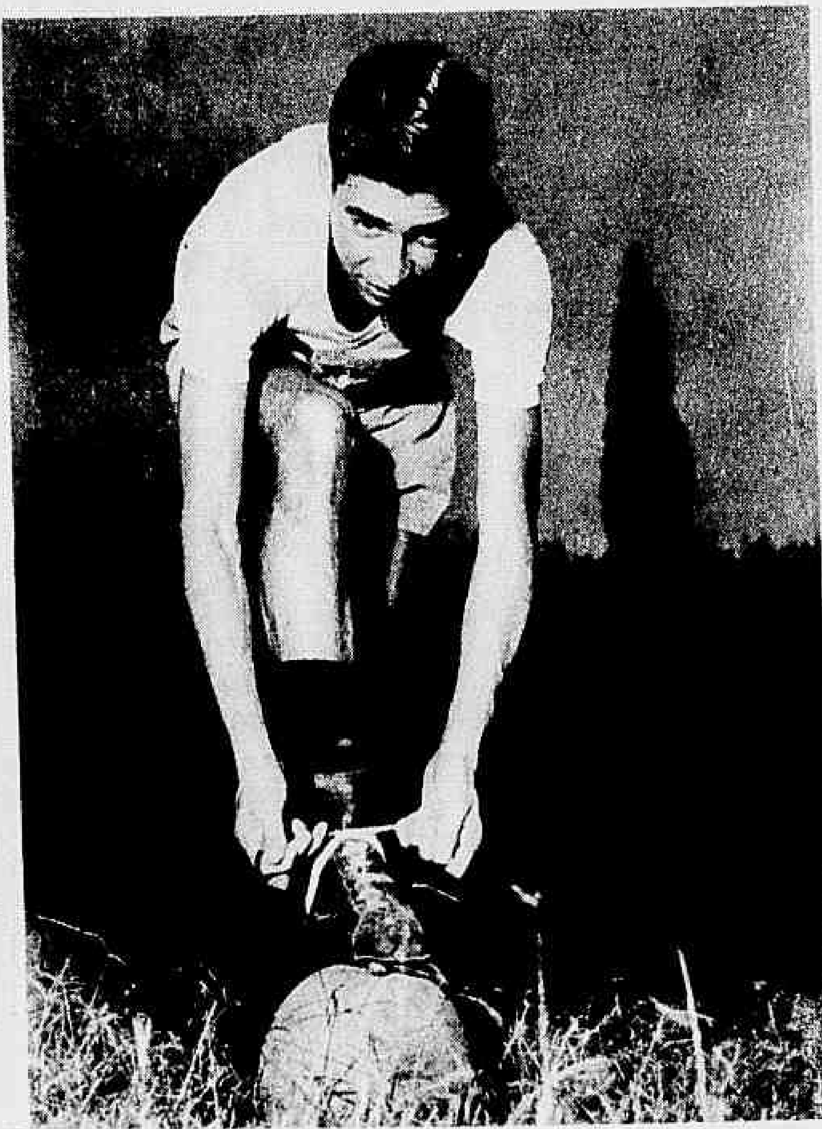
A RAPAZIADA BANDEIRANTE DÁ (E RECEBE) LIÇÕES DE BOM FUTEBOL, LEVANDO SEMPRE A MELHOR — «LOS MUCHACHOS» FICARAM TONTOS E BALTAZAR CHUTOU EM «GOAL»

Reportagem de HÉLIO ABREU

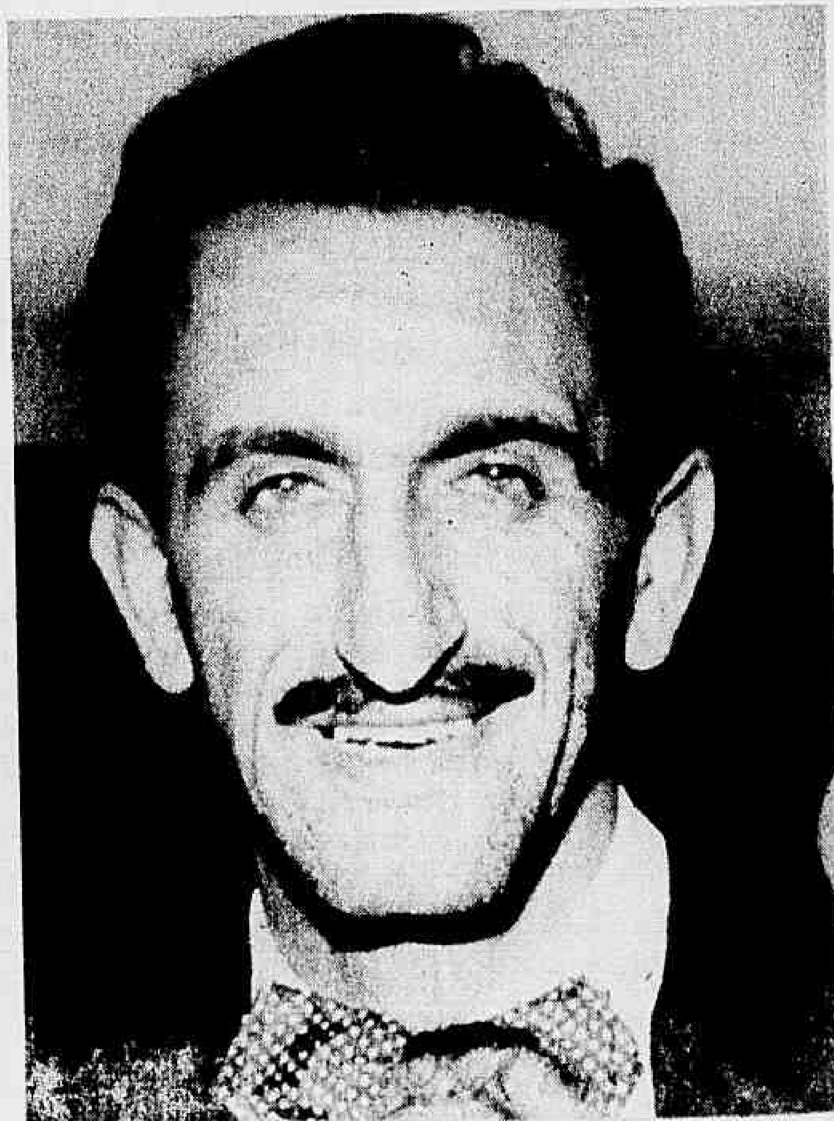
SÃO PAULO, um dos maiores celeiros do país é, também nos esportes, um Estado de vanguarda. Assim, grande foi a sua contribuição, quando da constituição do selecionado que deveria representar o Brasil no certame mundial. Nada menos que onze (dos melhores) valores da paulicéia foram convocados e, dêles, sete têm participado das pelejas e construído vitórias. Baltazar é o artilheiro do «scratch» e garantiu-nos os tentos que nos deram vitórias perante o Chile e Paraguai. Embora exista quem diga estar a linha brasileira ainda fora de forma (a defesa, segundos êstes, está boa) o certo é que os bandeirantes não têm comprometido a seleção. Pelo contrário, a rapaziada de São Paulo tem sabido se comportar de acôrdo com as tradições do melhor futebol de Piratininga.



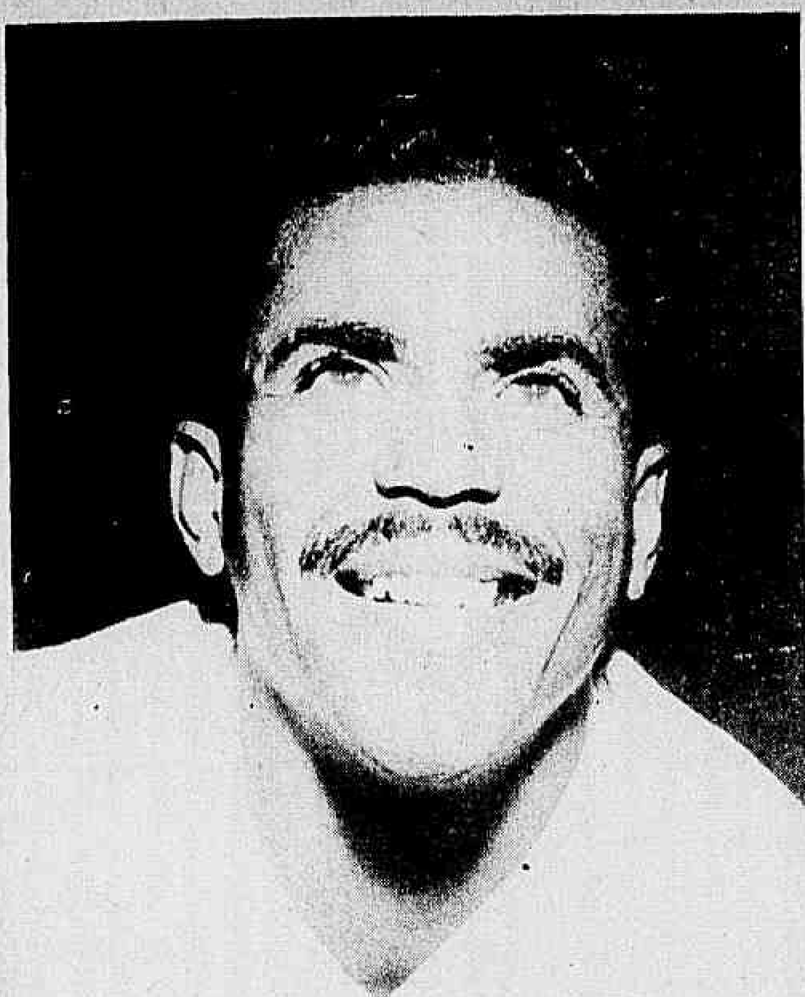
CABEÇÃO, O ARQUEIRO — Reserva de Veludo se bem que tenha classe para dar e vender. Espera, pacientemente, a sua vez.



MAURO, O GARÔTO — Amarra a chuteira e pisa a pelota que, cedo ou tarde, será por êle manobrada. Quem sabe?



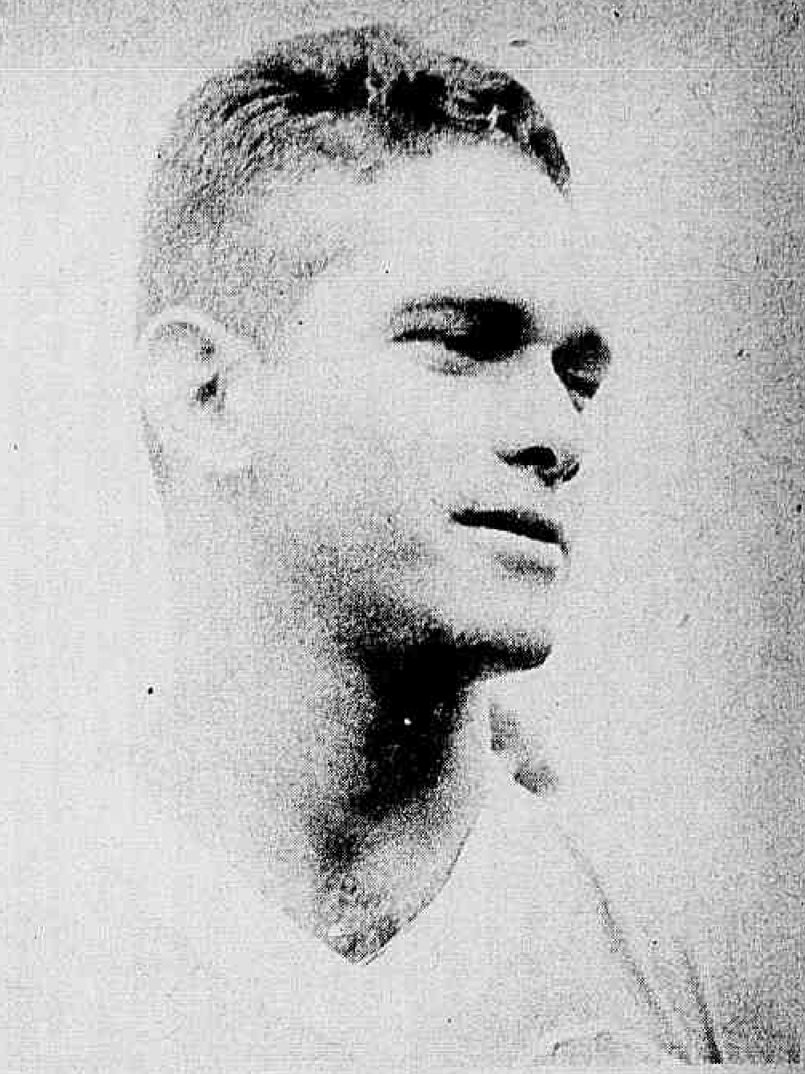
ALFREDO, O HALF — Outro sampaulino que aguarda aparecer. Dizem (os sampaulinos) ser êle o maior.



BALTAZAR, O ARTILHEIRO — Marcou os tentos que deram a vitória ao Brasil. É sempre u'a ameaça.



BAUER, O CAPITÃO — Jogador firme, dono e senhor absoluto de seus nervos, é a esperança de milhares de torcedores



HUMBERTO, NA BERLINDA — Dizem que o craque palmeirense tem dado pouco rendimento. Acreditamos que melhore



BRANDÃOZINHO, O ROMPE LINHAS — Atua com firmeza e parece ter ímã nos pés. Está entre os melhores da seleção.





JULINHO, O MAIOR — É considerado o «grande» do esquadrão nacional. Por seu intermédio brilha a Portuguêsa



RODRIGUES, O ZATOPECK — Corre como o homem locomotiva, mas está deslocado pelo sistema de Zezé Moreira.

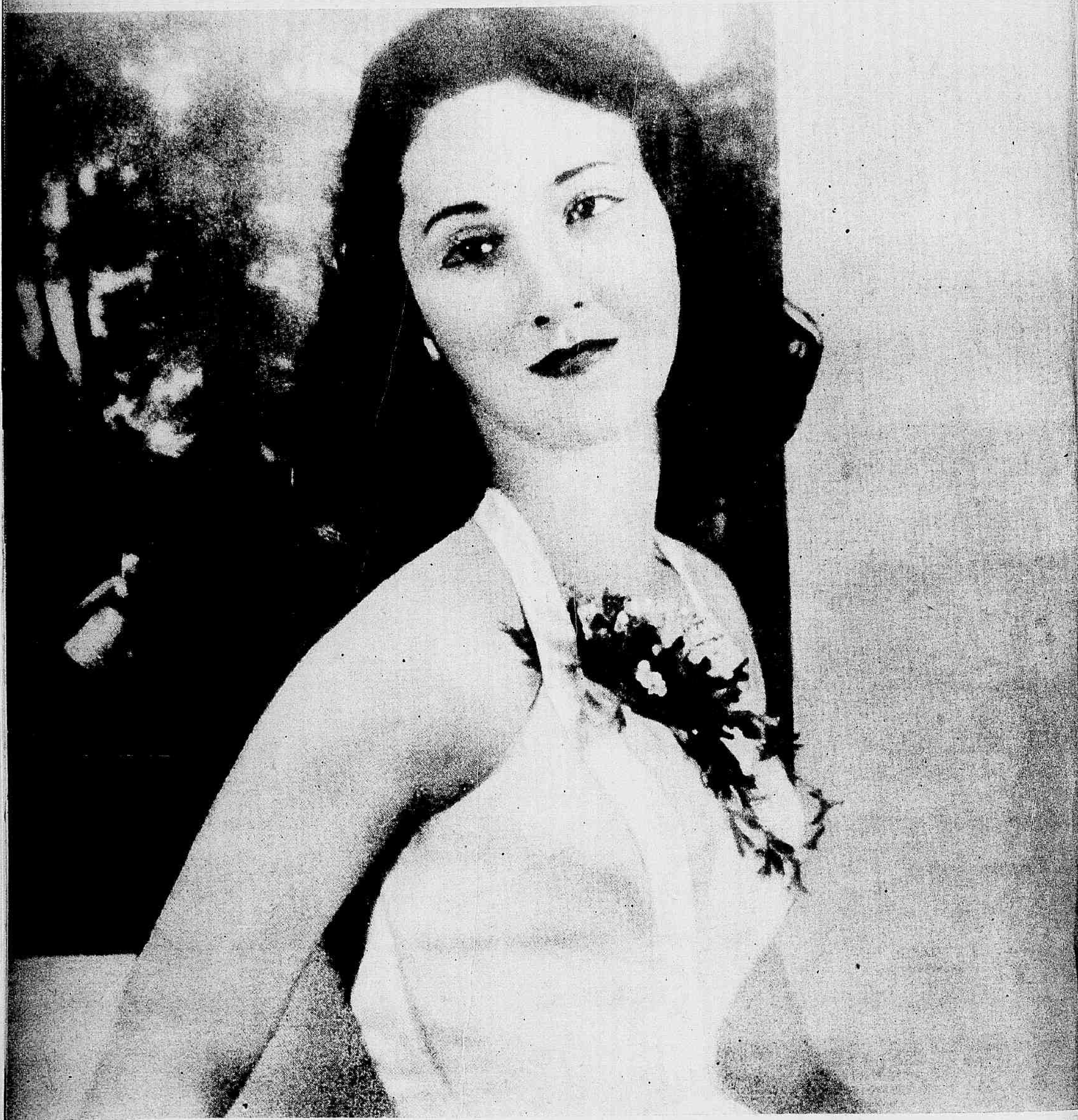


DJALMA SANTOS, UM BALUARTE — Começa bem e termina melhor ainda. Negro dos pés de ouro, uma esperança certa



MAURINHO, O SAMPAULINO — Menino bom, de «ponta a ponta» o melhor. Estreou com sucesso no jôgo contra o Paraguai.

CONVULSIONA A ITÁLIA "O MAIS NEGRO ESCÂNDALO DO APÓS-GUERRA"



O CADÁVER NU DA MOÇA AMEAÇA DERRUBAR O GABINETE





Nas fotos ao lado e acima, Wilma Montesi, a jovem cuja morte, dada pela polícia como um «incidente», transforma-se no ponto central de uma série de escândalos e denúncias que sacodem à Itália Inteira.

A PERSISTÊNCIA DE UM JORNALISTA ACABA POR EXUMAR DE UM SIMPLES "ACIDENTE" TÔDA A TENEBROSA TRAMA DE CRIMES ATÉ ENTÃO ESCONDIDOS NO "UNDERGROUND" DE ROMA ★ UMA QUADRILHA DE TRAFICANTES DE ENTORPECENTES DA QUAL FARIAM PARTE INCLUSIVE O FILHO DO MINISTRO PICCIONI E O MÉDICO OFICIAL DO PAPA PIO XII ★ A HISTÓRIA DE WILMA MONTESI, TÍPICA FLOR DO MUNDO "EXISTENCIALISTA" DA VIA DEL BALBUINO ★ ALIDA VALLI: O ÁLIBI DO FILHO DO MINISTRO.

Reportagem de FRANCISCO RIBEIRO

A Via del Balbuino, em Roma, começa na Praça de Espanha (uma das mais belas da capital italiana, com a soberba «escalinata» de Santa Trinitá dei Monti lhe servindo, ao fundo, de parede) e vai terminar na ampla Piazza del Popolo, dois quilômetros adiante. É uma rua estreita, mas rica: casas de jóias, peleterias, galerias de arte, livrarias; e, principalmente, pequenos bares acolhedores e mornos, à semelhança daquelas típicas «boites» parisienses. Quando o «Existencialismo» do sr. Sartre chegou a Roma, logo no segundo ano do após-guerra, foi na Via del Balbuino e na sua paralela, a Via Margutta, que instalou-se, criando em tôrno da idéia nova e característica atmosfera atirada e boêmia que o mundo inteiro começou a importar de Saint-Germain des Prés e do Boulevard Saint Michel.

Entre os freqüentadores dos bares das vias del Balbuino e Margutta, duas espécies se destacam: os «signori» de fortuna e negócios equívocos, à procura de aventuras galantes, e as «ragazze» ambiciosas que, confiantes na beleza e na sorte, chegam a Roma em busca da celebridade — dessa celebridade que pode encarnar-se na pessoa de um diretor de cinema da «Cinecittá» ou na figura «rafinée» de um «uomo d'affari» de muito dinheiro e relações poderosas.

O CADAVER SEMI-NU DA MOÇA APARECEU NA PRAIA DE OSTIA

Também Wilma Montesi — uma jovem de menos de vinte anos — deixou um dia o seu lar modesto, na periferia de Roma, para a conquista do «grande mundo» resumido no Balbuino, na Via Margutta ou, lá em cima, no fabuloso mundo de «sopra» da Via Veneto — a mais categorizada artéria romana onde se encontram, entre outros, o famosíssimo

ADRIANA BISACCIA

O que vou contar deve servir de exemplo às moças transviadas como eu

O CADÁVER NU DA MOÇA AMEAÇA...



Hotel Excelsior (cinco apartamentos no 3º andar estão permanentemente à disposição do Aga Khan) e a Embaixada dos Estados Unidos, ocupando tôda a ampla e luxuosa Vila Margherita, antiga residência dos príncipes de Savoia. Wilma Montesi, filha de um simples funcionário público, tem apenas dezenove anos quando começa a freqüentar os «barreti» da Via del Balbuino e da Via Margutta. É uma moça de grande beleza: olhos vivos, «allure» de princesa, cabelos pretos, pele branca, busto saliente — o tipo perfeito da mais perfeita beleza romana.

De um certo modo, Wilma vive uma dupla vida. É, ao mesmo tempo, noiva de um funcionário subalterno da polícia romana e companheira dos giros noturnos

O jornalista Muto, diretor da revista «Actualitá», afirma que, no «caso Montesi», a polícia foi comprada. E que o próprio ministro Piccioni é um dos sócios do traficante marquês Ugo Montagna. Na foto abaixo — Alida Valli, a famosa artista de cinema, em cuja companhia Giampero Piccioni, filho do Ministro, afirma ter passado a noite na qual teria se dado a orgia na «reserva de caça» de Montagna.



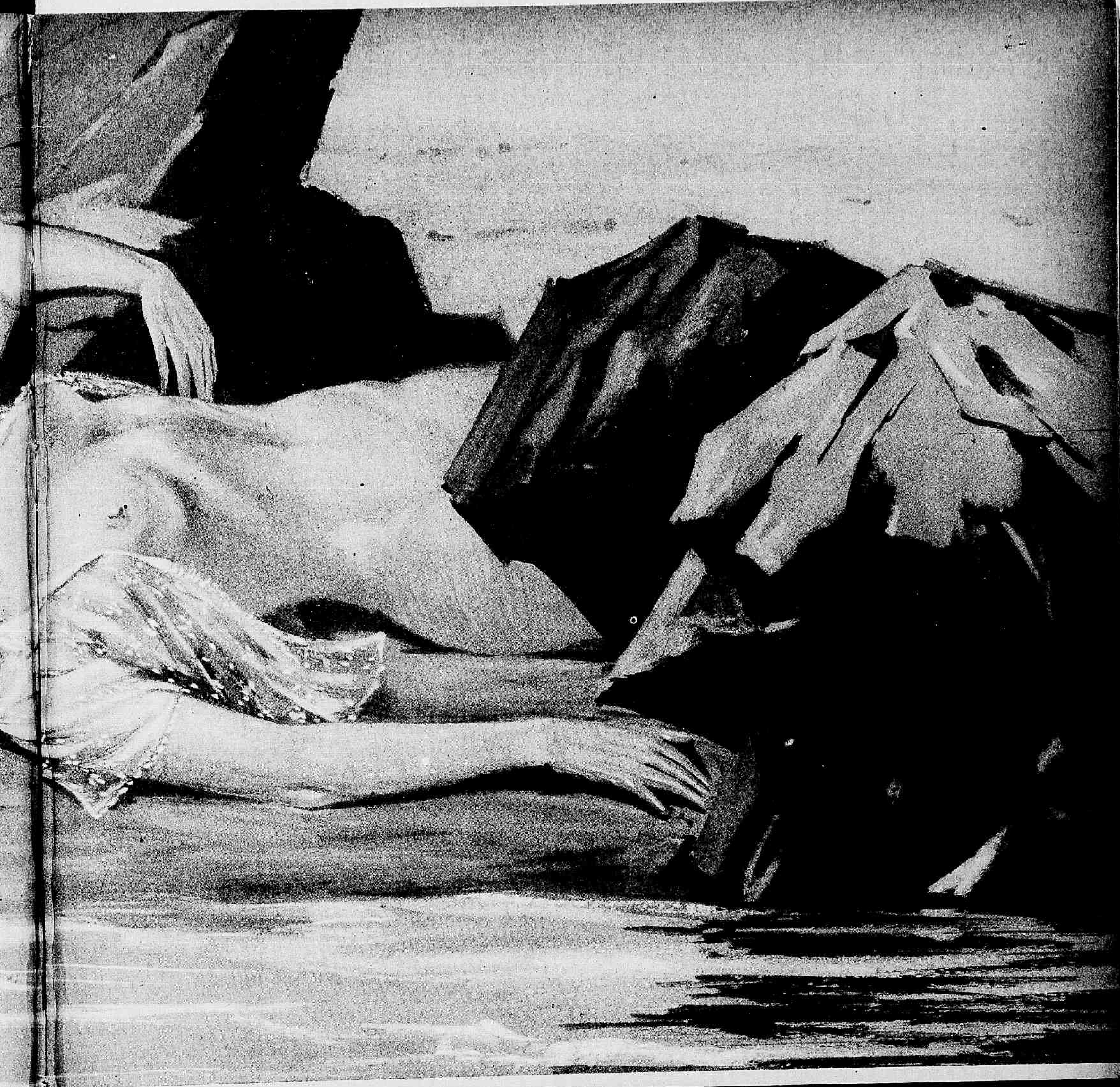


O CADÁVER MOÇO E

organizados pela granfinagem endinheirada e aventureira do «grand monde» da capital.

Certo dia, a jovem Montesi desaparece. Durante tôda uma semana, o seu pai indaga aflito do seu paradeiro, sem sucesso. Até que uma certa manhã o seu corpo é encontrado, semi-desnudo, estirado num recanto da praia de Ostia, a vinte e dois quilômetros de Roma. A polícia remove o cadáver, submete-o à autópsia de praxe, rápidas sindicâncias logo se encerram: a morte de Wilma Montesi, para a polícia de Roma, não passou de um **acidente**. Possivelmente, ao tentar escalar um dos pequenos rochedos da praia, Wilma tropeçou e caiu no mar, morrendo afogada. O fato ocorrera há perto de um ano — em abril de 1953.

Na tarde em que desapareceu de casa — era o dia 9 de abril — Wilma Montesi deixara sua mãe e sua irmã na porta de um cinema, no centro de Roma. Queixava-se de dor de cabeça — ia deitar-se, explicara. Mas não foi. Mudou de roupa, saiu novamente. E só cinco dias após era encontrada — **mas já** morta. O jovem operário que deparou com o seu cadáver explica que o **corpo** da moça estava semi-desnudo; e que **um** pedaço de liga se atava a um dos tornozelos. Mais tarde, ao se **encerrarem** as sindicâncias, a explicação **da polícia** para o incidente era uma só: Wilma fôra vítima de uma imprudência. Sofrendo — como atestou o seu médico — de uma espécie de erisipela perniciosa, atendera à recomendação de alguém, que lhe aconselhara mergulhar o pé doente na



E BELO SURGIU, QUASE NU, NA PRAIA DE OSTIA

água do mar. Daí a sua presença na praia de Ostia, onde — informava a perícia — vítima de um tropêço ou escorrêgo, acabara por afogar-se naquelas águas, comumente tão tranqüilas, do Thyrreno. Sim, fôra um acidente.

«FOI UM CRIME!»

Mas quase um ano após o fato o jornalista Silvio Muto grita: «Não! Não foi um acidente! Foi um crime!» E acrescenta, sensacional: «Apenas um crime hediondo entre tantos outros, praticados todos pela mesma quadrilha».

Muto é jornalista de estilo aceso e já foi acusado de professar idéias neo-nazi-fascistas; e por isso é que odeia todos os elementos da aristocracia e da burguesia italianas que, favorecidos pelo regime de Mussolini, abandonaram o «Duce» quando a sua causa estava perdida. Explicam-se, assim o rancor e a inclemência de suas acusações contra o marquês Ugo Montagna, a quem acusa de chefiar o «gang» de negociatas e traficantes de drogas, em cujas mãos foi sacrificada a inocente Wilma Montesi.

A versão de Muto para o «caso Montesi» é esta: afirma êle, baseado no testemunho de duas jovens, Adriana Bisaccia e Anna-Maria Moneta Caglio (típicas libélulas do mundo «existencialista» da Via del Balbuino), que Wilma Montesi, atraída para a «reserva de caça» de propriedade do marquês Ugo Montagna di San Bartolomeo, nas proximidades da praia de Ostia, acabou participando de uma incrível orgia, onde se verificara grande consumo de drogas e bebidas alcoólicas. Fortemente intoxicada, a moça, que era quase uma noviça no mundo noturno e boêmio de Roma, acabou por sucumbir. E o seu cadáver, vestido às pressas, foi levado por Montagna e companheiros até a orla do mar, e atirado às águas do Thyrreno.

Silvio Muto, na sua primeira reportagem, que abalou a Itália inteira, cita nomes de alguns dos personagens presentes à fatídica «esbórnia». São nomes todos importantes, como o de Giampero Piccioni, filho do ministro Piccioni, componente do atual gabinete italiano, e o do professor Galeazzi-Lisi, «archiatra-pontificio» (ou seja, médico oficial do Papa Pio XII).

Com o aparecimento, na história, do nome do marquês Ugo Montagna, «brasseur d'affaires» conhecido em tôda a Itália, o caso tomou vulto. Montagna processa o jornalista. E o jornalista chama, em sua defesa, o testemunho das duas moças já citadas: Adriana Bisaccia e Anna-Maria Moneta Caglio.

«VOU CONTAR TUDO»

A primeira das duas testemunhas, Adriana, é uma jovem loura de vinte e um anos, criada nas estufas «existencialistas» das vias Del Balbuino e Margutta. Chamada a depor, ela compareceu ao Tribunal vestida espetacularmente: calças compridas, de veludo negro, capa de gabardine «a lá Montgomery», botinas de feltro e um «fichu» amerelo e marron amarrado à cabeça — tal e qual o mais legítimo modêlo «sartriano» de Saint-Germain des Prés.



O MÉDICO DO PAPA — Galezzo Lisi, também está envolvido no escândalo. Anna Maria Caglio, ex-amante do marquês de Montagna, aponta-o como frequentador assíduo das orgias de Ostia.



GIAMPERO PICCIONI — Filho do ministro Piccioni, das Relações Exteriores, é acusado por Muto e por Maria Caneto de haver causado a morte de Wilma Montesi. Giampero Piccioni defende-se afirmando ter passado aquela noite em companhia da atriz Alida Valli.



SCELBA — O atual chefe do gabinete italiano, e o Inimigo n.º 1 dos comunistas, vê agora o seu govêrno estremecer diante do impacto dêsse que está sendo chamado pelos jornais italianos como «o mais negro escândalo do após-guerra».

O CADÁVER NU DA MOÇA

Sua vida é a repetição de outras tantas semelhantes: menina provinciana, transferiu-se com a família para Roma, em 47; em 49, já serve de modêlo a pintores da cidade baixa; e em 50, está ligada a tôda a fauna dos «barreti» da Via del Balbuino e da Via Margutta. Vicia-se em entorpecentes. Conhece Ugo Montagna e seus amigos.

Meses depois, o jornalista Silvio Muto trava conhecimento com Adriana. Leva-a para o seu jornal, como secretária particular. E acaba extraindo dela a história que revela os cometimentos de Montagna e comparsas no comércio dos entorpecentes, a sua culpa na morte de Wilma Montesi, bem como outras transações ilícitas. Mas o fato é que, chamada a depor, Adriana passa a limpo tudo o que contara a Muto: não sabe nada, não conhece Montagna, nunca ouviu falar em Wilma Montesi.

Dias depois, o depoimento da segunda testemunha acaba por eclipsar, por sua importância, aquêle de Adriana Bisaccia. Com efeito, Anna-Maria Moneta Caglio é, malgrado os seus vinte e três anos, uma personagem mais importante do que a jovem «existencialista». Filha de um grande advogado de Milão, Anna-Maria, que pertence a uma das mais nobres famílias milanesas, troca a sua cidade por Roma, onde chega repleta de ambições. É elegante, rica, ambiciosa, além de prendada: tem o curso de direito, de ciências políticas e arte dramática. Em Roma, conhece o marquês Ugo Montagna. Embora uma vintena de anos separe um do outro, tornam-se amantes. Montagna é pródigo: todos os meses entrega à amante perto de um milhão de liras, e não regateia quando Anna-Maria, caprichosa, pede-lhe que financie um «Pequeno Teatro Pirandello», onde ela pretende «debutar». Anna-Maria, contudo, não obtém sucesso como atriz; em seguida, o amor entre os dois esfria, e vem a separação. Na verdade, o marquês Montagna despreza-a e manda-a de volta para casa.

Ultrajada e enciumada, Anna-Maria resolve falar. E conta tudo o que sabe. Suas declarações, primeiramente escritas (a conselho do seu pai e de seu confessor jesuíta) numa espécie de diário, foram repetidas diante do tribunal que está julgando o jornalista Silvio Muto. São confissões sensacionais, que agora sacodem a Itália de norte a sul.

«GIAMPERO PICCIONI ASSASSINOU WILMA MONTESI!»

No dia 28 de março passado, quando compareceu pela última vez perante o Tribunal, Anna-Maria Moneta Caglio foi incisiva nas suas declarações. Após acusar Giampero Piccioni (filho do ministro Piccioni) de ter assassinado Wilma Montesi, volta-se contra Montagna, seu ex-amante, ao qual denuncia como «o verdadeiro chefe de uma quadrilha e o cérebro dos traficantes de entorpecentes». E contam os jornais que um frêmito nervoso correu pela sala do Tribunal quando, com voz pausada, o advogado



O MARQUÊS UGO MONTAGNA — «Brasseur d'affaires», aventureiro, aristocrata e homem de mil relações, é apontado pela sua ex-amante, Anna Maria Moneta Caglio, como o «cérebro e o chefe real» de uma quadrilha de traficantes de entorpecentes. Wilma Montesi teria morrido em sua casa

AMEAÇA DERRUBAR O GABINETE

da depoente leu a seguinte declaração escrita do próprio punho de Anna-Maria:

«— Desejo que todo mundo saiba que sempre ignorei os tráficos ilícitos de Ugo Montagna. Ùnicamente, amei muito a Ugo e sempre ignorei que êle tivesse uma existência dupla. Suspeitei tão apenas que êle estava coberto de dívidas. . .

Escrevo esta carta para que outras moças não tenham o mesmo fim que eu. Tenho princípios cristãos, bastantes, para que me deixe levar pelo propósito de suicidar-me. Mas, conhecendo o caráter de Ugo Montagna e do Piampero Piccioni; tenho mêdo de desaparecer sem deixar traços.

Soube que o chefe da quadrilha do tráfico de entorpecentes é Ugo Montagna, que é responsável igualmente pelo desaparecimento de numerosas mulheres. Êle é o cérebro dessa quadrilha, enquanto que Giampero Piccioni é o assassino.

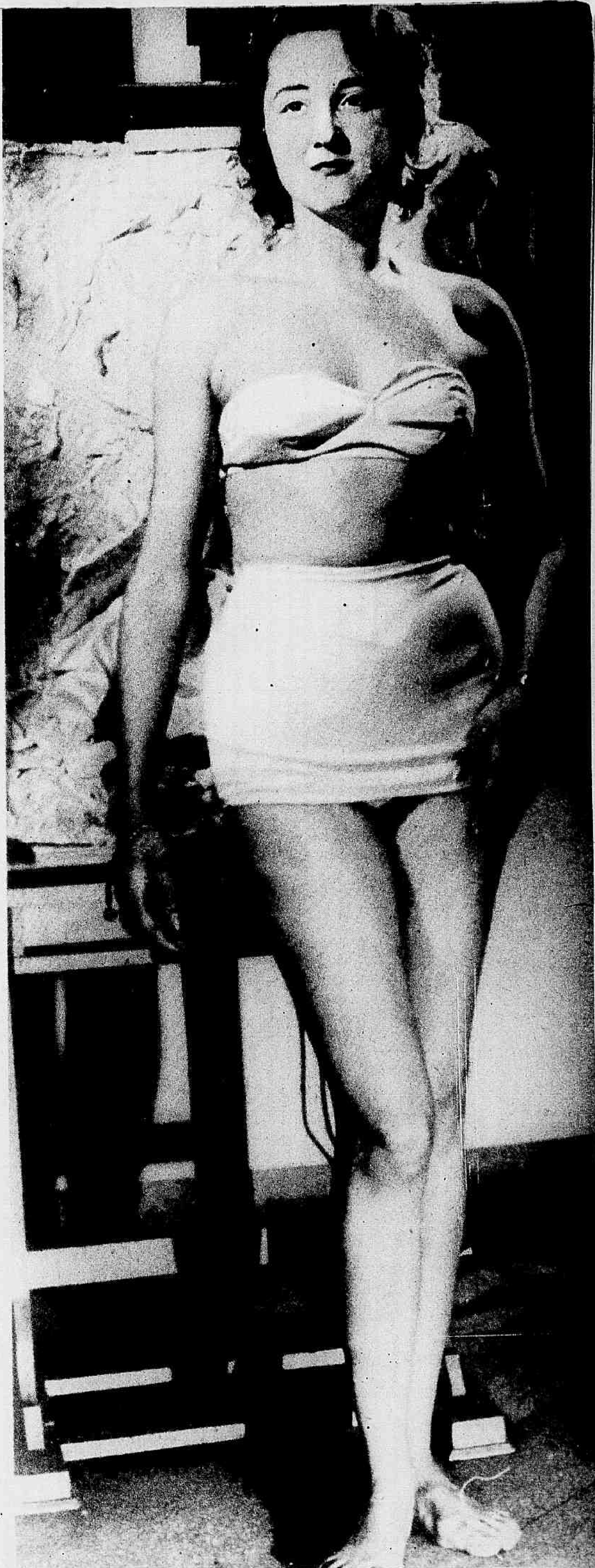
Poderia dizer muitas outras coisas, mas deixo ao sr. o encargo de descobrir completamente êsse triste episódio.

Aconpanhei, pessoalmente, Ugo Montagna e Giampero Piccioni à casa do chefe de Polícia, Tomaso Pavone, para obter o silêncio sôbre o caso Montesi. Se eu não puder mais falar, dirija-se o sr. à senhora Marri, que lhe falará como se fôsse eu mesma.

Faço votos para que a justiça leve a melhor contra êsses criminosos».

E quanto ao «caso Montesi», Anna-Maria revelara, num interrogatório anterior, que surpreendera Wilma Montesi saindo da casa de Montagna, nas proximidades de Ostia, na noite em que ela, Anna, lá estivera pela última vez, na tentativa derradeira de uma reconciliação. Montagna e Montesi tomaram o carro do marquês e Anna-Maria, na sua «Fiat», seguiu-os até Roma, sem ser percebida. Foi a última vez — conta — que viu a ambos.

O escândalo põe tôda a Itália num estado de tensão. Piccioni, o ministro das Relações Exteriores, e uma das mais sólidas colunas da «Democracia Cristã» de De Gasperi e Scelba (êste atualmente chefe do Gabinete) ameaça ser derrubado. O próprio govêrno de Scelba, contra quem os comunistas, seus tradicionais e inclementes inimigos, fazem tremenda carga, vacila e treme. Conta-se mais que S. Santidade o Papa, enfêrmo, ao ter conhecimento do que o seu próprio médico — Galeazzi Lisi — participara de mais de uma orgia na «reserva de casa» de Montagna, teve uma séria recaída — aquela da primeira semana de fevereiro, e já proibiu a entrada no Vaticano do seu antigo «archiatra». Entrementes, Silvio Muto, que está decidido a levar a coisa até o fim, promete novas e estarrecedoras revelações. Em Roma, Milão, Florença e Nápoles, em tôdas as grandes cidades italianas, as manchetes dos jornais não tratam senão do «caso Montesi». E nem as renhidas disputas futebolísticas que tôda «domenica» se realizam na Itália inteira conseguem desviar a atenção dos 50 milhões de italianos para êsse que está sendo chamado de «o mais negro escândalo do após-guerra».



ANNA MARIA MONETA CAGLO — Ex-modêlo dos pintores da via del Balbuina, flor «existencialista» dos bares da Via Margutta e ex-amante do marquês Ugo Montagna, decidiu-se, por ciúmes, «a contar tudo». E está contando.

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O

AFAMADO FREIO

CONTRA-PEDAL



O NOVO

PERRY

DUAS ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LTD.

BIRMINGHAN — INGLATERRA

RESPOSTAS AO TESTE DA PAGINA 40

1 — La Rochefoucauld ★ 2 — Vinte ★ 3 — Granito ★ 4 — Babilônia ★ 5 — Nabucodonosor ★ 6 — Desapareceu com um terremoto ★ 7 — Uma ilha ★ 8 — O Amazonas ★ 9 — Teresina ★ 10 — Morro de S. Januário ★ 11 — Inauguração do serviço de bondes ★ 12 — Os 20 milhões de água de Frontin (água em 6 dias) ★ 13 — Agua escondida ★ 14 — 1834 ★ 15 — Gonçalo Coelho.





COM ÓLEO DE PEROBA A SUA MOBILIA PARECE TER SIDO COMPRADA NA VESPERA

SEMANA ASTROLÓGICA

● Muitos dos nossos leitores têm estranhado o emprêgo que a REVISTA DA SEMANA vem dando às notações astrológicas, nesta seção, considerando, por exemplo, o Sol no signo do Capricórnio, entre 24 de junho e 22 de julho e não no signo do Câncer, como se admite geralmente. O signo do Câncer é oposto ao signo do Capricórnio. É justamente nessa oposição que o nosso processo se fundamenta. Os signos do Zodíaco representam as estações do ano. Câncer simboliza o verão e Capricórnio, o inverno.

● Ora, o nosso verão não chega em junho nem o nosso inverno, em dezembro. No hemisfério sul, as estações estão a seis meses, em relação ao hemisfério norte. Elas se opõem, portanto, no tempo, não obstante serem os mesmos, os seus efeitos. As nossas indicações são feitas tendo-se em conta a nossa posição meridional. Invertemos os signos para não fugir à realidade da sua fenomenologia.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 3 E 9 DE ABRIL DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Conte até dez antes de agir. O novo período não favorecerá suas atividades. Pelo contrário. No que disser respeito à vida sentimental, a ambiência dos astros poderá ensejar alguma coisa. Fora dêsse capítulo, irá tudo raso.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Não haverá modificação sensível, no seu caso, na semana entrante. O leitor poderá dar prosseguimento, com sucesso, a tudo o que tiver sido começado. As favorabilidades, da semana anterior, continuarão.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O leitor viverá uma ambiência fraca, nos próximos sete dias. Por isso nós o aconselhamos a adiar o que de mais interessante tiver de empreender. Será melhor agir com segurança, certo do êxito. Na próxima semana não lhe será oferecido clima para tanto.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Os dias 5, 7 e 9 serão os melhores da semana entrante, no seu caso. Os negócios se desenvolverão satisfatòriamente e, em referência à profissão, terá muita probabilidade para conseguir uma sensível melhoria. Nos dias não indicados acima, não dê nem solicite crédito.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Sua posição é a de um homem prestes a ser traído. Recomendamos-lhe, portanto, todo o cuidado nas declarações que fizer e a maior prudência no que empreender. Adote, nos próximos sete dias, o salutar princípio dos cosmosofistas: ver, ouvir, calar e ousar.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O clima benéfico, da semana em curso, continuará, possibilitando-lhe algumas realizações mais interessantes. No seu interêsse, não tome parte em reuniões quaisquer e evite, como possível, os transportes coletivos, especialmente no dia oito.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Não faça viagem no próximo período. Sua posição, em face do influxo dos astros é desfavorável a tal respeito. Há ameaças de perigosos acidentes, notadamente nos dias 4 e 8.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Tudo lhe correrá bem nos sete dias que se aproximam. Aproveite a oportunidade para dar corpo às idéias já amadurecidas e para dar realidade aos projetos em fase de efetivação. Tudo sairá a contento.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O leitor poderá agir com desenvoltura, no próximo período. Imponha-se, faça valer sua vontade. Seu magnetismo pessoal estará dando o máximo. Em tais condições, dê cartas e jogue de mão, como se diz.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — A próxima semana será muito melhor para as pessoas comandadas por Saturno. É êsse o seu caso. Os negócios já iniciados terão pronto andamento. O ambiente será o mais propício às próprias iniciativas.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — A pressa é inimiga da perfeição. No seu caso e na próxima semana, o adágio terá a melhor aplicação. Não corra, não precipite os acontecimentos. Mantenha-se em prudente reserva e será bem aquinhoado.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Evite o sexo oposto, sob todos os aspectos, especialmente o sentimental. Há perigo de escândalo, de desunião e de agressão com passagem pela Polícia e pela Justiça, com o intervalo indispensável, na Detenção.

OS NOMES DA SEMANA

Abril,	3	—	Adésio	—	Almira
"	4	—	Joaquim	—	Zulmira
"	5	—	Júlio	—	Elvira
"	6	—	Antenor	—	Narcina
"	7	—	Célio	—	Armina
"	8	—	Clétio	—	Niécia
"	9	—	Fábio	—	Fausta

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Abril,	3	—	13º - 11' - 38"	(Signo do Carneiro)
"	4	—	14º - 10' - 46"	(" " ")
"	5	—	15º - 9' - 52"	(" " ")
"	6	—	16º - 8' - 56"	(" " ")
"	7	—	17º - 7' - 57"	(" " ")
"	8	—	18º - 6' - 56"	(" " ")
"	9	—	19º - 5' - 53"	(" " ")

MULTA QUE SE TRANSFORMA EM BOM NEGÓCIO

RENATO DE ALENCAR

A vida moderna, com todos os seus percalços e incidentes (ou acidentes), tem imprevistos que dão o que pensar. São verdadeiras lições de bom humor e merecem um lugarzinho em nossa antologia, para que as gerações em desenvolvimento e as que estão surgindo, possam tirar de tudo isso boas e proveitosas lições. Vejam os leitores o que sucedeu nesta sempre heróica e lealíssima cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, no trecho da Av. Presidente Vargas com uma das artérias transversais.

Um cidadão ia com seu carro particular, levando à boléia um amigo, com o qual palestrava animadamente. A certa altura, distraindo-se, avançou o sinal. O guarda apitou a infração respectiva e **escreveu** no caderninho. Mas o motorista não se deu por vencido. Encoustou o veículo ao meio-fio, saltou e foi conversar com o agente da lei.

— Vou ser multado?

— Duzentos cruzeiros.

— Mas, seu guarda, não viu que foi uma ligeira distração minha, sem nenhuma conseqüência?

— Multado! Duzentos pratas. E não faça mais isso! Um desafôro! (Engrossou a voz, alteou-a para mostrar sua infexibilidade funcional).

— Pois não vou pagar.

— Por quê?

— Apareça lá no Catete, para conversarmos...

— No Catete?... No Distrito ou no Palácio? — Indagou o guarda com um arzinho amável.

— Não! — Disse a rir o infrator — Nem uma coisa, nem outra. Na rua do Catete nº .... em minha casa de móveis.

— Ah! O amigo tem casa de móveis?

—E muito bem sortida, a preços cômodos.

— Muito bem! Irei lá, amanhã. Estou precisando de uma copa, e...

— Justamente. Venderei a copa e farei considerável abatimento.

— Basta de duzentos cruzeiros, **tá**?

— **Tá.**

Um cordial apêrto de mão e o chofer particular tornou ao carro, movimentou-o e ainda fêz um gesto amável lá de dentro, para o gentil guarda e excelente chefe de família.

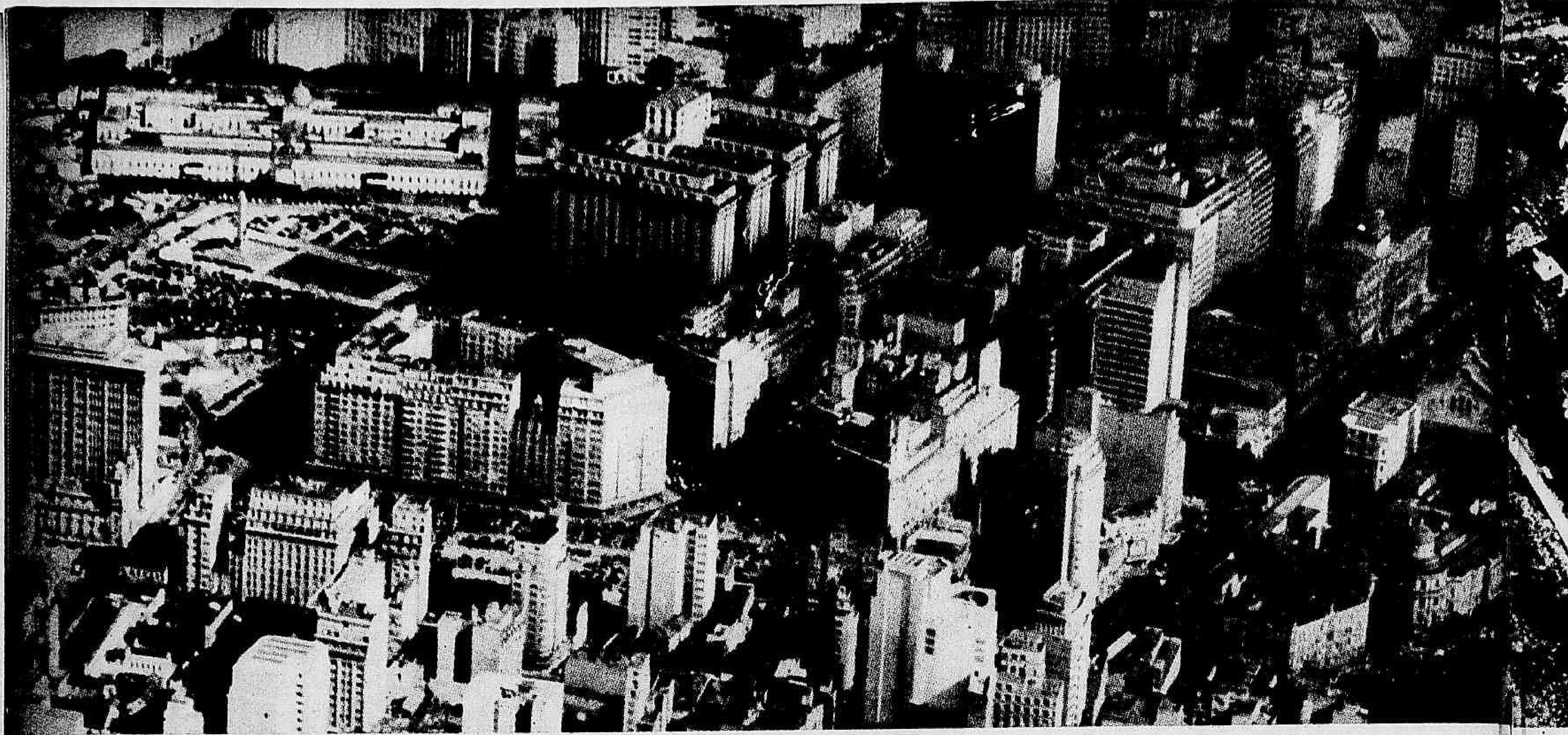
No dia seguinte, realmente, aparecia o inspetor do tráfego. Reconhecido pelo proprietário do estabelecimento comprou o de que precisava e, sôbre o montante, fêz o movelista o abatimento de duzentos cruzeiros, ainda dispensando uns trocadinhos.

No final das contas, a multa resultou em ótimo negócio, pois a fatura foi suavemente majorada, de maneira que os duzentos foram absorvidos pelo aumento anti-cofápico e o distinto guarda pagou os trastes como se não houvesse multa nenhuma a descontar...

Nada como a auto-sugestão.



Ilustração de MARIA TERESA



O RIO NÃO FUNCIONA

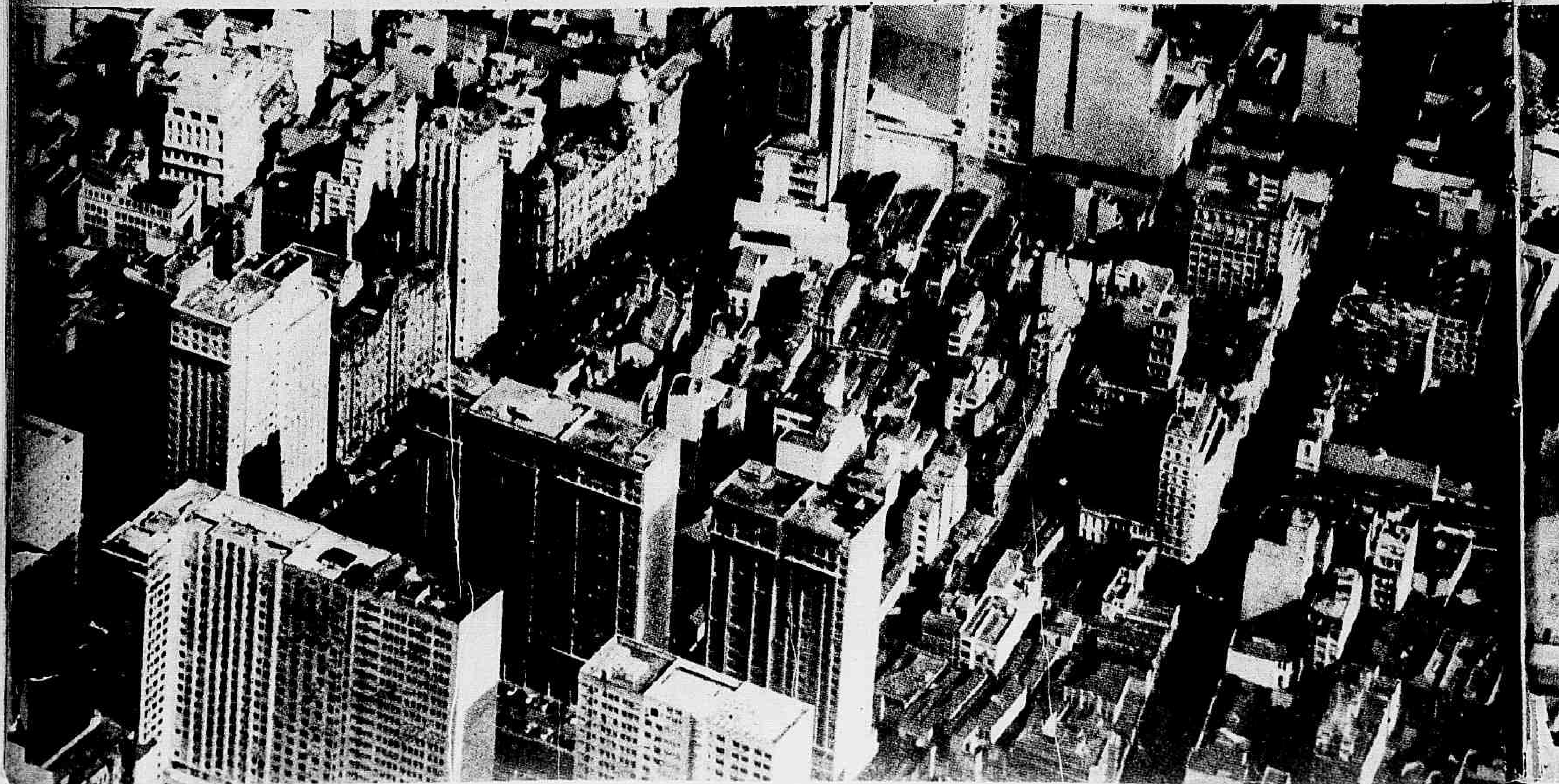
RIO DE JANEIRO, 1954: UM HOMEM CERCADO DE TABULETAS POR TODOS OS LADOS.

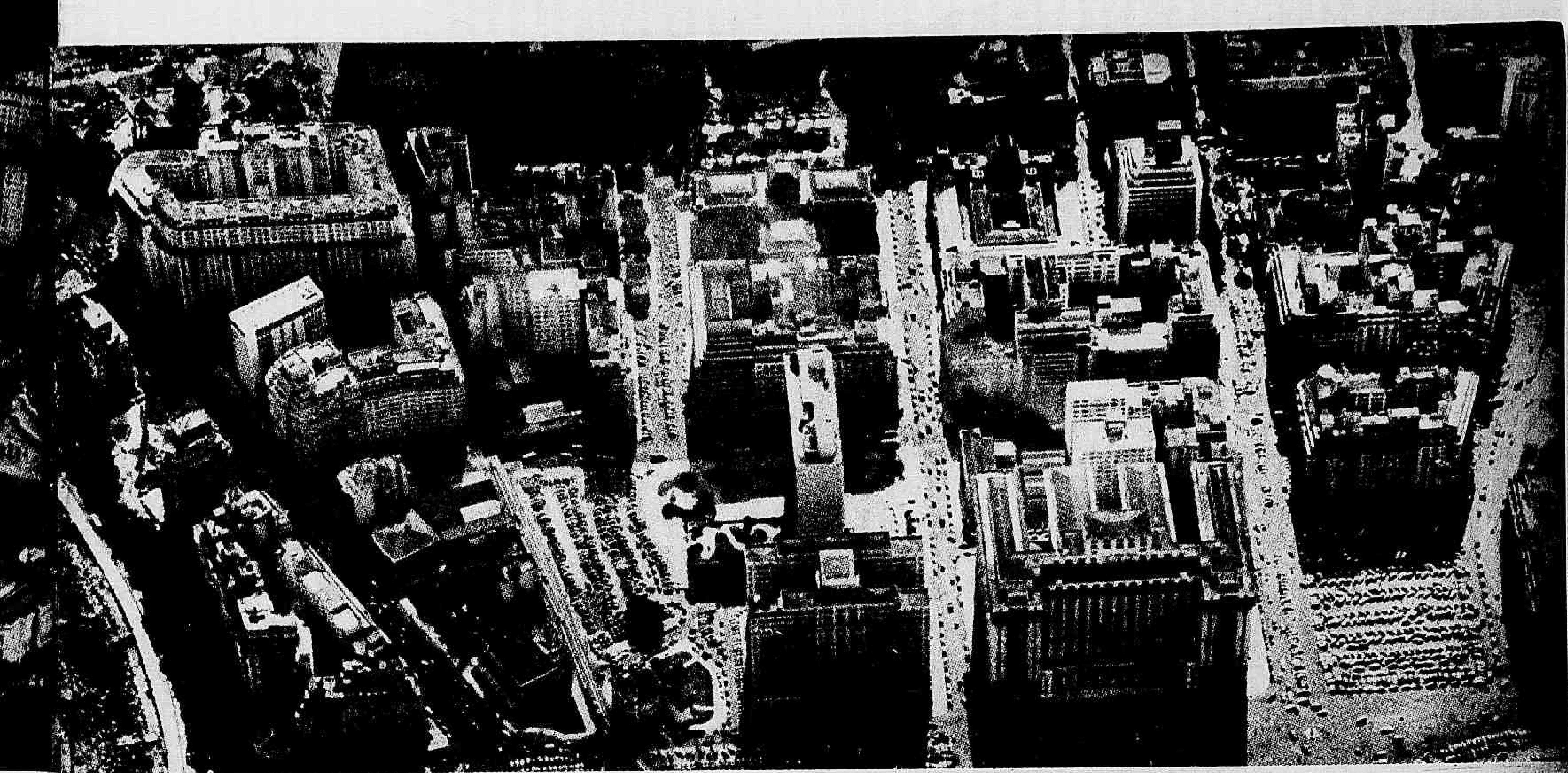
Reportagem de LEON ELIACHAR **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

PARADO no meio da rua, o homem não sabe que rumo tomar. Completamente imobilizado dentro da cidade escangalhada, êle sente que os seus cinco sentidos vão perdendo a razão de existir. Não pode andar, não pode falar, não pode beber nem comer. Vai perdendo lentamente o seu pêso — mas nem sequer pode se pesar. E se sente um náufrago, mergulhado na angústia da paralisia total. Não pode acenar o lenço, porque nem mesmo o lenço existe mais. Ao longe, no horizonte quase invisível, estão os homens que podem salvá-lo — mas preferem ignorá-lo, deixando-o morrer lentamente tolhido em seus movimentos, paralisado em suas ações.



Falta carne, falta legumes, falta trànsporte, falta leite. Só não falta o que faltar. E o carioca vai minguando, enquanto espera uma solução do govêrno, que nunca sai dos discursos para a realidade. E quando procura uma balança para se pesar, dá de cara com a tabuleta irônicamente infalível: «Não funciona» É o fim.







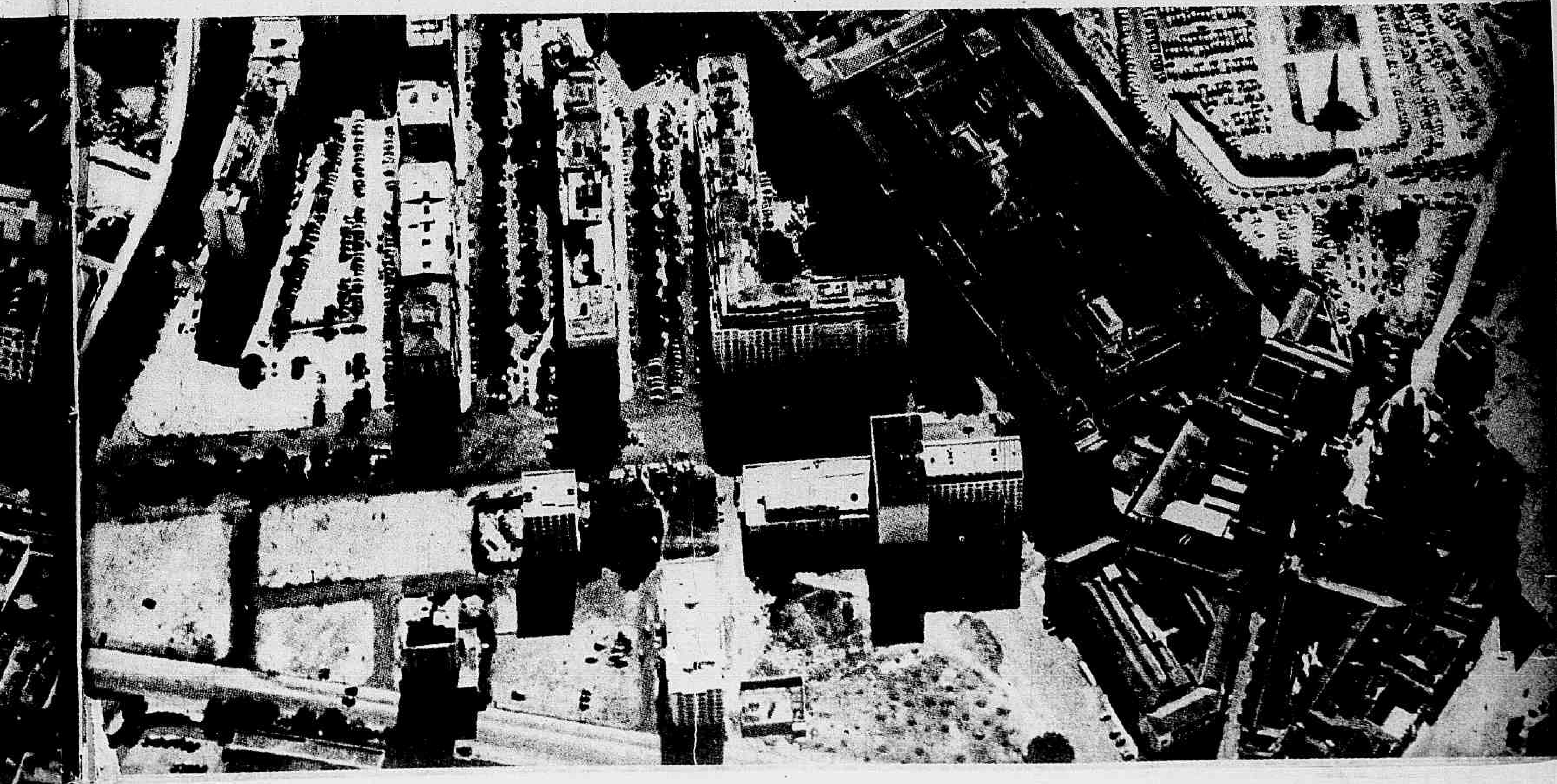
Mas não é só a fome que persegue êste pobre habitante da grande metrópole. Quando vai para o trabalho ou quando vai se divertir, o carioca tem de sair suprido, como um camelo, de um estoque de água. Porque nesta terra pràticamente sêca, não existe bebedouro que funcione e, quando funciona, nunca tem água.



Para onde vamos? Ninguém sabe. As tabuletas do trânsito são tantas e vivem sempre mudando o rumo das ruas. E as próprias ruas, cada vez mais buracos do que ruas, acabam de ficar completamente intransitáveis. Há de chegar o mômento em que o tráfego do Rio só poderá ser solucionado por meio de helicóptero.



Quando tem necessidade de dar um telefonema urgente, o homem da rua entra e sai dezenas de vêzes em botequins e farmácias, mas raramente consegue encontrar um telefone que não esteja enguiçado. Porque o Rio de Janeiro é a única cidade do mundo onde os telefones públicos não conseguem sequer ter público.



O RIO NÃO FUNCIONA





Só mesmo no Rio de Janeiro pode acontecer de uma escada enguiçar. Em todo canto, vemos buracos, pedras, demolições. Tudo está em obras. Mas nada chega ao fim. E o carioca vem descendo a escala da miséria. Qualquer dia, o próprio habitante do Rio não funcionará mais.



Os letreiros a neon anunciam o espetáculo da semana. O público aglomera-se à porta dos cinemas e dos teatros. E ali permanece horas e horas à espera da compra do seu ingresso. Porque, infalivelmente, nos cinemas do Rio uma das bilheterias nunca está funcionando.



Sobe? Desce. Desce? Sobe. Nada disso. Desta vez nem sobe nem desce. Por falta de fôrça. Ou por enguiço. E o movimento de gente apressada se condensa todo em apenas uma cabine flutuante. Tornando os elevadores a principal fonte de doenças nervosas desta pobre capital.





ÊSTE É O PALÁCIO DO CATETE. O ÚNICO QUE NÃO PRECISA DE TABULETA ALGUMA PARA QUE O POVO VEJA QUE NÃO FUNCIONA HÁ MAIS DE 20 ANOS



PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG

Grande Otelo faz carêta, mas responde

E AINDA ACHOU JEITO, ENTRE UMA PERGUNTA E OUTRA, DE BRILHAR COMO FILÓSOFO AMENO, SENDO OVACIONADO PELA REDAÇÃO

SEBASTIÃO Alves da Silva Prata — o nome é comprido e sonoro, mas não diz muito. Mas «Grande Otelo» nome de guerra de Sebastião Prata, diz tudo. Aquêles dois olhos enormes, aquêles lábios grossos e versáteis que podem assumir, na improvisação do palco, as mais variadas formas — desde o repolho maduro à rosa entreaberta; e, ainda, todos aquêles cacoetes e mímicas tão seus, fizeram dêle, Grande Otelo, um dos cômicos mais populares do Brasil.

Na semana passada, porque estivesse espairecendo, numa tarde fresca, pela Lapa, Otelo subiu as avoengas escadas aqui da redação e veio ver se era possível «dar dois dedos de prosa elevada e construtiva». Os dedos se multiplicaram — a coisa acabou virando entrevista. Metemos uma de nossas «raquetes» na mão de Otele, ficamos com a outra —e demos início a um furioso «ping-pong». Sebastião Prata recebeu a saraivada de perguntas com galhardia e sangue frio — embora diante de uma ou outra pergunta se contorcesse em caretas e alisasse a fronte úmida. Mas tudo acabou saindo bem. Vejam.

Entrevista a FRANCISCO RIBEIRO
Fotos de ALBERTO FERREIRA

Ping — Você acha que os homens preferem as louras?

Pong — Sim. E' condição da raça humana gostar de tudo que chame a atenção. Se oferecermos a uma criança um brinquedo branco e um vermelho, a criança preferirá o vermelho.

Ping — Você já ficou nervoso no palco?

Pong — Fico em tôdas as estréias, porque nunca sei o papel. Isso na opinião do autor e do diretor.

Ping — Como é que você acha que será o Brasil daqui a cinqüenta anos?

Pong — Vai tudo tão ruim e complicado que daqui a cinqüenta anos é capaz de nem haver mais Brasil.

Ping — Você vai ser candidato a vereador?

Pong — Vou.

Ping — Se candidato e se eleito, qual será o tema do seu primeiro discurso?

Pong — A alfabetização do negro brasileiro. Por que é que há mais brancos do que negros eleitos? Porque o prêto não sabe ler.

Ping — Qual foi a maior emoção de sua vida?

Pong — Foi quando vi publicada no «Diário Oficial» a portaria que me fazia funcionário público federal.

Ping — O que é que lhe dá mais trabalho — o coração ou a cabeça?

Pong — Um sujeito lá em Taquarintinga, em 1934, leu a minha mão e descobriu que eu não tenho a «linha da cabeça».

Ping — Você está contente com a cara que Deus lhe deu?

Pong — Podia ser pior. Ou não podia?

Ping — E acha que Deus está contente com você?

Pong — Quando crio alguma coisa, fico contente com o sucesso que essa coisa faz. Com as dicussões que essa coisa provoca. Deus deve estar satisfeito comigo: sou coisa Dêle e tenho provocado um bocado de discussões!

Ping — Como é que você começou a trabalhar no teatro?

Pong — Fazendo o papél de filho de um alemão na peça «Pés pelas mãos», em 1926, lá em Uberabinha, hoje Uberlândia.

Ping — E se não viesse a ser artista, o que seria hoje?

Pong — Artista. Teria que viver...

Ping — Quem é que você mais admira no Brasil?

Pong — Getúlio Vargas.

Ping — Por que?

Pong — Foi o govêrno que me criou. E parece que criou bem, porque se não fôsse assim eu viveria mal.

Ping — Acha verdadeiro o ditado que diz que só o amor constrói para a Eternidade?

Pong — (Ar grave, mão no queixo, olhar distante) — Tudo que é intenso, constrói. (Palmas na redação).

Ping — Em matéria de amor, você tem sido bem ou mal servido?

Pong — Não me lembro de ter amado ou de ter sido amado. Mas já tive e ainda sou capaz de sentir grande ternura por homens, mulheres, bichos ou acidentes geográficos.

Ping — E você, daqui a cinqüenta anos, o que será?

Pong — Na batida em que vou, acho que serei petróleo.

Ping — Quem é que você mais admira na nova literatura brasileira?

Pong — Érico Veríssimo.

Ping — E na poesia?

Pong — Não sou muito de poesia. Mas ando impressionado com o que dizem do Jorge de Lima. Era um santo muito doente, não era?

Ping — Se você tivesse de recolher-se (por recomendação médica) a uma ilha deserta, qual a dama que levaria como dactilógrafa?

Pong — Mara Rúbia.





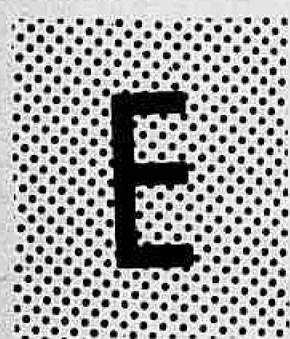
Otelo ficou uma hora aqui na redação contando coisas e suspirando confissões. Depois pagou um cafèzinho na esquina.



Há 15 anos atrás, no início de sua carreira, êle tinha mania de dizer que era «um incompreendido». Queria ser trágico.

Casa de Mulheres

ANTONIO MARIA



IS aí duas coragens de um cronista: ir a uma **casa de mulheres** e confessar que foi. O bar e a buate já não dão mais o que contar. As caras são as mesmas e mesma é a conversa superficial, que não atrasa nem adianta. Era preciso rever um prostíbulo, já que êles existem, e saber como é a prostituta brasileira de hoje em dia. Ia encostando o automóvel e senti que havia movimento na casa de sobrado. Na porta, dois homens sem paletó discutiam uma gorgeta e um trôco de dinheiro. Do terraço à meia luz, uma mulher de voz sem saúde gritou: «Almerindo, chame um táxi»! Atravessou-se um rapaz de voz afeminada e aparteou: «E' mentira, Almerindo! Ela não vai não»! Nisso, um dos homens que discutiam aproximou-se para pedir que encostasse o meu automóvel no outro lado da rua. Aproveitei aquela objeção para dar largas à minha covardia e fugir. Saí pensando que não seria homem bastante para entrar sòzinho, sentar e pedir uma bebida. Um olhar profissional mais meigo me faria baixar a vista e esquentar as orelhas. Uma sugestão da dona me deixaria sem jeito de explicar que estava ali só para ver.

Em Copacabana, contei o fiasco e dois amigos se prontificaram a me fazer companhia. Entramos. Muita luz na sala e várias mesas espalhadas. Paredes pintadas de um avermelhado quase barro e os quadros da parede eram passarinhos. Uma vitrola grande (móvel de péssimo gôsto) tocava uma velha valsa do repertório de Carlos Galhardo, oriental como sempre, dizendo que, «quando em Naghazaki eu cheguei, um amigo foi me esperar», etc... e, mais adiante em tom de imensa compenetração: «Linda Butterfly»... etc. Eu queria identificar primeiro a dona da casa. Seria gorda e risonha, como manda o figurino. Mas, no momento, entre as damas, ninguém era especialmente gordo e risonho. Vi uma senhora de rosto muito pintado e ar de austeridade intacta jogando **paciência**, enquanto, ao seu lado, fingindo que prestava atenção às cartas, um mulato corpulento cochilava. Tinha (a senhora) uma penca de chaves na cintura (o personagem havia sido descoberto) e êste era o distintivo. Estávamos, os três, realmente encabulados, disfarçando, um no outro, o sentimento de culpa e o ar de primeira vez. Pedíramos Cuba-Libre, cognac e, à nossa frente, os copos estavam mais para constar do que para beber. O primeiro olhar de fogo veio do ângulo oposto da sala. Era uma moça madura de vestido e bolero vermelhos, com a perna esquerda cruzada sôbre a direita, balançando, balançando. De repente, olhei em volta e tôdas as damas estavam de pernas cruzadas, balançando, balançando. O que justificaria a coincidência? Uma superstição? Um tique de nervosismo? Não sei. Mas, tôdas elas, num ritmo igual, agitavam a perna esquerda. Ao redor, a freguesia se compunha dos tipos humanos mais variados. Havia um homem de azul, suadíssimo, bebendo **genebra**. Estava completamente à vontade e, sem tomar o menor conhecimento dos presentes, pegava muito na mulher que o assistia. Um rapaz de seus 25 anos examinava, um por um, os seus prováveis amôres e tôdas lhe davam o mais atraente (talvez o mais triste) dos seus sorrisos. Pensei: nem sabe que está ofendendo, quando muda o olhar de uma para outra. Se eu fitasse uma, só para não constranger, ficaria olhando o resto da noite. Mais adiante, uma mesa maior e quatro rapazes em mangas de camisa, falavam inglês. Eram americanos de um navio mercante. As quatro mulheres que sentavam com êles pareciam meio apreensivas. Uma delas levantou-se, conversou com a **dona** que, sem tirar os olhos de sua **paciência**, instruiu: «tem que pagar antes». Voltou, disse às outras e as quatro ficaram mais calmas. Um homem enorme foi sentar-se na mesa ao lado, levando seu copo de café com leite. Acalmou o grupo: «Deixem que eu garanto». Era o «leão da chácara», cara minha conhecida de muitos anos, ex-PE e ex-guarda-costas de um político de S. Paulo. Nessa altura, tôdas as moças que ainda não estavam **arrumadas**, olhavam para nossa mesa, fazendo os maiores trejeitos, inclusive mostrando a escada, num gesto de cabeça muito de Marlene Dietrich, em filme de sensualismo.

Na vitrola, o disco de Carlos Galhardo já era outro e dizia: «oh, minha avenca nervosa de unhas pintadas de rosa, olheiras de tanto amar» (letra bonita e pensei em Orestes Barbosa). Nossos copos não baixavam. Os garções se entreolhavam com horror à nossa presença. Estávamos ali para quê? Não queríamos as mulheres, não bebíamos. Uma loura artificial veio pedir cigarro. Queria começar conversa, porque, no bôlso do «tailleur», havia um maço de «Lincoln». Falava espanhol e perguntou a um de nós porque nunca mais tinha aparecido. Meu amigo respondeu que devia ser engano, que era a primeira vez. Ambos chegaram à conclusão de que se tratava de um irmão parecidíssimo, velho freqüentador da casa. Pediu (a moça) permissão para um vermouth (já tomado) em nossa conta e voltou à sua base. Continuamos os três, cada vez mais olhados e, certamente, cada vez mais incomodativos. A mulher da penca de chaves tirou os olhos do baralho, fitou-me e veio andando em nossa direção. Deu boa noite e, enquanto sentava, pedia licença para sentar. Pediu um uísque e perguntou-me: «não está gostando de ninguém»? Desse-lhe que estava gostando de tôdas, mas que tinha vindo sòmente para conhecer. Não aceitou a desculpa e, quase em cochicho, perguntou: «se interessa por uma baiana»? Não disse nem que sim nem que não. E ela acrescentou: «Vinte anos, separada do marido há 10 dias». Continuei calado, embora com um ar muito amável. «Se quiser, amanhã, de tarde, ela está aqui».

Um carrilhão cantou lá dentro. Tôdas as mulheres, a um só tempo, olharam os relógios de pulsos. Duas horas. Tôdas, a um só tempo, pararam de nos olhar e de balançar a perna. Alisando as saias machucadas, de tanto estarem sentadas, levantaram-se dizendo, quase a uma voz: «Almerindo, pede um táxi».

Desenho de DAREL







NINGUÉM PENSA EM FICAR RICO. E NOS FINS DA TARDE AS



EM BALI A VIDA NÃO TEM MALÍCIA

O HOMEM É LIVRE EM MEIO AS BELEZAS DO SENHOR, E UM CÉU SEMPRE AZUL COBRE UMA FELICIDADE QUE SE ESTIRA PELO DIA INTEIRO. (Fotos APLA)





S

MULHERES VOLTAM DO BANHO ENTOANDO CANÇÕES DOLENTES

BALI é uma pequena ilha do arquipelago asiático, flutuando poèticamente entre as ilhas de Java e Lombok. Sua gente (1.250.000 habitantes) vive de um comércio próprio, embora não proporcional à cifra de sua população. Em Bali há mais florestas impenetráveis, muitas planícies férteis, muitos rebanhos pastando, tudo sob a vigilância do vulcão Batu-Kaoc, imponente em seus três mil metros de altura. Os balinezes são divididos em castas, entre as quais a dos **chandalas**, que corresponde exatamente à dos párias. Sua religião é um bramanismo misturado de budismo, e os seus mortos são incinerados. As mulheres sacrificam-se voluntàriamente na mesma fogueira que lhes reduz o marido a cinzas. Mas, à parte seus costumes exóticos, Bali é um pedaço de sonho mergulho no oceano. Suas mulheres andam displicentemente despidas, sem malícia e sem vaidade. O homem não tem orgulho. As montanhas são adoradas como deuses. E os dias passam, sob o translúcido céu tropical, como o vicejar de flores inocentes e coloridas. Assim é Bali: a felicidade ingênua cercada de água por todos os lados.



O pranto

rôlo de fumaça negra se adensara muito, lá adiante, e se fizera nuvem compacta de forma indefinida. O horizonte no fim da tarde, tinha tom violento, como argila molhada; e o frio era de inverno — o rigoroso e acre inverno que ainda se denunciava nos cabeços de neve ou na água gelada do rio que havíamos deixado atrás. O cansaço amolecia os nossos músculos, a poeira e o sono nos ardiam nos olhos. Mais alguns minutos, e a fumaceira cerrada chegava até nós, envolvendo-nos. Machado levava o carro como podia, tateando sôbre o caminho íngreme e escavado; o fumo lhe arrancava uma tosse convulsa e fechava completamente a pequena estrada esburacada pelo bombardeio recente.

Paramos o carro diante da tabuleta, letras brancas sôbre um fundo negro, crivada de balas. ZOCCA.

— Passamos por aqui, na ida?

Não. Andáramos por outro caminho, ao sabor do acaso. O mapa minucioso, que nos haviam entregue no comando, jazia sem préstimo no fundo do «jeep», indecifrável. Meu lápis sem prática riscara linhas ligando cidades e assinalando pontos de referência, mas tantas voltas havíamos dado, desde que nos desligáramos do grosso do batalhão, que ali estávamos, tontos, sem rumo, marinheiros de bússola quebrada.

— Veja se tem no mapa.

Acendo a lanterna, passeio a luzinha por sôbre a carta. ZOCCA. Lá estava, pouco abaixo do Castel d'Aiano — apenas um pontozinho negro perdido numa grimpa da cordilheira.

Voltamos a nos arrastar pela estrada. Há cavalos mortos nas margens do caminho, corpos estraçalhados pelas minas ou pelo tiroteio, e dos quais já sobe um irrespirável mau cheiro de carne putrefata. Cobertas de môscas que se agrupam numa única mancha negra, as vísceras de um dos animais se derramavam até a grama verde. Escuto a voz de Machado, que vem cava ae detrás do lenço: «Vou morrer sufocado».

E' quase noite: sombras fechadas se estendem através da sucessão infinita de montanhas, enchendo, mais compactas, os vales e os precipícios. Muito além, para lá das tranqüilas águas do Penaro, o duelo de artilharia risca o céu de sulcos vermelhos; e, quase inaudível, chega até nós o eco soturno das baterias de maior calibre. O fogo devora furioso, num exagêro de fumaça escura e grossa, o que resta do celeiro incendiado. Aqui e ali, sôbre a grama revolvida, os montes queimados de feno são como enormes seios negros. O ar é pesado.

JOEL SILVEIRA

(Ilustração de FERNANDO LEMOS)



Conseguimos atravessar a parede de fumo e cinza, e lá do outro lado a pequena e mutilada cidade nos recebe como uma velha enrolada de trapos. A primeira impressão é de que nenhuma casa, nada escapou ao bombardeio. As platibandas e as paredes aluíram sôbre as ruas estreitas: e tudo é um labirinto ainda crepitante, um emaranhado de vigas partidas, alvenaria derrubada, mil e um utensílios e móveis domésticos fechando todos os caminhos. Por qualquer capricho da sorte, um berço de criança ainda se equilibrava, lá em cima, na janela de uma casa que a artilharia pesada havia cortado pelo meio. Há uma litogravura sacra, desbotada e triste, pendendo de um resto de parede interna.

Vamos levando o carro aos tropeços, através de todos aquêles destroços, até a pequena praça central que se debruça, de um dos seus lados, sôbre o vale carregado de mistério e silêncio. Uma das tôrres da igreja recebeu ferimentos graves que lhe arrancaram a fisionomia medieval, mas a outra escapou indene: algum dia, quando a paz voltar a crescer daquelas ruínas, é possível que o sino mudo cante novamente, como nos seus melhores instantes.

Já é noite fechada e, em derredor, apenas o silêncio, pertubado, de vez em quando, pelo crepitar da madeira ardendo ou pelo passar, altíssimo e rouco, de um avião de reconhecimento.

— Vamos continuar?

— Eu não aguento mais. Você aguenta?

Machado tira uma das luvas, passa a mão pelo rosto coberto de poeira.

— Estou rebentado.

— Acho melhor passarmos a noite aqui mesmo. Vamos procurar um lugar para estendermos as mantas. Encoste o «jeep» por aí.

Deixamos a viatura onde, outrora, fôra um galpão, e começamos a busca — procura fastidiosa, a luz de nossas lanternas, inquieta e ansiosa, alisando à sucessão de destroços. O frio aumentava, vinha das montanhas uma brisa gelada sem fôrça. O céu era trevoso, fechado, asfixiante. No pequeno bos-

que dos lados, para onde se deitavam os fundos das casas em ruínas, as sombras noturnas fizeram de cada pinheiro um fantasma enorme e de gestos lentos.

Uma bomba havia acertado em cheio na sala da frente daquilo que fôra uma farmácia, mais tarde transformada pelo inimigo num improvisado pôsto de comando. Afastamos os frascos partidos, espalhados pelo cimento, removemos a montanha de destroços. (Um calendário, na parede, se imobilizara numa data já remota, um 20 de março sem dúvida alguma muito trágico para a pequena cidade). Estendemos as mantas sôbre o chão limpo e, para afugentar o frio, Machado improvisou uma pequena fogueira, alimentada com pedaços de madeira e caixas vazias. Estirado sôbre as cobertas grossas, eu podia ver, através do teto rasgado, o céu sem nuvens nem estrêlas, medonho como uma ameaça. A ração militar, de sabor rotineiro e açucarado, é aquecida sôbre o brasileiro, e comemos os dois em silêncio, enterrados naquela solidão. Momentos depois, Machado ronca forte sôbre a manta, a bôca aberta, num arfar difícil de agonizante. Mas a cabeça me pesava e os olhos eram como duas chagas, inflamados pela poeira: levanto-me, vou até fora, e a noite profunda me cerca, calada e misteriosa como a bôca de um precipício. Um projetor luminoso, muito distante, risca o céu escuro, num passeio vagabundo e silente. E é só. De vez em quando, o tiro abafado de um morteiro; ou o esfarelar de uma metralhadora — ruídos sincopados de uma guerra que está cada vez mais distante.

A água do cantil, excessivamente clorada, deixa um sabor amargo na garganta, como se fôra o suco de um limão. Quanto tempo ali fiquei, as mãos nos bolsos, a gola do «jack field» levantada, a olhar a treva vazia? Não posso dizer. Era como se as horas, sem tamanho nem limites, escorressem imperceptíveis pela noite a dentro, dissolvidas na quietude.

Mas, de repente, fôra aquêle chôro da criança, vindo não sabia de onde — um pranto desatado e infeliz que fizera o silêncio em dois, como um cristal partido. E a noite inteira, o mundo inteiro se encheu do chôro, como se o pranto inesperado fôsse a única coisa viva em tôda aquela desolação. Relanceei os olhos em tôrno, mas não havia onde descansá-los: nem uma luz furtiva, mas viva, a indicar pessoa, nada. Sòmente a escuridão, a noite densa; sòmente o chôro, cada vez mais aflito, se espraiando anônimo por todo o êrmo e, por isso mesmo, impossível de ser localizado.

Sacudo Machado, fortemente. O soldado se levanta, estremunhado:

— Que é?

Um menino chorando. Não sei onde é. Escute.

Machado ainda se demora um instante entre as mantas, mas ergue-se depois, num salto.

— Onde será?

— Não sei. Mas devemos procurar.

— Vai ser difícil, no meio de tôda essa confusão...

Olho o relógio de pulso: já passa da meia-noite. Acendemos as lanternas, recomeçamos uma nova busca, cheios dos mesmos cuidados e das mesmas apreensões, a evitar que as nossas botas de combate se choquem com qualquer mina oculta ou perdida nos destroços. Mas aquela caminhada, à procura de uma criança que chora, como que nos dá uma satisfação diferente e morna — a alegria, talvez, de saber não sermos os únicos vivos naquele deserto aqui e ali ainda fumegante. Alegria de saber, mais, que alguém — fôsse criança sòmente! — resistira à selvagem tempestade que calcinara aquêle chão e reduzira a escombros o pequeno «paese» que, nos tempos de paz, se movimentava inquieto e vivo sôbre a montanha, como um presepe mecânico.

Mas, de repente, o pranto cessa, como sufocado, e automàticamente também paramos os dois, sem direção. O círculo de fogo de minha lanterna, cuja luz engorda à proporção que a sacudo mais longe, se arredonda de encontro às poucas paredes ainda de pé e vai se chocar, adiante, sôbre o pixe de uma inscrição à qual as circunstâncias tornaram patèticamente bisonha: «Viva il Duce». E um edital do «podestá», a propósito dos cuidados a serem tomados quando dos bombardeios aéreos, desfiou o furor da batalha e lá continua colado num pedaço de parede da «trattoria» que veio abaixo.

Recomeçamos a marcha, amarrados ao silêncio, mas o pranto recomeça, mais próximo. Machado adverte, sentencioso:

— E' chôro de menino doente. Doente ou com fome.

Proponho que se grite, à procura de uma resposta. Machado solta um «alô» abaritonado, seguido de acesso de tosse mais forte. Grito também — e por todo o vale o eco multiplica as nossas vêzes numa escala descendente que vai terminar num lamento quase inaudível. A resposta vem de perto, numa voz grossa e forte: «Siamo qui». Ao mesmo tempo, um vulto escuro e alto surge adiante, alumiado por uma lanterna, a nos chamar com uma das mãos: «Avanti! Avanti!»

Não, não deixariam o seu «paese» como todos os demais iriam fazer. Ir para onde? E mesmo que o quisessem, não poderiam: a criança estava muito doente, a febre incendiando o corpinho magro e a coqueluche atormentando as noites.

O homem se chama Giacomo: era alto, rosto cavado de rugas, metido em andrajos, os pés enrolados num arremêdo de sapatos — tiras de lã amarradas em barbante. O pranto alto do menino inquieto na enxerga, não nos deixava entender tôda a longa história que nos narrava Giacomo, num derrame de gestos, mas ficamos sabendo que a batalha durara dois dias seguidos — um inferno! Horas antes, todos haviam abandonado a cidade, fugindo para a retaguarda, ao encontro dos «liberatori», ou acompanhando os alemães na retirada. Haviam ficado sòzinhos, êle, Laura e a criança — e durante o mais aceso da refrega fugiram para o bosque. Lá se esconderam, tiritando de frio, coração opresso, a sentir nos ouvidos o furor da batalha que parecia não acabar mais. Um soldado ferido, que conseguira se arrastar até o recesso da pequena floresta, onde se encontravam, morrera logo, a botar golfadas de sangue. Tirara a túnica de lã do morto e com ela agasalhara a criança. Comiam frutas silvestres, raízes tenras. Não acreditava que o menino, faminto e doente, pudesse resistir.

— Deus fêz um milagre!

Mas como talvez eu fôsse um increu, emendou logo, numa voz repentinamente desdenhosa:

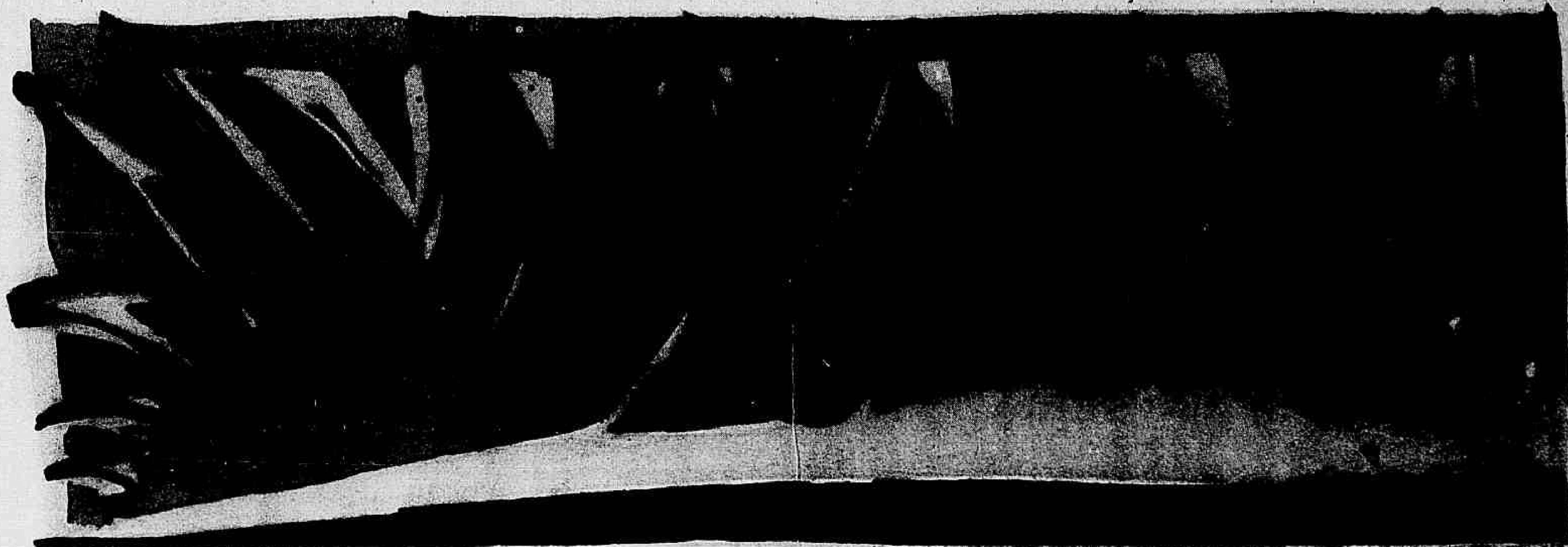
— Deus ou a sorte, sei lá.

Giacomo contava a sua história, cheio de gestos, enquanto aguardávamos a volta de Machado, que eu mandara apanhar provisões no «jeep». Mas Laura, a mulher, era muda, de um mutismo de autômato, os olhos roxos e pisados caídos sôbre os trapos onde o menino se mexia, inquieto, tossindo sêco. Num dos cantos da sala em ruínas (uma bomba pesada cavara uma cratera nos fundos, e a casa se abria agora, como uma janela, para as profundezas do vale), um caldo escuro dormia, oleoso, numa vasilha sem forma. Vou até a criança, encosto a mão sôbre a face escaldante: a febre é muito alta. O esfôrço da tosse fêz dos pequenos olhos negros duas feridas inflamadas. Às vêzes Giacomo leva as mãos à cabeça, perde os dedos grossos entre os cabelos maltratados, num começo de desespêro: «Que se pode fazer? Guerra maldita!» Mansa, sem qualquer expressão no rosto cavado e pálido, Laura não fala. O vestido negro lhe escorre pelo corpo sêco, como um hábito talar; o peito é batido, os lábios não têm côr e os cabelos se soltam num desalinho; os desastres dos últimos dias devem lhe ter adormecido tôdas as emoções, e os maltratos sentidos daquela mulher naturalmente se voltam, naquele instante, apenas para o pequeno corpo que se martirizava em cima da enxerga, num fiapo de vida.

Esquento o leite condensado que Machado trouxe, e entrego a Giacomo, de olhos gulosos, as mil e uma guloseimas que nos fornece o «Post Exchange» militar: chocolates, biscoitos, manteiga de amendoim, algumas caixas de ração sintética. Explico que o pó amarelo, que vem no pequeno pacote de papel celofane, tem que ser dissolvido em água quente e logo se transforma numa sopa de bom sabor. Giacomo aviva as chamas do fogo quase apagado, e se ensimesma, afonoso, no trabalho de preparar o caldo amarelo. Encho a mamadeira, que Laura improvisou de uma garrafa bojuda, e segundos depois a criança morde sôfrega, a borracha gasta, deixando escapar o leite, grosso e açucarado, pelo canto da bôca.

Volta o silêncio, e se demora: espêsso, denso, quase sólido. Giacomo mastiga furiosamente um pedaço escuro de chocolate. Lá fora, do outro lado das montanhas, uma fosforescência estranha se alastra com o halo de uma luz muito longa. Talvez fôsse a aurora. Encostamo-nos os dois, eu e Machado, num pedaço de muro negro e úmido. Giacomo nos traz uma botelha, e insiste que bebamos com êle o «buono vino» da Toscana. A criança, diz-nos, adormeceu. E Laura sorve, calada e sem pressa, a sopa rala.

O vinho forte nos dá um pouco de alento, afastando o sono que nos pesava, como chumbo ardente, sôbre os olhos inflamados. Voltamos calados para as nossas mantas, na outra extremidade do «paese» destruído. O halo luminoso, na distância, havia se feito mais nítido, com manchas purpurinas. Era a aurora, sim.







BALMAIN — Ensemble em sêda, estampada de azul lavanda e cinza. A cintura, que forma pala, em crepe cinza. Completa-o um casaco do mesmo tecido, forrado de cinza. (Modêlo exclusivo, reprodução proibida).

Germaine LECAMTE — Vestido para a tarde, em sêda natural branca, com estamparia de rosas «azul noite». Tanto o drapeado do corpo, como da saia são inteiramente originais. (Modêlo exclusivo, repr. proibida).

EM PARIS
estampados para tôda hora

PARIS — abril de 1954 (por MONIQUE RENAUX correspondente exclusiva da REVISTA DA SEMANA

UMA das características mais agradáveis da moda para a atual Primavera parisiense é sem dúvida a profusão de modelos em sêda estampada. O estampado é essencialmente feminino (apesar dos norte-americanos acharem que também roupa de homem pode ser estampada). Realça os encantos da mulher quando escolhido nas tonalidades que lhe convém individualmente. Êste ano, estamos vendo uma variedade enorme de estamparias, para todos



Germaine LECOMTE — Êste sugestivo e belo «tailleur» em grossa sêda branca, com estamparia em flores vermelhas e verdes. Gola recoberta de veludo negro. (Modêlo exclusivo — reprodução proibida).



Hubert de GIVENCHY — Bonito vestido para a tarde, em «surah» cinza azulado, estampado de flores em malva. O chapéu de palha é no mesmo azul do vestido. (Modêlo exclusivo — rep. proibida).

os tipos e para tôdas as circunstâncias. Destacam-se as tonalidades pastel; combinações de azul claro e cinza; de azul e lilás ou malva; de verde e cinza. Existem também estamparias vistosas em vermelho e verde sôbre fundo branco; ou de azul noite (o azul da moda) e negro, também sôbre branco, como nos dois modelos de Lecomte que envio para as leitoras da «Revista da Semana». Muitos dos trajes em estampado são confeccionados em duas peças, resultando «tailleurs» muito distintos, e de extrema elegância. Outras vêzes (como no modêlo de Balmain) o vestido é acompanhado por um casaco amplo, forrado, o que lhe dá um ar mais «habillé». Tudo, a profusão de flores nas barroquinhas ao longo do Sena, a variedade de colorido pelas ruas, nos trajes femininos, está contribuindo para êste ar delicioso que sentimos por tôda parte, neste «abril em Paris», de 1954.



WEEK-END NA COZINHA

COMO PRPERAR UMA GALINHA MACIA E APETITOSA

Existe mais de um truque para isso, segundo os entendidos. — Tia Dulce

● *Existe mais de um truque na preparação de uma galinha macia e apetitosa, quer seja ensopada, quer seja cozida. A primeira regra é evitar o excesso de água. Muito líquido pode transformar uma galinha gorda numa carne rija e dura. A segunda regra consiste em nunca deixar a galinha dentro da panela, parada, absorvendo a água. Uma galinha bonita, bem preparada em pequena quantidade dágua, produzirá bastante gordura e um ótimo caldo que pode ser aproveitado na confecção de môlho e pratos fantasia.*

...e no bar

● Já experimentou **ponche de frutas com rum**? Pois aqui vai a melhor receita que conheço, é uma delícia numa tarde quente de domingo.

5 laranjas — 3 limões — 2 xícaras de suco de abacaxi — ½ xícara de açúcar (ou a gôsto) — 1 garrafa de rum, branco ou dourado — 1 garrafa de soda ★ Esprema as 4 laranjas e 2 limões, junte o caldo de abacaxi. Tempere com o açúcar. Acrescente o rum.

● Essa mistura deve ser preparada mais ou menos uma hora antes de ser servida, e deixada em descanso com mais uma laranja e um limão, cortados em pedacinhos pequeninos. Misture bem. Logo antes de sirvir, ponha-a na poncheira, sôbre pedaços de gêlo, e junte a soda (ou água cristal se preferir).

● Já é tempo de falarmos nos franguinhos novos, e aqui está uma ótima receita para prepará-los:

Limpe e prepare dois franguinhos, pesando cada um cêrca de 2 quilos. Coloque uma fatia fina de presunto gordo sôbre o peito de cada um e prenda com um barbante. Ponha numa



panela duas colheres das de sopa de presunto magro bem picado, uma cenoura picada, duas colheres das de sopa de cebola picadinha, um dente de alho picado, duas colheres das de sopa de cabeça de aipo picada, uma colher das de sopa de nabo picado, uma fôlha de louro, 6 grãos de pimenta esmigalhados, dois cravos, e uma pitada de sal. Cozinhe tudo isso durante 10 minutos, mexendo sem parar. Retire do fogo, e derrame dentro de uma panela de pedra. Arrume então aí os dois franguinhos, pincele-os com brandy e logo em seguida com manteiga; tempere com sal e pimenta. Acrescente ainda uma xícara de vinho branco sêco, tampe e cozinhe em forno moderado, de 35 a 40 minutos. Levante a tampa e acrescente uma colher de sopa de extrato de carne concentrado, uma xícara de batatinhas pequenas cozidas, 12 cebolinhas brancas, cozidas e refogadas, 12 cogumelos refogados na manteiga, e 6 miolos de alcachofra passados na manteiga. Tempere novamente a panela e coloque no forno por mais 15 minutos.

aliada inseparável da beleza

ANTISARDINA





ESTER DE ABREU

ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc.

ANTISARDINA é um creme de beleza cientìficamente preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.

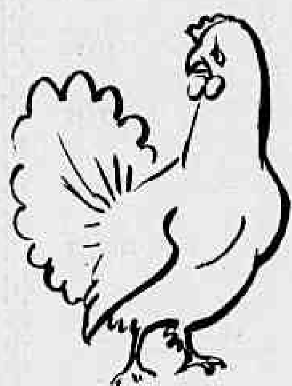


Assim como o talento artístico não dispensa o toque mágico da beleza física para a conquista da admiração, do aplauso e da fama, as mulheres famosas por seu talento no campo da arte e por sua beleza não dispensam o uso diário de Antisardina, incomparável para a conservação da cútis e realce dos naturais encantos femininos.

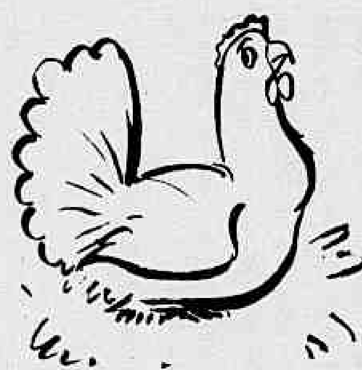
• ANTISARDINA • LISOBARBA • CABELOSAN • ANTISARDINA •



BA •



● Outro prato: Cozinhe uma galinha bem gorda. Retire a carne dos ossos e pique-a em pedaços desiguais. Leve ao fogo três colheres das de sopa de manteiga, ou gordura de galinha, juntamente com três colheres das de sopa de farinha de trigo, mexendo sem parar; adicione uma e meia xícara de caldo de galinha bem forte, e cozinhe um pouco, até o môlho ficar cremoso. Desmanche duas gemas de ôvo numa xícara de creme de leite, acrescente ainda um pouco do môlho quente e junte as duas misturas, batendo vigorosamente. Prove antes de temperar, e adicione uma pitada de manjerona, estragão ou caril para dar gôsto. Ponha então a galinha dentro do môlho e esquente bem antes de servir, mas não deixe ferver. Uma galinha preparada com môlho cremoso como a que acabamos de ver, pode-se variar bastante nos temperos: Sherry, Madeira ou vermouth, amêndoas peladas, nozes picadas, azeitonas pretas sem caroço, cogumelos, pâncreas de vitela picado, uvas descascadas e sem caroço, ou simplesmente salsa.



● Uma das melhores receitas de galinha ensopada que eu conheço é a seguinte: Cozinhe a galinha; separe a carne dos ossos e corte em pedaços de tamanho médio arrumando tudo no fundo de uma panela. Cubra com meia xícara de caldo de galinha e tampe. Prepare o môlho picando um punhado de cebolinhas verdes, inclusive as fôlhas mais tenras, e fazendo-as cozinhar juntamente com 250 gramas de fígado de galinha dividido em quatro; e três colheres das de sopa, de gordura de galinha, até ficar bem macio. Adicione duas colheres das de sopa, de farinha de trigo e deixe cozinhar mais um minuto; acrescente depois meia xícara de caldo de galinha, enquanto cozinha mais uns dois ou três minutos. Finalmente, junte uma e meia xícara de creme de leite, azêdo, e prove para ver se o tempêro está bom. Esquente bem, e derrame sôbre a galinha. Depois que o môlho e a galinha estiverem prontos não deixe cozinhar mais, mas conserve-os quentes, em forno brando.

Conversa de MULHER

★ O MAIS DIFÍCIL É EXPLICAR...

Num jornal norte-americano havia, outro dia, o seguinte anúncio: «Uma senhora deixou sua bôlsa em meu carro, quando êste estava estacionado à rua tal. A proprietária poderá vir buscar sua bôlsa, contanto que seja capaz de descrever o que tem dentro, como identificação, e que pague as despesas que tive com êste anúncio. Se a proprietária puder explicar a minha mulher — satisfatòriamente — como sua bôlsa foi parar no meu carro, o anúncio fica por minha conta».

★ TRATORES X MULHERES

Uma firma de Birminghan, na Inglaterra, recebeu de uma família esquimó, a encomenda de um trator. Até aí nada de estranho... O pagamento, porém, seria feito em troca de duas mulheres, ou, como dizia a carta, «se não fôr suficiente, por cem peles de rapôsa...» Até agora a firma não sabe o que responder aos esquimós sôbre a primeira oferta; quanto à segunda, está consultando um fabricante de casacos de peles.

★ O ETERNO FEMININO

Nas montanhas do Peru foi encontrada, recentemente, a múmia de uma mulher inca, que viveu há perto de dois mil anos atrás. Junto a ela havia uma bolsinha com seus apetrechos de tualete: um vidro, plumas para pó de arroz, pintura para os olhos, dentifrício, lima de unha, pinça e... espelho. O que mostra que o feminino é mais eterno do que dizem os poetas.

★ ESPIRROS... E HORÓSCOPOS

Quando alguém espirra, costuma-se dizer aqui em nossa terra: «saúde» ou «Deus te guarde». Na Grécia dizem «saúde e alegria», na ilha de Tonga, «amor»; e nos Balcans «morra a sogra»...

O mais interessante, porém, é que os antigos davam um significado especial aos espirros, segundo os dias da semana. Assim: espirrar na segunda: perigo eminente; na têrça: beijo à vista; na quarta: vai chegar uma carta; na quinta: sua situação há de melhorar; na sexta: aborrecimentos; no sábado: encontro com a pessoa amada; no domingo: repouso. — **(Lígia Junqueira).**

★ ESPELHOS EM 3 DIMENSÕES?



Essa notícia interessa sobremaneira às vaidosas. Um francês, Jean Corbell, inventou o espelho em 3-D. Com a visão em relêvo, será muito mais fácil depilar as sobrancelhas, pois os fios se verão claramente afastados da pele, além de outras vantagens...

Os espelhos já estão sendo fabricados comercialmente por uma firma francesa, e Pierre Balmain já encomendou um para ornamentar os salões onde desfilam seus modelos.

★★



SUGESTÃO PARA O LAR

O carrinho em que se pode transportar e servir um lanche e, às vêzes, tôda uma refeição, cada dia aparece em modelos mais práticos e mais aperfeiçoados, que proporcionam muito maior comodidade à dona de casa moderna e ativa.

O exemplo que hoje ilustra esta secção é uma prova disso. O carrinho é bem amplo quando em uso, permitindo mesmo a constituição de uma superfície superior bastante grande, forrada com fórmica negra. Há, dentro do mesmo, espaço para pratos, copos, guardanapos e talheres, e lateralmente prateleiras para caixas de bonbons, doces, latas de biscoitos, ou para garrafas, se o que se estiver servindo fôr bebida.

Esta criação de decoradores norte americanos (Dunbar) foi executada em madeira raiada (sucupira ou ibuia raiada) com verniz bem claro, para contrastar com o tampo negro. As duas bandejas que formam o tampo se fecham, quando não em uso, diminuindo, assim, o espaço ocupado pelo carrinho. As rodinhas de borracha, com jôgo livre, são macias e silenciosas. — NIKE.



Um pouco de beleza

PERNAS BELAS

● *Um dos melhores métodos para se ter pernas descansadas (e quem diz descanso, diz beleza), é ter o cuidado de se deitar no mínimo por dez minutos, duas vêzes ao dia, com as pernas em posição mais alta do que o restante do corpo. Assim se restabelece a boa circulação nas pernas, evitando-se varizes, inflamações, veias saltadas, etc.*

A posição em pé, parada, é a mais prejudicial de tôdas para a saúde e beleza das pernas, e, por isso, hoje em dia se aconselha as donas de casa a realizar certas tarefas caseiras sentadas (como limpar os legumes, o peixe, ou a carne, bater o bôlo e, mesmo, passar a ferro). No princípio você achará que "não dá jeito", por estar acostumada a trabalhar de pé. Mas procure habituar-se, que o conseguirá. O benefício é todo seu.

Quando estiver lendo ou costurando, estique as pernas sôbre um banquinho da altura de sua cadeira. O trabalho se transformará em repouso e, como resultado, suas pernas estarão sempre descansadas, e se tornarão mais belas.

JÚLIA DE MILO

SE JÁ PASSOU DOS 40...

... e seus cabelos estão se tornando grisalhos, não hesite em tingi-los, se acha que o deve fazer. Evite, porém, as côres exóticas, como os tons acajus ou avermelhados. Prefira uma tonalidade alourada, se sua pele é do tipo claro, ou castanho claro. Ambos combinam muito bem com os traços amadurecidos de seu rosto.

Se, ao contrário, gosta de conservar os cabelos brancos, banhe-os com um preparado especial que os torne mais alvos, e dê-lhes uma leve tintura de anil, com reflexos ligeiramente azulados. Nesse caso, também evite as combinações exóticas, com o violeta ou o côr de rosa, que apenas tornarão ridícula sua aparência.

O FEITIO DOS SAPATOS

● SE VOCÊ tem as pernas muito finas, evite usar sapatos rasos de saltos baixos, que farão as pernas parecerem ainda mais finas.

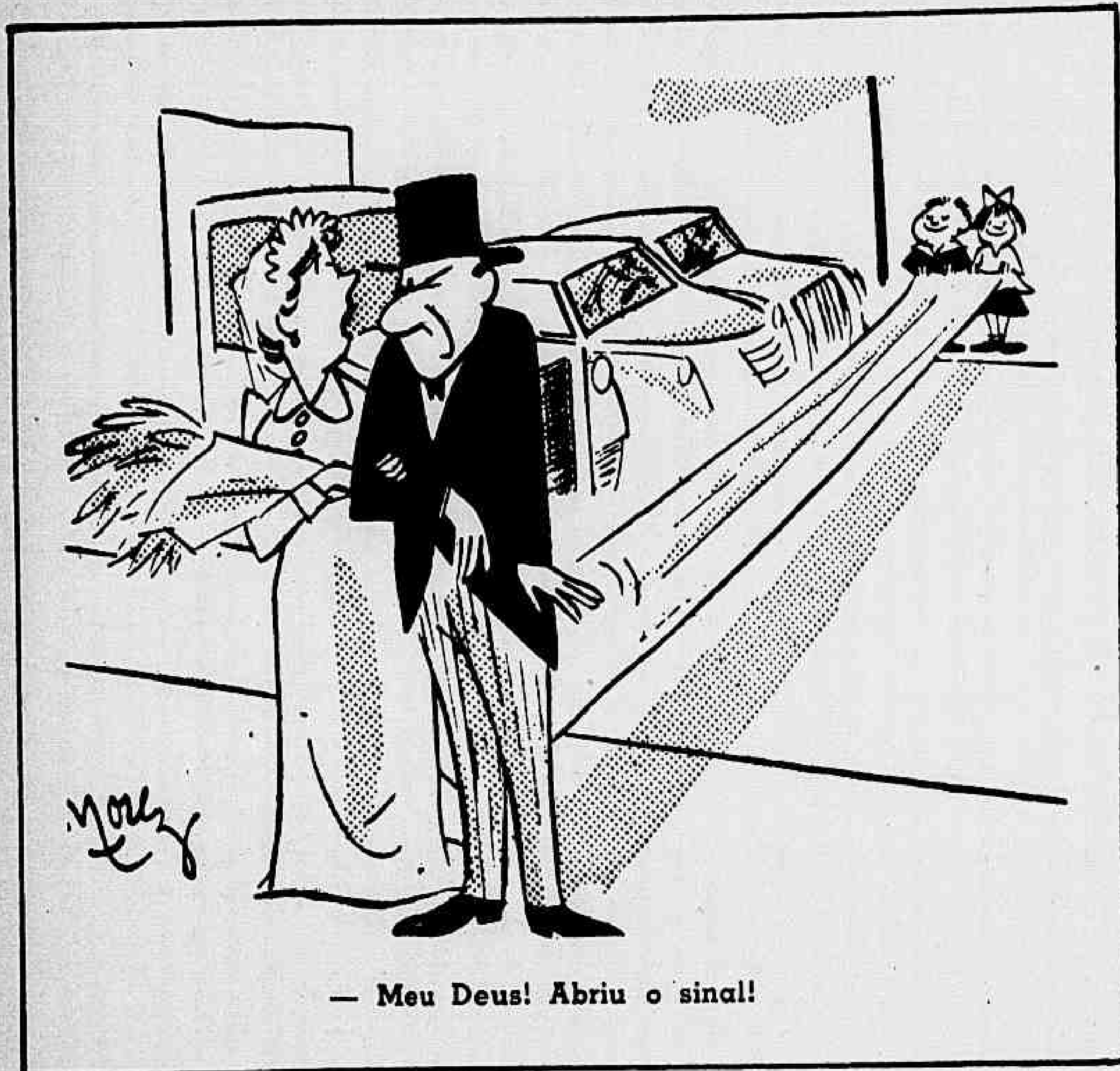
● SE SEUS pés são estreitos e alongados, e você quer dar-lhes a aparência de mais curtos, use sapatos de entrada baixa, bem «decotados».

● AO CONTRÁRIO, os sapatos mais fechados combinam mais com os pés gordinhos e pequenos.

USE UMA ESCOVA

Tenha uma escovinha para o rosto entre os seus apetrechos de tualete. Nada é mais indicado para se passar o creme de limpeza ou para ensaboar a pele da cútis. A escôva tem a propriedade de penetrar bem nos poros, limpando-os mais profundamente. A escôva de rosto, porém, deve ser muito macia para que não irrite a pele, e de preferência de cerdas naturais. Depois de usada, lave-a com água e sabão, conservando-a sempre limpa.





— Meu Deus! Abriu o sinal!



— Se você se aproximar eu chamo mamãe!...



— Acaba logo Horácio. Vamos nos casar dentro de vinte minutos.



O casamento no RISO DOS OUTROS

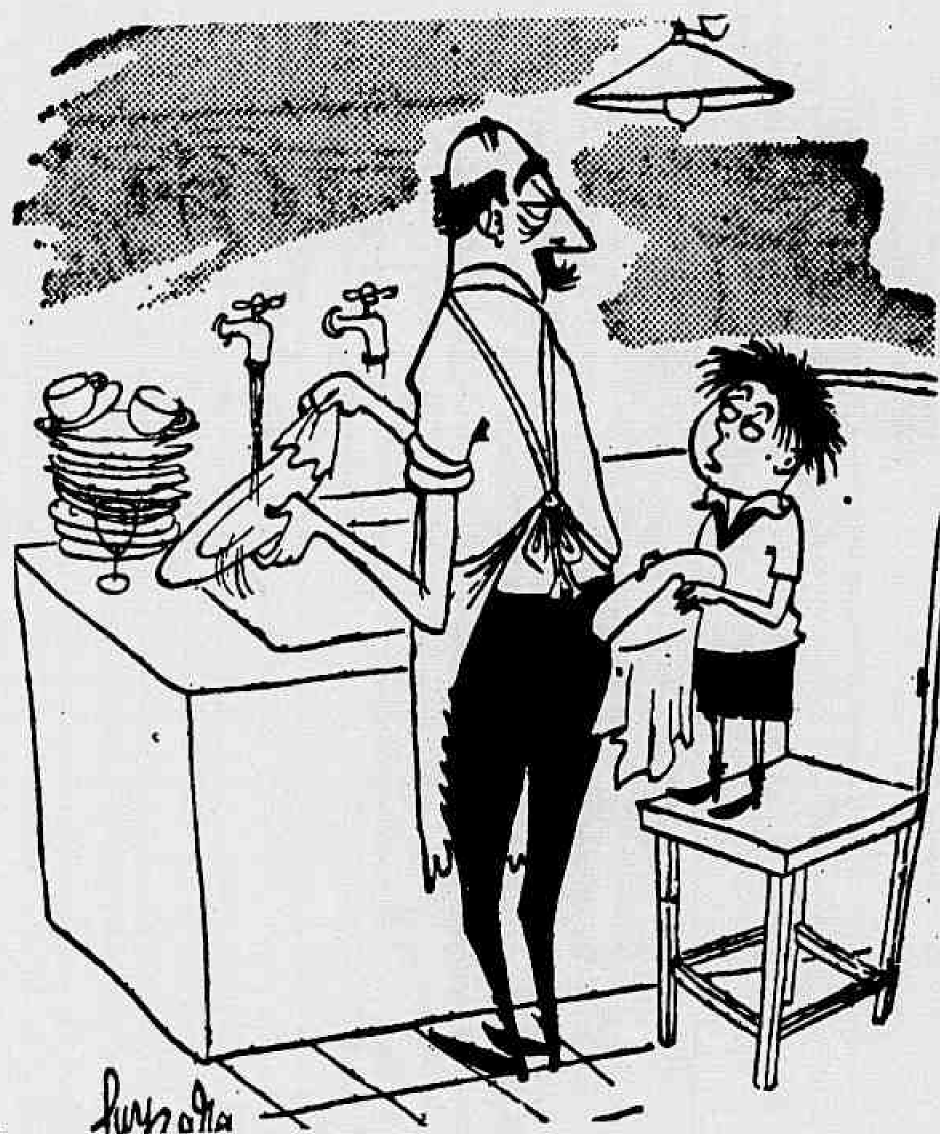




— Por favor: é para a festa de núpcias...



— Noemia, sua mãe lhe ensinou o que v. deve fazer?
— Sim querido, mas faça como se eu não soubesse de nada. Os costumes devem ter mudado...



— Confesse, papai, que estaríamos hoje muito mais tranqüilos se você não se tivesse casado com mamãe...



— Ah! E' o presente de mamãe...



— Amanhã cedo você lavará minha roupa branca e engraxará meus sapatos.



— Esperem um pouco. Eu volto logo.



O LÓIDE AÉREO RENOVA A SUA FROTA — Em 17 do corrente, embarcaram no Aeroporto do Galeão, às 22,00 horas, em avião da PAN AMERICAN, com destino aos Estados Unidos — Rio - Port of Spain - Caracas - Miami — onde serão adquiridos dois novos aparelhos, reconvertidos para o tipo F — passageiros, na AIRCAIR, em Miami, o Sr. Gerente do Tráfego — Carlos Barreto Rosa e duas tripulações compostas dos COMANDANTES: — Rinaldo Sebastião Cerqueira e Eduardo Moraes Barros Cardim; CO-PILOTOS: — Cícero Tôrres e Osias Ferreira Melo; RÁDIO-OPERADORES: — Antônio Damasceno e Antônio Botelho Galdas e MECÂNICOS: — Evandro Doim Vieira e José Pedro Lázaro.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME..............................

RUA.................. Nº.....

CIDADE............................

ESTADO............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Endereço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **De quem é esta frase: «O ciúme é o maior dos males, e o que inspira menos compaixão à pessoa que o provoca»:**

— Marquês de Maricá?
— Confúcio?
— La Rochefoucauld?

2 **Em quantos anos foi construída a famosa pirâmide de Queops:**

— Cem?
— Vinte?
— Setenta e três?

3 **As pirâmides do Egito são de:**

— Mármore?
— Granito?
— Vidro?

4 **Qual destas cidades era banhada pelos rios Tigre e Eufratas:**

— Babilônia?
— Tebas?
— Sodoma?

5 **Qual o rei que transformou Babilônia na mais rica cidade do mundo antigo:**

— Tut-Ank-Amen?
— Snefru?
— Nabucodonosor?

6 **Onde se encontra hoje a estátua de Júpiter Olímpico:**

— No Louvre?
— No Museu de Londres?
— Ou desapereceu com um terremoto?

7 **Por que se diz: «O Colosso de Rodes»:**

— Era Rodes um escultor?
— Uma ilha?
— Um soberano asiático?

8 **Qual dêstes Estados da Federação, o que tem maior área territorial:**

— O Amazonas?
— Mato Grosso?
— Pará?

9 **Que nome tem a capital do Piauí:**

— São Luís?
— Teresina?
— Fortaleza?

10 **Que nome tinha, antigamente, o morro do Castelo:**

— Morro dos navegantes?
— Morro do francês?
— Morro de S. Januário?

11 **Que recorda aos cariocas a data de 1º de outubro de 1868:**

— Chegada de D. João VI?
— Inauguração do serviço de bondes?
— A morte de Machado de Assis?

12 **Que fato sensacional registra para o Rio a data de 19 de março de 1889:**

— Os 20 milhões de água de Frontin?
— Casamento da Princesa Isabel?
— Inauguração dos bondes elétricos?

13 **Que quer dizer Niterói, na língua dos indígenas:**

— Areias alvas?
— Terra sem matas?
— Água escondida?

14 **Em que ano o território do atual Distrito Federal se desligou do Estado do Rio:**

— 1808?
— 1834?
— 1889?

15 **Quem foi que erigiu no Rio a primeira habitação de origem européia:**

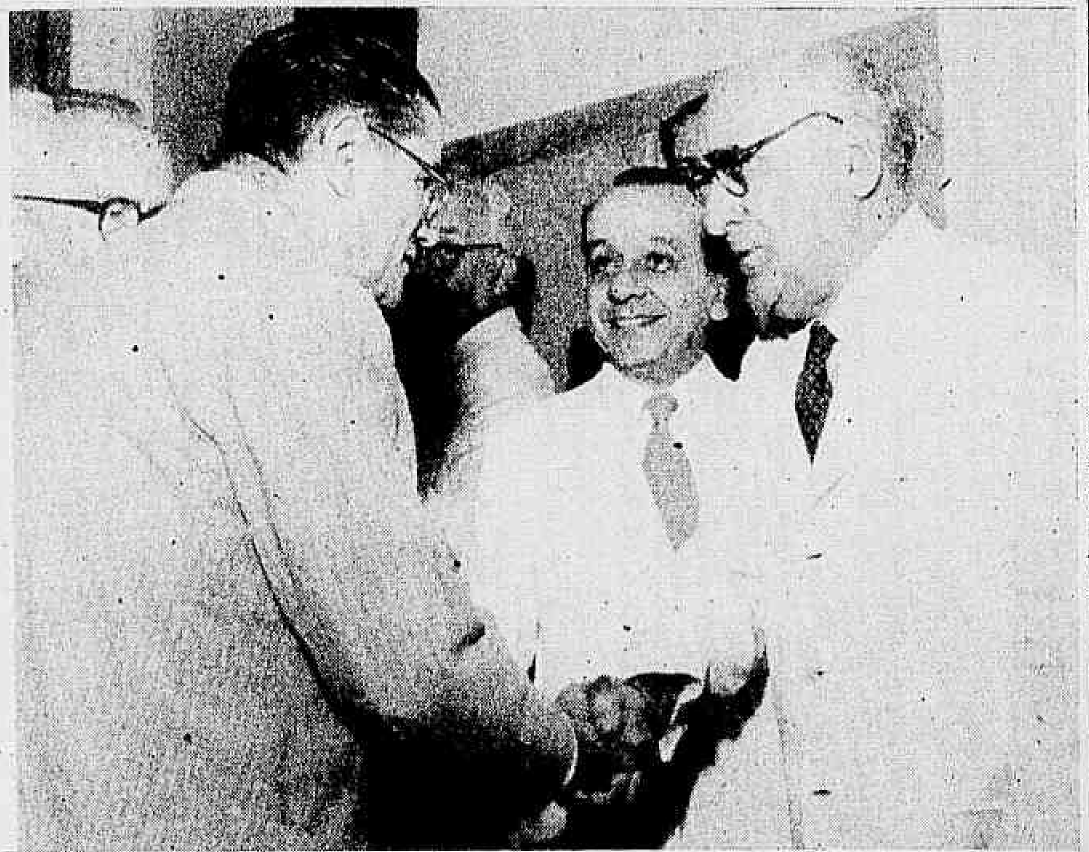
— Gaspar de Lemos?
— Martim Afonso?
— Gonçalo Coelho?

(Respostas na página 18)

CLASSIFICAÇÃO:

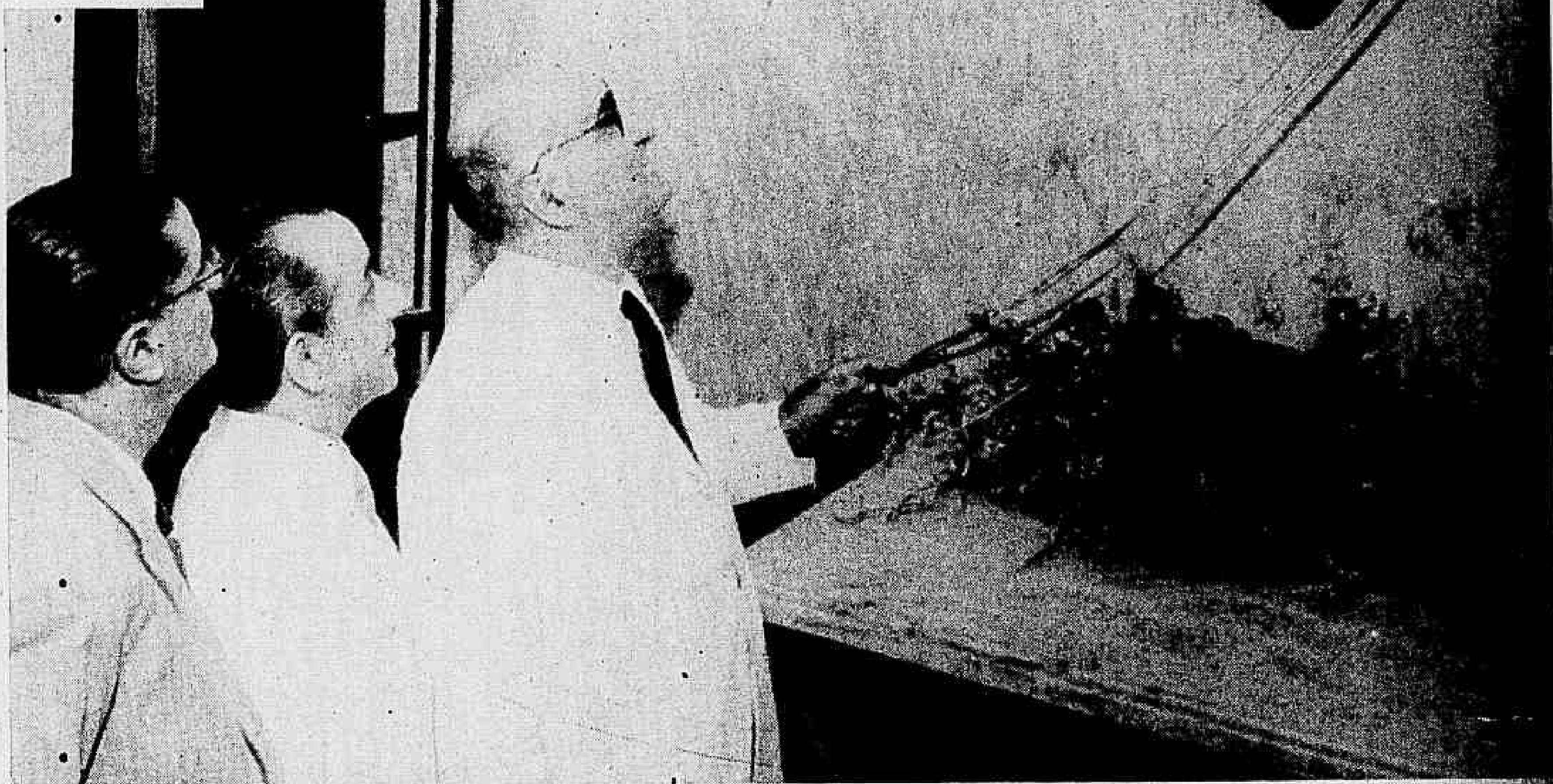
Resposta 0:	estado primitivo — homem-macaco.
De 1 a 3:	cultura inferior — selvagem.
De 4 a 6:	cultura média — estudante ginasial.
De 7 a 11:	cultura superior — universitário.
De 12 a 14:	um sábio.
Tôdas as 15:	um gênio em pessoa.

CUMPRINDO SEU PROGRAMA DE EXPANSÃO



O sr. Carlos Campos, gerente da nova Agência, cumprimenta o sr. Antônio da Veiga Faria, presidente da Caixa.

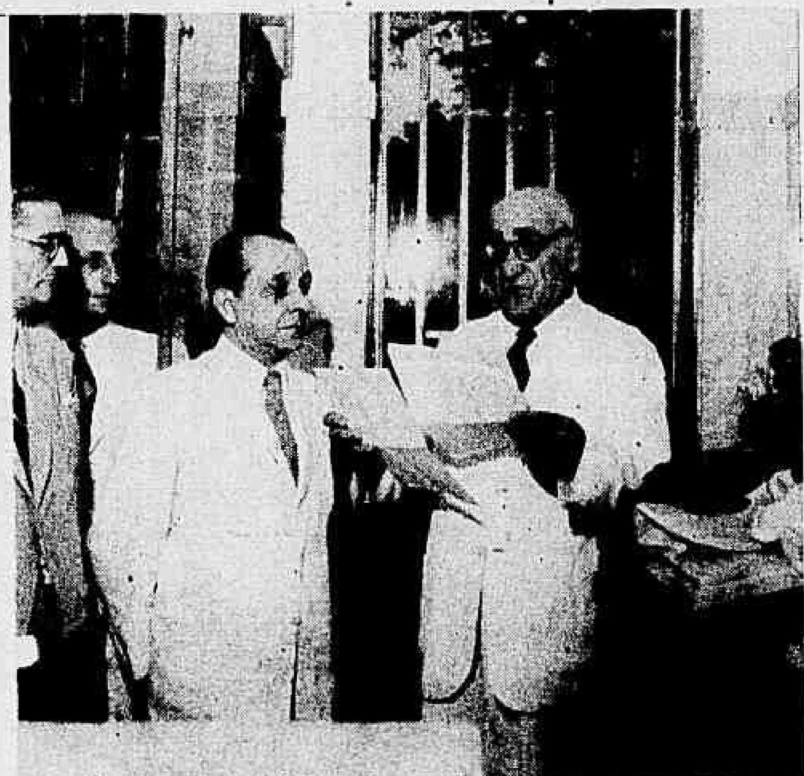
A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL INAUGUROU SUAS NOVAS INSTALAÇÕES EM BOTAFOGO



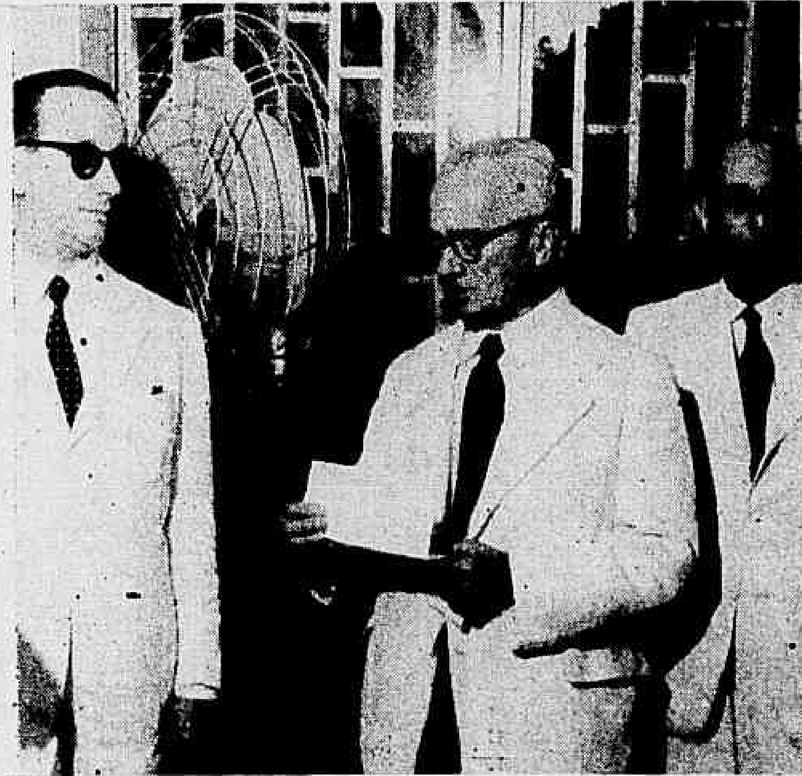
O presidente em exercício, sr. Antônio da Veiga Faria, inaugurando a placa comemorativa da abertura da nova Agência.

Dentro do programa traçado de dar a cada bairro da cidade agências com instalações modernas e confortáveis, e que há muito vem sendo cumprido à risca, a Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro acaba de inaugurar festivamente as novas dependências da sua Agência de Depósitos em Botafogo, situada à rua Voluntários da Pátria nº 278. Melhora, assim, o grande estabelecimento de crédito popular os seus utilíssimos serviços em mais uma zona residencial da Metrópole, num incansável esfôrço de servir à população carioca, o que lhe tem granjeado o indiscutível prestígio e a preferência que lhe dispensam tôdas as camadas sociais.

A inauguração foi presidida pelo sr. Antônio da Veiga Faria, vice-presidente do Conselho Administrativo da Caixa no exercício da presidência, que discursou no ato, e contou ainda com a presença de diretores, altos funcionários e convidados. Nesta página inserimos alguns aspectos da reabertura daquela dependência da Caixa Econômica, que proporcionará aos moradores de Botafogo tôdas as facilidades já usufruídas por outros pontos da cidade, assim podendo movimentar suas economias em ambiente digno das tradições de progresso do bairro.



O sr. Antônio da Veiga Faria pronuncia o discurso inaugural, tendo à direita o diretor Jeronymo P. Castilhos.



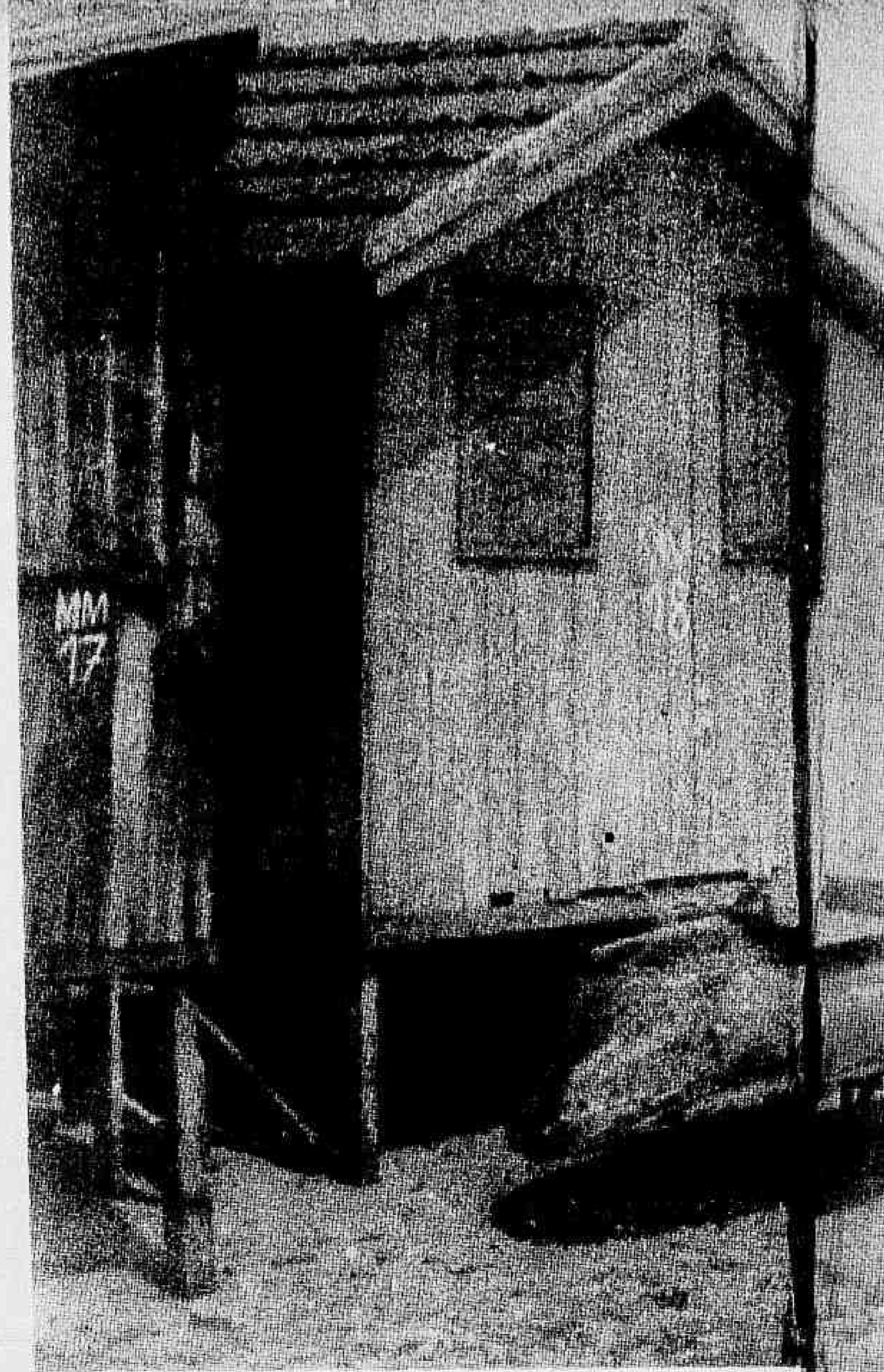
O sr. Antônio Carlos Barreto, inspetor das Agências de Depósitos, discursando durante a cerimônia inaugural.



O sr. Abdon Milanez, secretário-geral interino da Caixa, lê o têrmo de abertura da nova Agência de Botafogo.

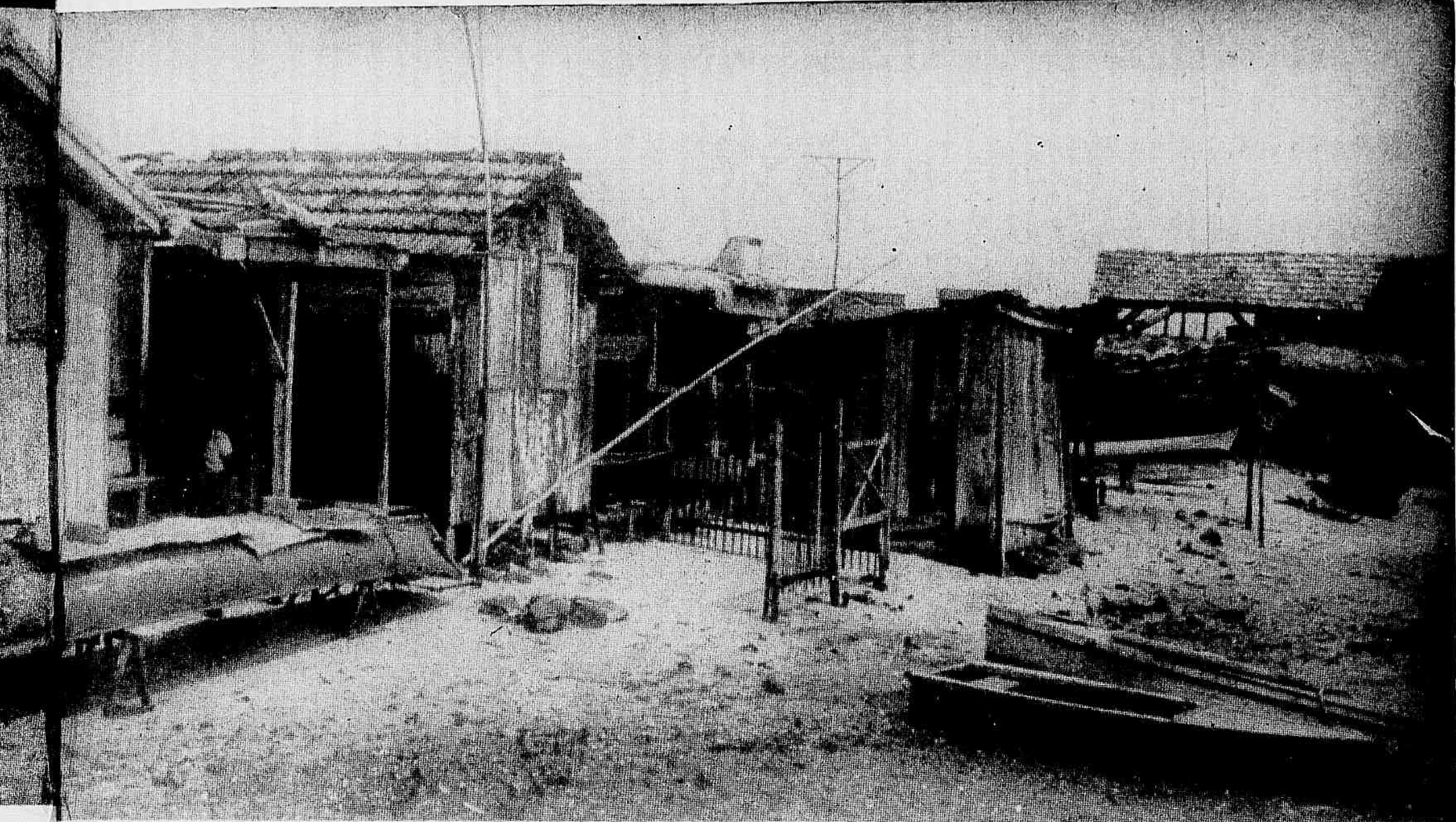
ESTIGMA E VERGONHA DE UMA BELA CIDADE, ESTRUME DA DEMAGOGIA PRÉ-ELEITORAL QUE É PRECISO REMOVER ★ QUANTOS SÃO OS FAVELADOS, ONDE MORAM, DE QUE VIVEM ★ TIPOS DE FAVELA ★ COMO ELAS SE FORMAM.

Reportagem de HOMERO HOMEM



FAVELA:





A ESFINGE MAL DECIFRADA

VAI para 20 anos que o problema da favela — que, desde data imemorial, era já por si um problema social — evoluiu também para um problema de urbanismo. Descendo pelas faldas dos morros, como uma enxurrada caótica mas cheia de vitalidade social, a favela veio instalar-se nos fundos de quintal das casas, edifícios de apartamentos e residências da classe média. Aí — cimento armado e alvenaria contra o zinco e madeirame dos barracos — estacaram, cada um à espreita do momento em que, com um bote, possa liquidar o outro. Mas onde a agitação e a demagogia vão buscar periòdicamente apenas estrume para seus objetivos pré-eleitorais, queremos nós, sem outro objetivo senão o do levantamento do próprio problema favelado, apresentar em duas reportagens uma síntese do problema. É possível que exista muita gente interessada em compreender o que existe de real nessa feia questão dos barracos que são a vergonha, a nódoa, o estigma, o remorso de uma bela e grande cidade.

Comecemos assim apontando as causas determinantes da formação das favelas. Ei-las:

1º — O rápido e intensivo processo de urbanização e industrialização do Distrito Federal;

2º — As más condições de vida reinantes no campo, tanto na orla rural carioca como em regiões remotas, como o Nordeste castigado pelas sêcas e outras, provocando, em todos os casos, o abandono das atividades do campo;

3º — Excesso de população em relação ao número de habitações acessíveis ao nível mínimo e médio dos salários.

4º — A inflação no seu efeito mais flagrante: diminuição do poder aquisitivo dos salários em face do crescente aumento do custo da vida;

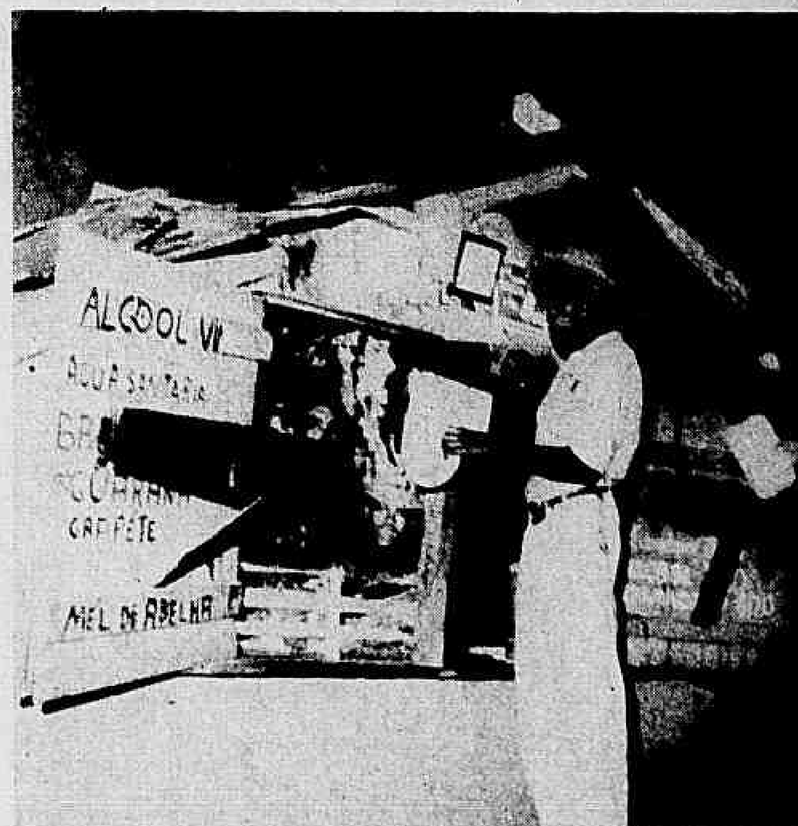
5º — A deficiência dos transportes, obrigando a população que trabalha nas zonas residenciais (doméstica) e fabris (operária) a se enquistar nos morros vizinhos dos locais de trabalho; e

6º — O progresso urbanístico da cidade com o seu agravante: as demolições nas zonas residenciais pobres, médias e ricas, onde já existiam prédios em condições habitáveis.

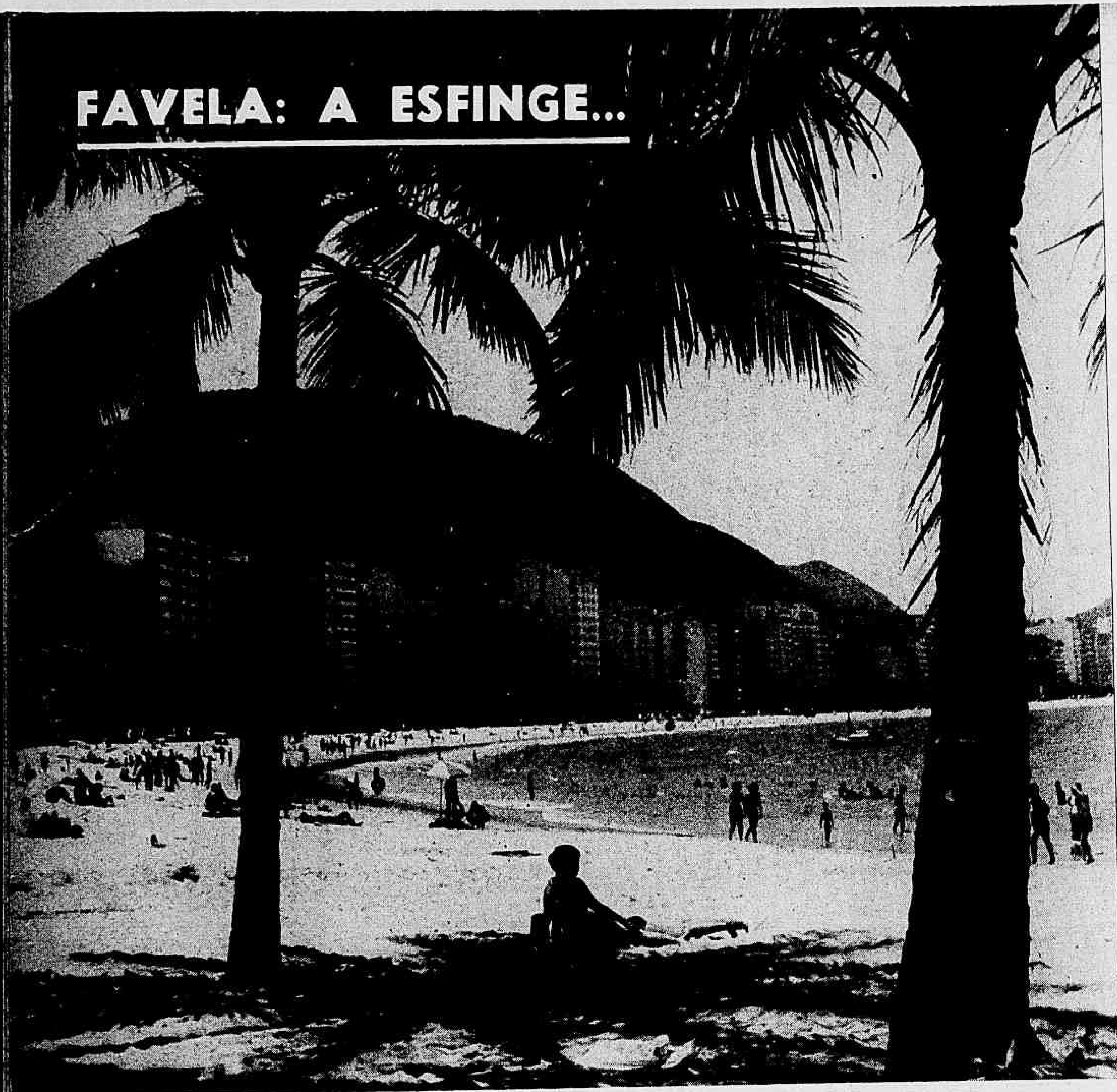
Êsses são, em linhas gerais, os fatôres de nascimento, crescimento e saturação das favelas. Como se vê, alguns fixos, dificilmente removíveis. Mas outros flutuantes, não de todo impossíveis de eliminar. As estatísticas oficiais, mesmo deficientes, já encontraram hoje uma série de respostas para a incógnita favelada. Sabe-se, por exemplo, que existiam recentemente no Rio 119 favelas, compreendendo 70.605 casebres, com uma população calculada em 283.390 pessoas. Êsses números estão







EXISTEM 119 FAVELAS NO RIO. E A TENDÊNCIA É AUMENTAR





Êste é o lado bonito da cidade, o cartão postal que é exibido ao turista. No verso, as favelas: um amontoado de ruína e miséria humana.

O número de favelados no Rio sobe a 283.390 que vêm ocupar diàriamente

naturalmente sujeitos a revisão em face do surto populacional entre os favelados, que não cessou. Mas são números base.

A distribuição das favelas, pelos diferentes distritos da cidade, seria, assim, a seguinte: Méier — 18 favelas; Botafogo, 17; Penha, 16; Estácio de Sá e Madureira — 10; São Cristóvão — 9; Copacabana — 8; Tijuca, Vila Isabel e Realengo — 6; Centro — 4; Jacarepaguá — 3; Laranjeiras, Campo Grande e Santa Cruz — 2.

A CAPITAL DA FAVELA

Quanto ao número de pessoas que abrigam, as favelas classificam-se de forma diferente. As de população mais densa estão situadas em Botafogo e compreendem 60.180 habitantes. Seguem-se Méier, São Cristóvão, Estácio de Sá, Centro, Penha e Copacabana, com favelas de população acima de 10.000 habitantes.

TIPOS DE FAVELA

Finalmente, é preciso fixar por hoje ainda um ponto: as favelas não são ajuntamentos uniformes, aglomerados humanos com as mesmas características profissionais, econômicas e sociais. Elas se diferenciam nos seguintes tipos padrão:

— Favela de zona industrial
— Favela de zona residencial
— Favela do tipo misto

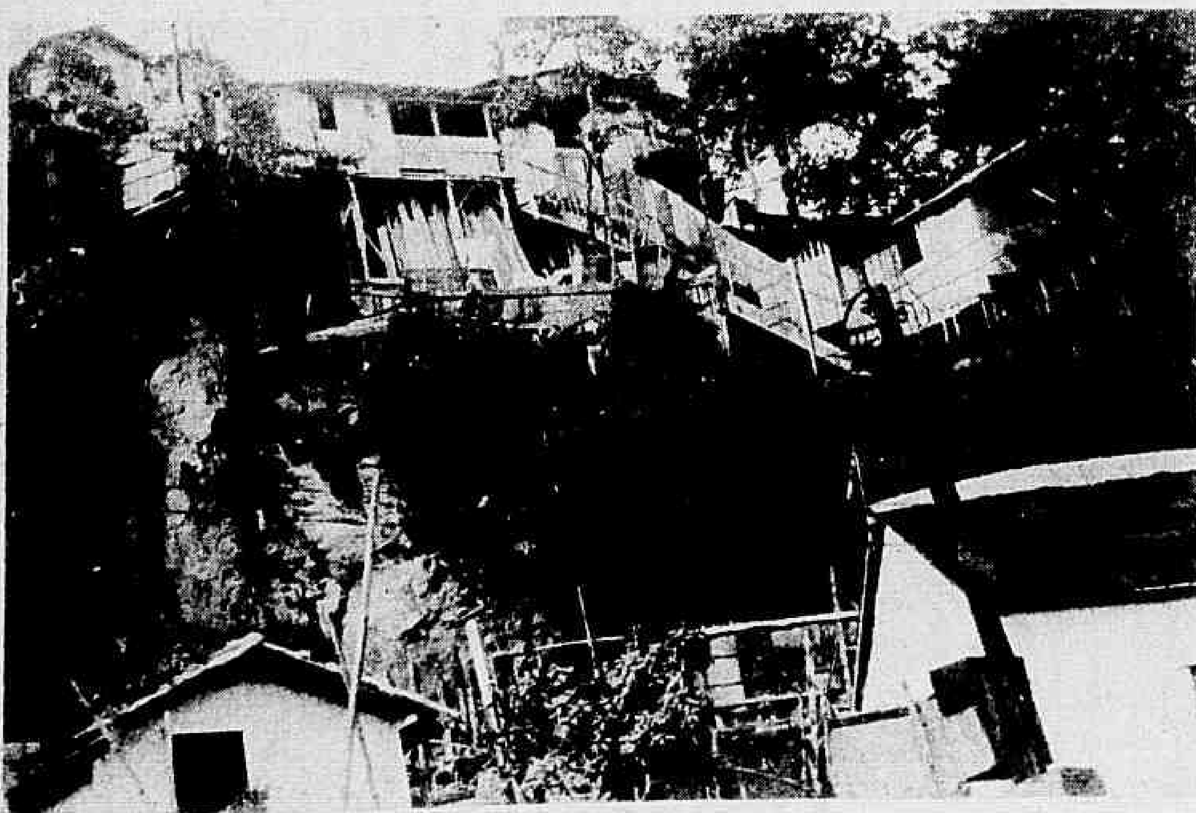
A favela industrial, como é óbvio, forma-se nas proximidades da zona industrial e abriga operários. Jacarèzinho é favela dêsse tipo — fruto direto da crise de habitação e dos altos aluguéis.

A favela residencial forma-se em tôrno dos bairros tìpicamente de moradia, como Copacabana, Leme, Leblon, e se compõe, predominantemente, de domésticas e aderentes que servem à classe média predominante nesses bairros.

Já a favela do tipo misto (é também, óbvio) resulta um pouco das condições formadoras do primeiro e do segundo tipo de favela. E ainda: desocupados, desajustados, gente de padrão econômico pouco acima de zero. Exemplo dêsse último tipo: o morro da Favela.

Sem uma pesquisa, um levantamento total das favelas, feito por pessoal especializado e capaz, não é possível realizar nada de duradouro, realmente util à coletividade carioca ou favelada. Daí a importância, a oportunidade de uma pesquisa planificada, a fim de que ações e palavras tenham seu exato significado, seu perfeito rendimento, correspondam, isoladamente, a peças conjuntas da maquete, do plano urbanístico, político e social que é preciso pôr em execução em favor dos favelados e contra a favela.

Porque, em síntese, qualquer plano a executar deve levar à frente êsse dístico — «contra a favela, em favor do favelado». Sob pena de tudo resultar em nada, as palavras perderem o significado, a ação pública se



ÊSTE É O MUNDO DE ZINCO QUE AMEAÇA COBRIR A CIDADE.



URGE A NECESSIDADE DE CONSTRUÇÃO DE CASAS POPULARES.



pessoas. Aí se fabricam os ladrões e assassinos as manchetes dos jornais



A solução para as favelas é um estudo do problema por gente especializada: a construção de grupos residenciais populares seria o ideal.

desmoralizar, e a favela, como a Esfinge de riso sardônico, engulir mais uma vez aquêles que a tentaram decifrar.

DESARTICULAR (SEM FERIR NEM MATAR)

Só um trabalho de base, tendo comêço nos próprios morros e acabando nas retortas e filtros dos organismos técnicos do tipo da Comissão do Bem Estar Social, do IBGE e outros, poderá resultar nalguma coisa útil em matéria de roteiro, de documentário, de plano de ação visando primeiro estancar as águas negativas que sobem os morros e fazem crescer as favelas; segundo, separá-las em seus diferentes filetes humanos, deixar de lado o aluvião, pegar da batéia estatística e isolar os diferentes corpos e sub-corpos que ali gravitam em tôrno do denominador social comum: o «mundo de zinco». E, finalmente, desarticular sem ferir nem matar êsse mundo, reconduzí-lo à sua perdida condição de coletividade humana produtiva, de grupo social útil e capaz e, como tal, nem digno de pena nem digno de ódio: digno apenas (e credor) de uma vida melhor.

A FALA DOS NÚMEROS

Enquanto essa pesquisa em profundidade não vem, divulgemos o que descobriu um inquérito parcial da Fundação Leão XIII no que diz respeito à situação profissional dos residentes em 8 favelas por ela visitadas:

Barreira do Vasco — 844 contribuintes do IAPI; 320 do IAPC; 120 do IAPETC; 92 do IAPI; 36 da LIGHT; 2 da Prefeitura e 1 do IAPB.
Morro de São Carlos — 1.195 contribuintes do IAPI; 546 do IAPC; 131 do IPASE;.
Jacarèzinho — 3.063 contribuintes do IAPI; 987 do IAPC; 175 do IAPM; 198 do IPASE; 288 do IAPETC; 98 da LIGHT; e 58 da Prefeitura.
Praia do Pinto — 891 contribuintes do IAPI; 288 do IAPC; 26 do IAPM; 50 do IAPETC; 47 do IPASE; 2 do IAPB; 70 da Prefeitura; e 31 da LIGHT.
Ao todo, 9.673 contribuintes do IAPI; 3.460 do IAPC; 521 do IAPM; 1.335 do IAPETC; 719 do IPASE; 16 do IAPB; 527 da Prefeitura e 532 da LIGHT.

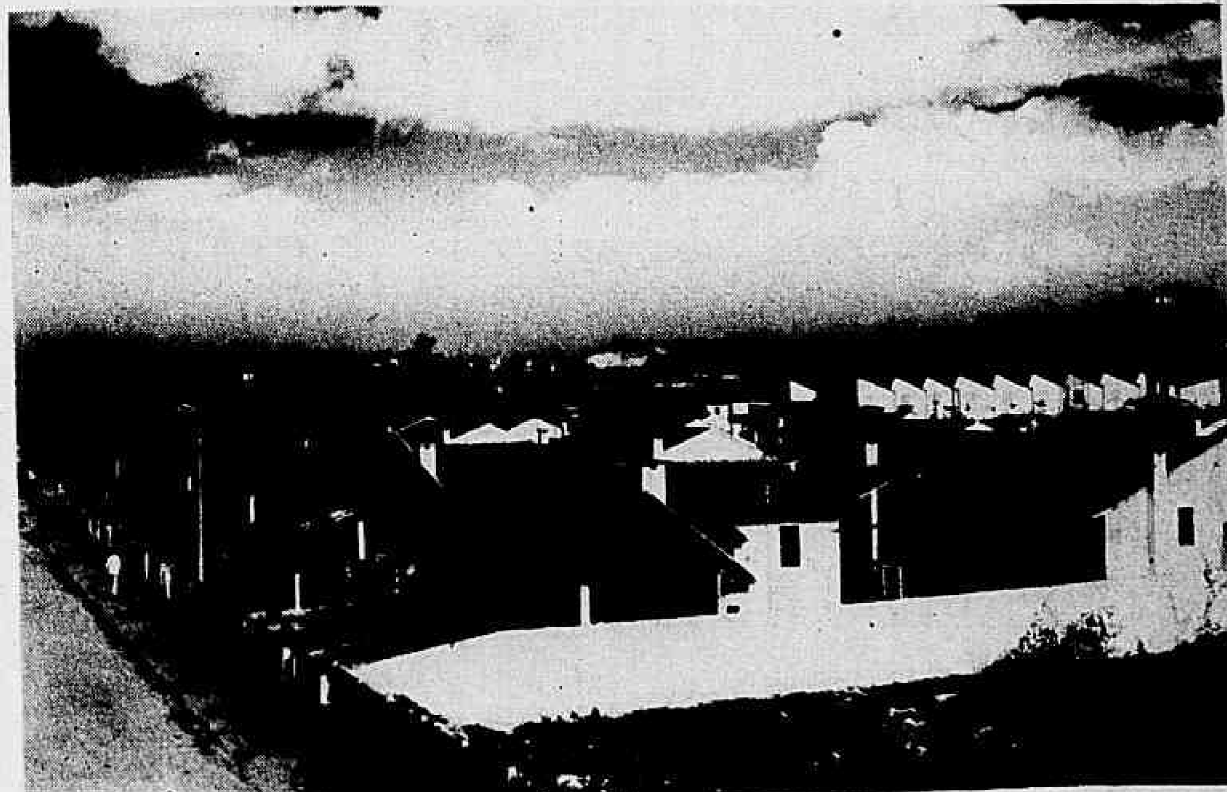
Eis aí na singeleza dêsses números-amostra, como a realidade das favelas se altera quando tratada à base de dados concretos. Que se deduz dêles logo à primeira vista? O fracasso da iniciativa oficial no que diz respeito à casa própria e a falta desta, como fator de crescimento das favelas. Por outro lado — ensina o inquérito — as favelas, tidas como antro de desocupados, ladrões, assassinos, são apenas um reduto das classes operárias, da pequena burguesia e até da classe media proletarizada pelo alto custo da vida e pelos níveis elevadíssimos dos aluguéis.

QUANTO GANHA UM FAVELADO

Já nesse capítulo do poder aquisitivo do favelado, os dados de que dispomos, sendo eloqüentes, infelizmente não são mais atuais. Datam



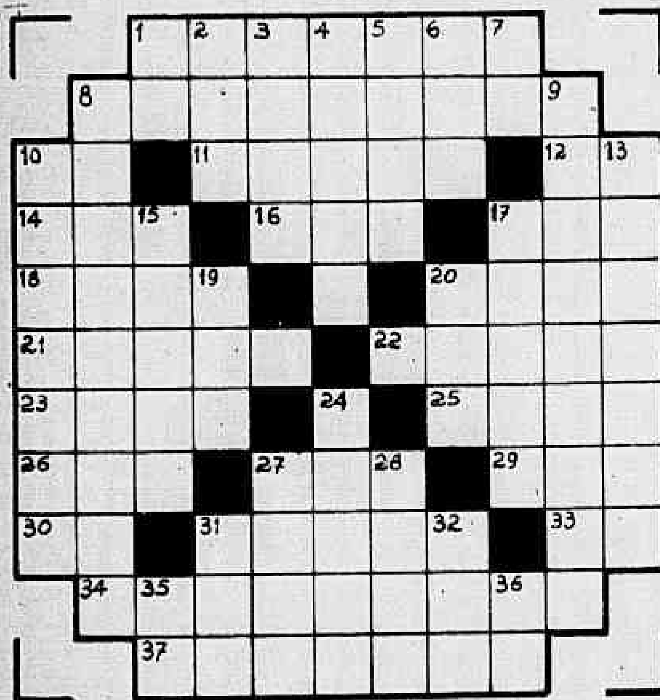
GRUPOS RESIDENCIAIS PARA ABRIGAR MILHARES DE CRIANÇAS



COM UM MÍNIMO DE CONFÔRTO EXIGIDO POR UM SER HUMANO

Palavras Cruzadas

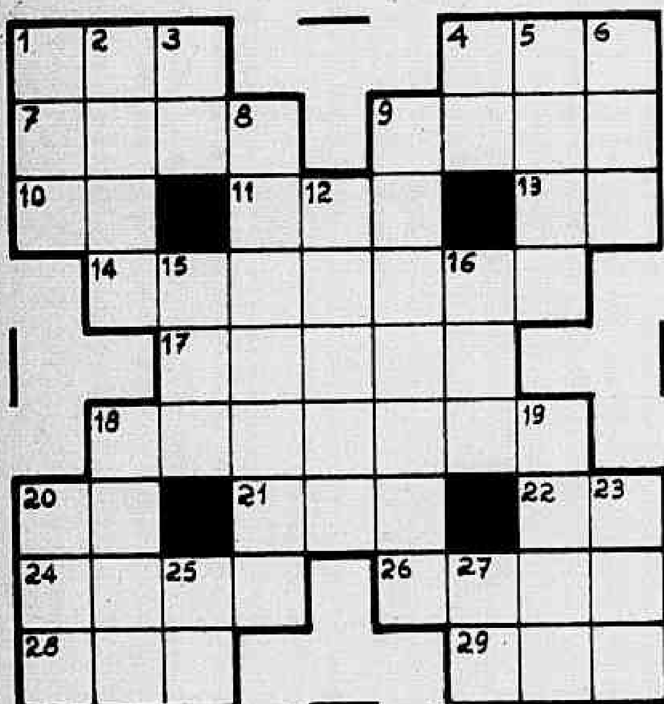
PROBLEMA Nº 10



PARA VETERANOS

Horizontais: — 1. Que desfila lùgubremente — 8. Alcunha dada aos habitantes das margens do Paraíba do Sul — 10. Nota musical — 11. Indígena da tribo aruaque das cabeceiras do Xingu — 12. Algum — 14. Espécie de maçã vermelha — 16. Regra adotada — 17. Peia — 18. Prova. 20. Comediante — 21. Espécie de palmeira — 22. Chorei — 23. Parentas — 25. Mulher formosa — 26. Contração (pl.) — 27. Aranha amazônica — 29. Irmão e inimigo de Osiris (mit. egíp.) — 30. Símbolo do escândio — 31. Que têm asas — 33. Contração — 34. Que existe por si mesmo (pl.) — 37. Calabres.

Verticais: — 1. Nota musical — 2. Espécie de sapo — 3. Canal, rua (ant.) — 4. Abaixo — 5. Espécie de palmeira — 6. Rã (arc.) — 7. Sufixo que designa ocupação — 8. Planta da família das Ciperáceas — 9. Exame de si próprio (pl.) — 10. Rodela de camurça nas chaves dos instrumentos musicais — 13. Conjunto de bandeiras e galhardetes que servem de sistema de sinais na marinha — 15. Seguirias — 17. Tenebrosos — 19. Cidade da França, dep. Charente-Inferieure — 20. Rio da Suíça — 24. A medula das plantas — 27. Ânimo, coragem -- 28. A mesma coisa — 31. Liga — 32. Nome de mulher — 35. Único — 36. Epiglote.



PARA NOVATOS

Horizontais: — 1. Senhor — 4. Colorido — 7. Remam para trás — 9. De preço elevado — 10. Em partes iguais — 11. Quer bem — 13. Seguir — 14. Nome de uma árvore do Paraná — 17. Pesquisar, procurar — 18. Do verbo sacar — 20. Símbolo do rádio — 21. Pedra do altar — 22. Rio da Sibéria — 24. Fileiras — 26. Adição — 28. Condimento — 29. Pedido de socorro.

Verticais: — 1. Mau cheiro — 2. Dão miados — 3. Feminino da terminação ão — 4. Aqui — 5. Língua falada em Orixá — 6. Grande porção — 8. Chocalhos — 9. Corporações municipais — 12. Assassinar — 15. Cachaça de mau gôsto — 16. Cidade da Itália, no Piemonte — 18. Principal compartimento de uma casa — 19. Rei do Carnaval — 20. Chefe etíope — 23. Contudo, porém — 25. Outra coisa — 27. artigo plural.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 9

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — ipuã — gala — raiva — fruir — il — afira — Sr — sidra — enase — orogénica — alô — amarapura — arari — árida — la — danta — iu — mibus — andar — ouro — oura.
VERTICAIS: — Íris — pálio — ui — avaro — grani — Au — lissa — arre — afagarias — frenopata — drama — acori — ela — araiú — árduo — Urano — adiar — almo — aura — Br — du.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — ira — ter — armas — cá — aal — CI — aba — oro — atacara — ita — asa — me — uta — em — greve — ala — ola.
VERTICAIS: — rã — ara — tal — és — aca — mascate — rio — abate — crase — ata — ora — imo — ama — ura — avó — Gl — el.

FAVELA: A ESFINGE MAL DECIFRADA

de 1947-48 e constam do estudo de Gilson Amado sôbre o assunto. Atualizados, suas conclusões seriam válidas. Segundo êle, o salário-médio na favela de tipo industrial, a êsse tempo, era de 900 cruzeiros, o que não seria dos mais baixos, tendo em vista o tempo da pesquisa e a proporção do seu crescimento até hoje. Nas de tipo residencial, a média salarial era muito mais baixa: 371 cruzeiros mensais. Mas, por outro lado, até salarios de 12.000 cruzeiros por mês foram encontrados nas favelas. Contudo, no cômputo geral, os salários oscilavam entre o inapelável zero econômico dos desgarrados sociais, até os mil cruzeiros da maioria (6% dos pesquisados). Êsses dados, interpretados pela rama, ensinam: o nível salarial melhor das classes nitidamente operárias e o seu maior desconfôrto. O nível salarial baixíssimo dos moradores de favelas do tipo doméstico — fruto direto de sua ignorância, de seu abandono, de sua inaptidão profissional para um melhor tipo de salário. E num e noutro caso — a deficiência dos meios de transportes, a crise de habitação e o êxodo rural ditando o crescimento das favelas. E por fim, como corolário dêsses fatôres externos de crescimento, ainda um nitidamente intrínseco: a percentagem excepcionalmente elevada de menores que habitam as favelas: 50%, em alguns casos.

MECÂNICA DO ÊXODO

Nesse capítulo do êxodo rural como fator de crescimento das favelas, convém situar bem a sua mecânica: más condições de trabalho reinantes no campo criando no trabalhador a ilusão da capital. Os benefícios da legislação trabalhista atingindo as cidades e excluindo o homem rural. A má distribuição da terra. E outros fatôres.

ESTADOS EXPORTADORES DE FAVELADOS

Quanto aos índices de crescimento das favelas em conseqüência do êxodo, os maiores contingentes humanos são fornecidos pelos Estados do Rio, Minas Gerais e Espírito Santo. Estados vizinhos ou semi-vizinhos da «cidade maravilhosa», atentos às suas solicitações e chamamentos. Zonas próximas do «paraíso» onde os salários são altos, o trabalhador é assistido, garantido em seus direitos, onde há fartura e abundância, segundo certa propaganda oficial errada que começou com o Estado Novo e ainda não cessou. Quantos, até hoje, foram vítimas dêsse **conto de vigário** oficial? — Milhares. Basta dizer que, em 1937, segundo estatística, 70.935 pessoas passaram pelo Albergue da Boa Vontade, procedentes de Minas, Estado do Rio, Espírito Santo e Norte do país. Vinham atrás da miragem carioca. Mas nem um barraco no morro ganharam como prêmio. Apenas uma cama de lona por oito dias, café pela manhã, sopa no almôço e mate no jantar. Mas voltaram. Os outros, mais infelizes, que não procuraram o Abrigo, subiram o morro e ainda lá estão até hoje à nossa espera. Como chegar até êles? É o que veremos na próxima reportagem.



As demolições em massa são uma das causas do aumento de favelados. É preciso, em retribuição, haver mais construções, a preços populares.

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Romance de MICHEL DUCHEMIN ★ Tradução de SILVIA JAMBEIRO

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

● O jovem Michel resolve passar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida descobre que viajará com nove moças e além disso o guia que os espera em Rijeka é também uma moça. Suas peripécias se passam na Casa de Estudantes onde se hospedam, na praia, no restaurante socialista, no subterrâneo, no museu e nas famosas cataratas de Krka. As travessias marítimas são outras aventuras perigosas. As pequenas arranjam admiradores iugoslavos que prometem mil coisas e desaparecem criando novos problemas para o pobre Michel. Para facilitar as coisas a guia resolve agregar o grupo a outro grupo de turistas o que complica tudo pois os rapazes começam a assediar as pequenas orbrigando Michel a tomar atitudes. As meninas para agradar Michel resolvem preparar-se especialmente para jantar com êle num elegantíssimo hotel porém o rapaz não nota nada de novo e elas ficam ofendidíssimas. Numa loja uma das francesinhas deixa cair da bôlsa o «baton» e isso provoca várias ofertas de compra daquele e outros artigos raros ali no momento. Peter resolve levar os turistas a Zafta, onde têm oportunidade de visitar a residência-museu de um pintor extinto. Michel acha horríveis todos os quadros mas felizmente não se externa pois vem a saber que o artista estudara em Paris. Voltam num vaporzinho que ameaça explodir e ao chegar Michel tem a satisfação de reencontrar Léna o que muito aborrece as pequenas. Michel resolve acordar cedo no dia seguinte para acompanhar Peter à estação.

— FICAM-LHE muito bem estas atitudes de moralistas . . . logo você! (respondeu ela zombateira). Você que no vapor nem sequer abriu a bôca e que se desmanchou em sorrisos assim que a viu! Ora, meu caro, você poderia ao menos ter dissimulado um pouco! Sua conduta foi ridícula, compreende? Ridícula!

Mas, eu? Ridículo? Fiquei até sem voz para responder. Reagi:

— Mas o vapor estava fervendo, digo, o motor ia explodir!

— O quê? Você parece maluco, suas palavras não têm sentido, aquela pequena lhe virou a cabeça. Às vêzes eu fico pensando se você chegará a voltar conosco para à França!

E dito isso ela se foi para o seu quarto.

Fiquei alarmado. Começava a perceber agora o abismo profundo que se estava abrindo entre as pequenas e eu, eu que tanto as adorara em outros tempos e que fervera de ciúmes por elas por causa dos estudantes em Dubrovnik. E tudo isso parecia tão distante . . .

— Que se passa afinal (perguntou Nicole que acabava de chegar junto a mim sem que eu desse por isso).

— Oh! nada, apenas uma simples troca de pontos de vista (respondi). Estamos apenas no décimo segundo dia de viagem, no décimo quarto possìvelmente nos destruiremos, para mim é o décimo segundo dia em que sou injustiçado.

Sou incumbido por Peter para avisar as meninas de que êle nos vai deixar e convida todos para beber um café do pôrto. Desempenho a minha missão.

— Oh! Estamos fatigadíssimas (Dizem Colette, Françoise e Helene). Subimos de manhã o Mont Srj . . .

Volto-me para as outras:

— Vocês que acordaram depois das dez da manhã porque estavam cansadas da véspera, agora já devem estar lépidas . . .

— Nós ainda nos ressentimos da fadiga que nos impediu de nos fatigarmos esta manhã (responderam compenetradas).

— Então que devo eu dizer? Eu, o único homem do grupo, sempre em atividade, sempre pronto, terei descoberto o milagre da energia?

— Ora, Michel . . . você está exagerando um pouco, nós achamos . . .

— Bem, não há tempo a perder. Peter nos espera.

Quatro mártires são apontadas por mim e resmungam:

— Êste rapaz está ficando cada vez mais autoritário!

— Aguardem, meninas, aguardem o último dia e verão . . .

— Verão o quê?

— Ah! Êste será como que a vigésima quinta hora de nossa viagem!

—//—

Léna ainda sabe dançar como uma deusa.

Tornamos a encontrar os franceses de bordo e a velha guia espalhafatosa nos informa que está felicíssima por voltar à França. Está também impaciente pela semana próxima quando verá a sua querida Holanda.

— Nós estamos no Imperial, bem no centro da cidade (informa) e dançamos tôda noite como em Rijeka e não chegamos a dormir apesar dos protestos do industrial. E vocês onde estão?

— No Argentina (respondo displicente).

— No Argentina? O super hotel dos diplomatas?

— Sim, mas quase que só tomamos as refeições lá, temos uma espécie de vila particular.

E ela responde, verde de raiva:

— Em todo caso a comida lá não deve ser muito melhor . . . o que eu quero é voltar para a França.

— Não concordo, o assado que nos serviram em baixela de prata estava excelente!

E ela depois de me lançar um olhar fuzilante desaparece.

Para não faltar à praxe, Peter toma nota de todos os nossos endereços e emocionado diz que tomará o trem das seis da manhã para Zagreb.

— Será que você não vai reaparecer depois de dois dias, como Léna e Montenegro?

Êle abana a cabeça e diz:

— Não, eu tenho um exame e preciso estudar, já perdi muito tempo em divertimentos.

Nós então concordamos com um silêncio respeitoso que êle nem parece notar.

O vinho leve que estamos tomando nos torna eufóricos, as pequenas dificuldades que surgiram entre as meninas e eu não me parecem ter importância. Sinto necessidade de ação!

— Peter (digo batendo com a mão na mesa). Vou acompanhá-lo até a estação!

Êle concorda calmamente com o meu sacrifício e como se fôsse a coisa mais natural do mundo informa:

— Você deve acordar as três e meia.

— Três e meia? Por quê?

— Porque é preciso chegar à gare antes das quatro e meia para arranjar lugar.

— Isso não é nada (respondo sem pestanejar). Estou habituado a levantar a esta hora.

As pequenas tôdas me olham em silêncio, com os olhos arregalados de admiração e se eu houvesse dito: «Amanhã atravessarei o Adriático a nado» não causaria maior sensação. Mas tratei logo de ir dormir pois já era quase meia-noite.

À hora marcada Peter me despertou.

No caminho vejo os compatriotas seguindo a velha guia na escalada do Mont Srj mas duvido que tenham dançado a noite tôda.

Em Dubrovnik, Peter toma um carro que nos leva até Cruz. Chegamos e o trem já está cheio.

Nunca tive muito jeito para arranjar assunto para conversar com um indivíduo que vai tomar um trem daqui a uma hora e que nunca mais voltarei a ver.

Peter parece também compartilhar do meu silêncio.

Fico pensando que seria bem mais interessante se eu tivesse dito adeus a êle da cama mesmo e virado para o outro lado para pegar no sono calmamente até de manhã. Mas não devemos nunca nos arrepender das poucas atitudes heróicas que de vez em quando tomamos.

O trem parte finalmente depois de um atraso não muito sensível e então eu me encontro só na gare a dez quilômetro da vila onde as minhas meninas dormem tranqüilamente. Os táxis já partiram e não me resta senão caminhar de volta. A exaltação, o entusiasmo provocado por uma boa ação voluntária passa muito depressa e não resta senão uma espécie de revolta contra nós mesmos e assim é que chego finalmente à vila de muito mau humor.

As pequenas tomavam a primeira refeição calmamente no terraço do Argentina.

— Lá vem Michel! (gritam tôdas quando me vêem).

Deixo-me cair sôbre um divam já um tanto gasto e que por certo ficará em piores condições sob o pêso do meu corpo fatigado.

— Você está tão abatido, Michel (diz Andrea). De onde vem?

— Você não sabe? Êle foi levar Peter à estação!

O tom irônico da resposta me pareceu de muito mau gôsto.

— Não vejo (digo então) motivo para troças só porque me sacrifiquei pela maioria!

— Mas ninguém obrigou você a ir (fala Nicole docemente). Acho que foi uma grande tolice a sua em ter ido!

Eu intimaente era da mesma opinião mas precisava reagir:

— Pois não me arrependo e sei que Peter sempre há de lembrar que um francês se levantou às três e meia da manhã para acompanhá-lo à estação em reconhecimento a tudo o que êle fêz por nós!

Uma outra então, não muito generosamente, fêz lembrar que Peter apenas dormiu no mesmo prédio que nós a não ser no dia em que, no próprio interêsse, fomos a Zaftat buscar as coisas que êle esquecera lá.

— Isto é uma indignidade (digo eu batendo com a mão na mesa). Peter é meu amigo e não permitirei que se refiram a êle em têrmos tão ofensivos.

— Falaremos então em Léna que também é muito sua amiga (replica uma outra).

E as línguas afiadas começam a trabalhar.

Eu me deixo ficar estirado no divam conservando uma expressão indiferente.

Continuava de mau humor.

E a partir daquele momento até a chegada à gare de Lyon aquêle mau humor não me abandonou.

—//—

A vigésima quinta hora chegou!

Chegou o momento da viagem que não se passa em vagões dormitórios, baldeações ou terraços de hotel. Chegou o momento em que a paciência angelical, que nos acompanhou quando puzemos o pé na plataforma do primeiro trem, cessa bruscamente assim como a corda muito tensa no violino de um artista excitado.

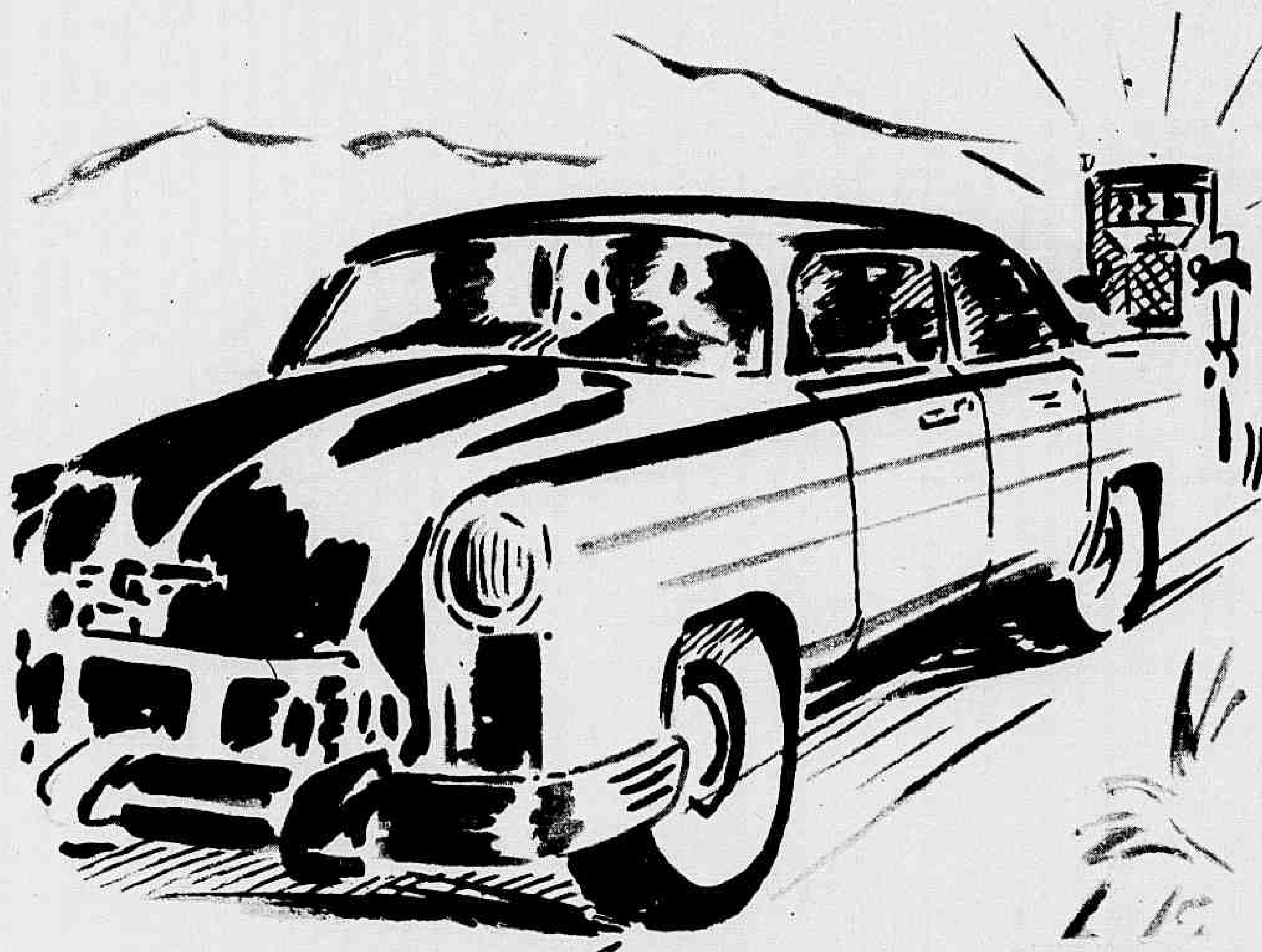
É acatástrofe.

Desde o começo da viagem que eu me queixava de ter nove moças em minha companhia e me perguntava: por quê? Certamente se fizesse a pergunta em voz alta alguém responderia que é porque realmente é apavorante aturar nove mulheres de uma vez. A princípio procurava sorrir com superioridade mas agora que a minha paciência chegara ao fim eu achava que cada detalhe de uma das pequenas que a princípio me parecia original agora se tornava abominável; a vozinha que achava cantante era agora esganiçada! O riso cristalino passara a ser classificado de histérico! E todos os encantos das meninas passaram a me aborrecer como uma dor de dentes! E elas passaram a ser para mim um grupo desajustado que só se unia na hora de fazer alguma coisa para me desagradar.

Não falaremos aqui dos meus sofrimentos pessoais, passarei em silêncio sôbre êle pois não sou do tipo implicante capaz de pedir divórcio só porque a espôsa quer dormir com as janelas fechadas ou algo assim. Não falaremos também sôbre o meu querido saco de viagem que depois de algum tempo passara a não me pertencer, exceto na hora de transportá-lo e que fôra transformado em travesseiro, em banco, tapête, servira para estenderem meias para secar etc. E o meu travesseiro pneumático forrado de «nylon» passara por iguais vicissitudes, estava em farrapos, inteiramente inutilizado!

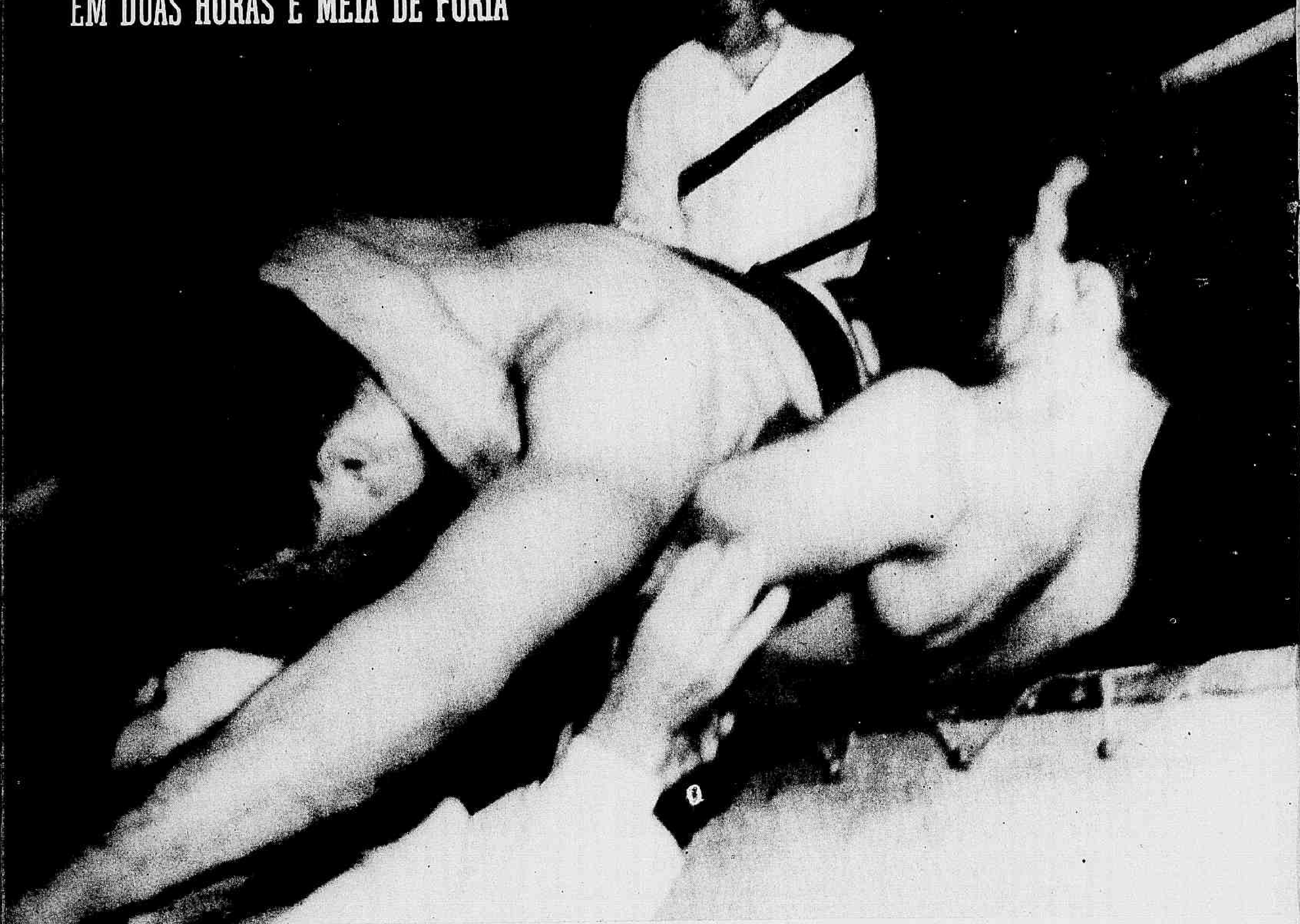
Olhei com íntima satisfação as pequenas quando vieram uma a uma se reunir a mim na hora da partida para um passeio a Kottor. Confesso que não me desagrada a atitude de dirigente e que há um certo pitoresco em ouvir as discussões a respeito de vestidos de inverno ou sô!bre o tipo ideal de cada uma. Passei vários dias naquela atmosfera colorida de mercado persa, entre perfumes e sêdas farfalhantes e de côres alegres e além disso não me envergonho de dizer que compartilhei das gulodices que aquelas infelizes consumiam diàriamente.

No fundo admito que não me arrependo da experiência mas é que chegara o momento em que deixara de me interessar.



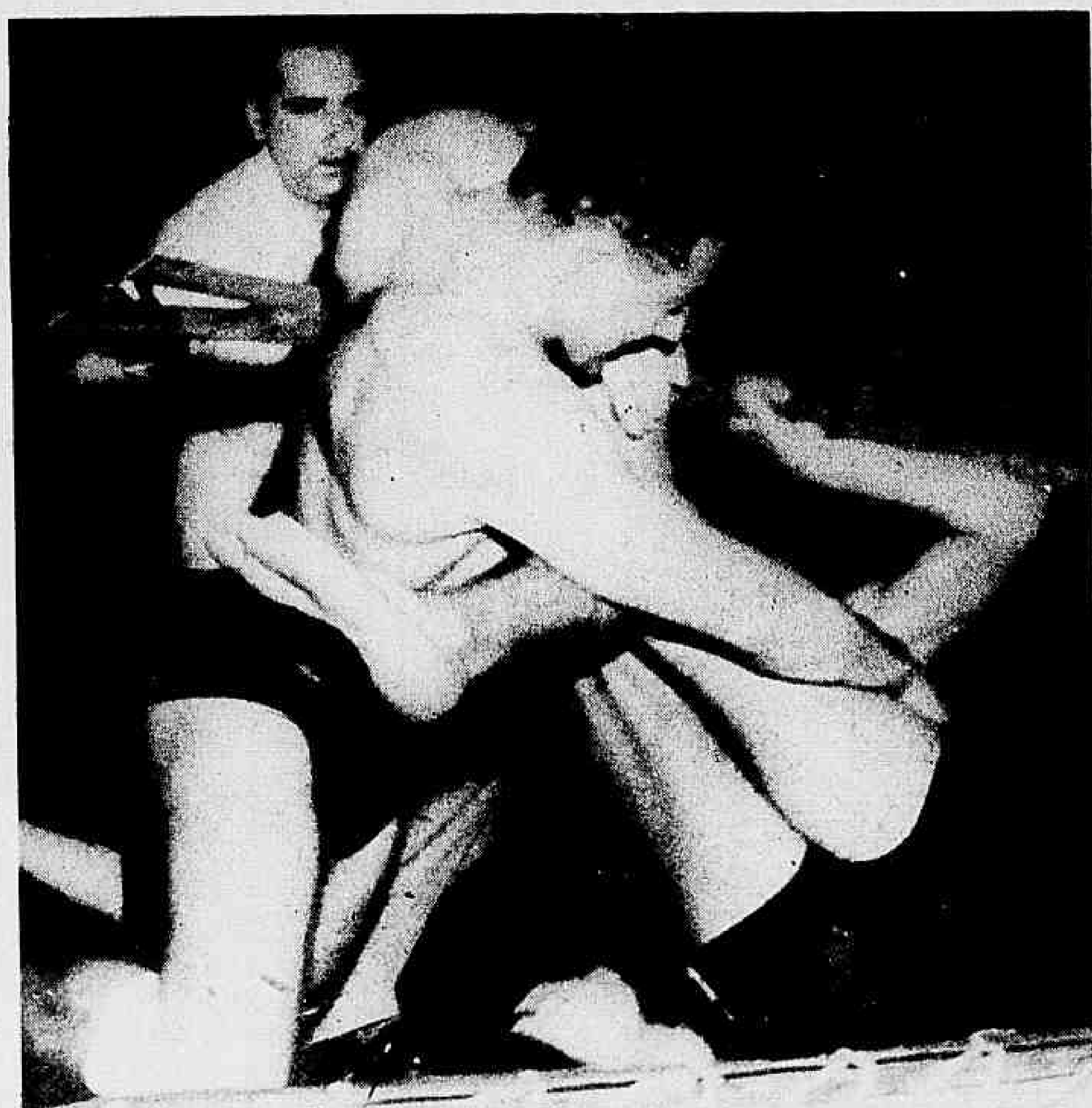
(Continua no próximo número)

EM DUAS HORAS E MEIA DE FÚRIA

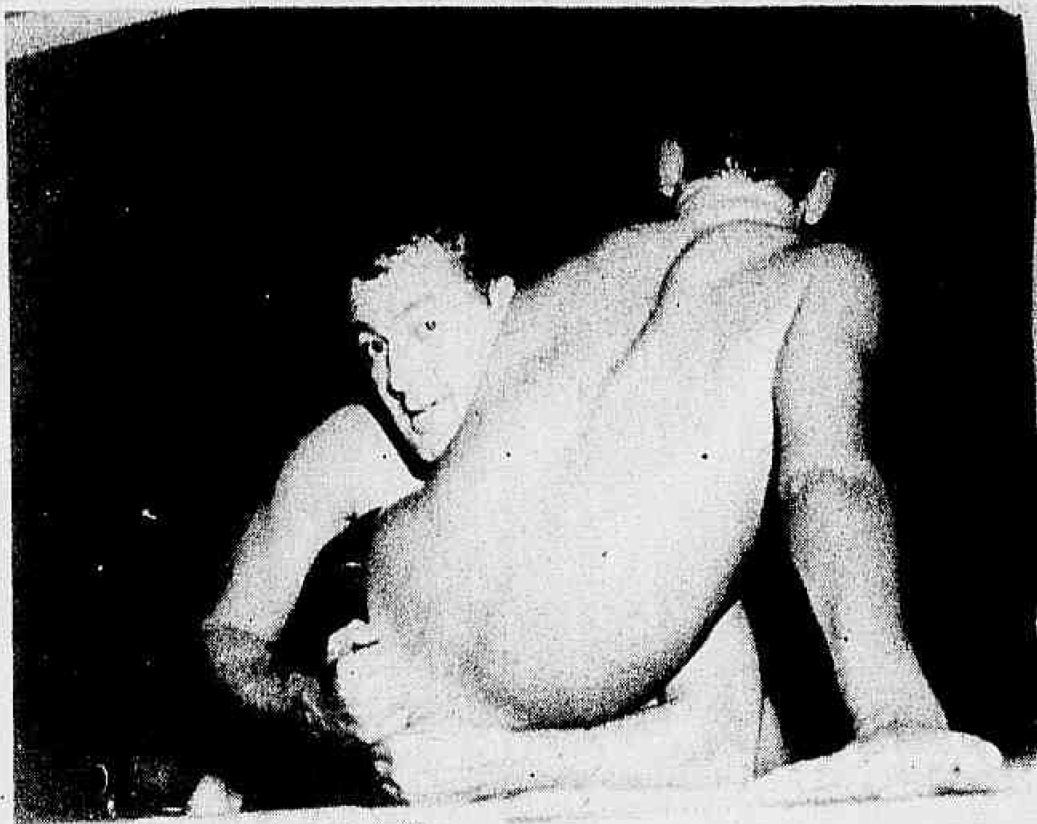


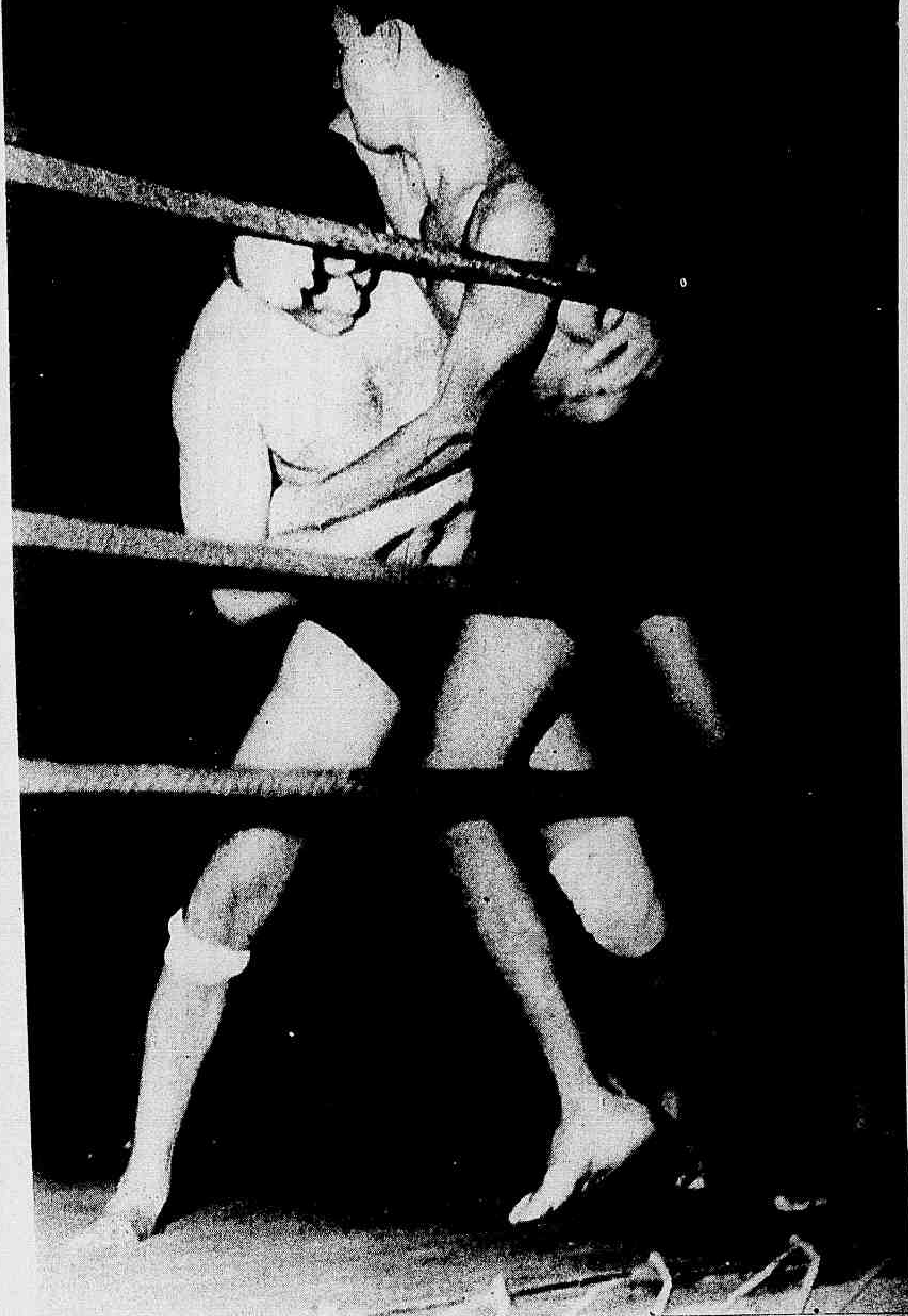
CARLSON GRACIE ARRASOU PASSARITO





A luta apresentou excepcional violência por parte dos dois



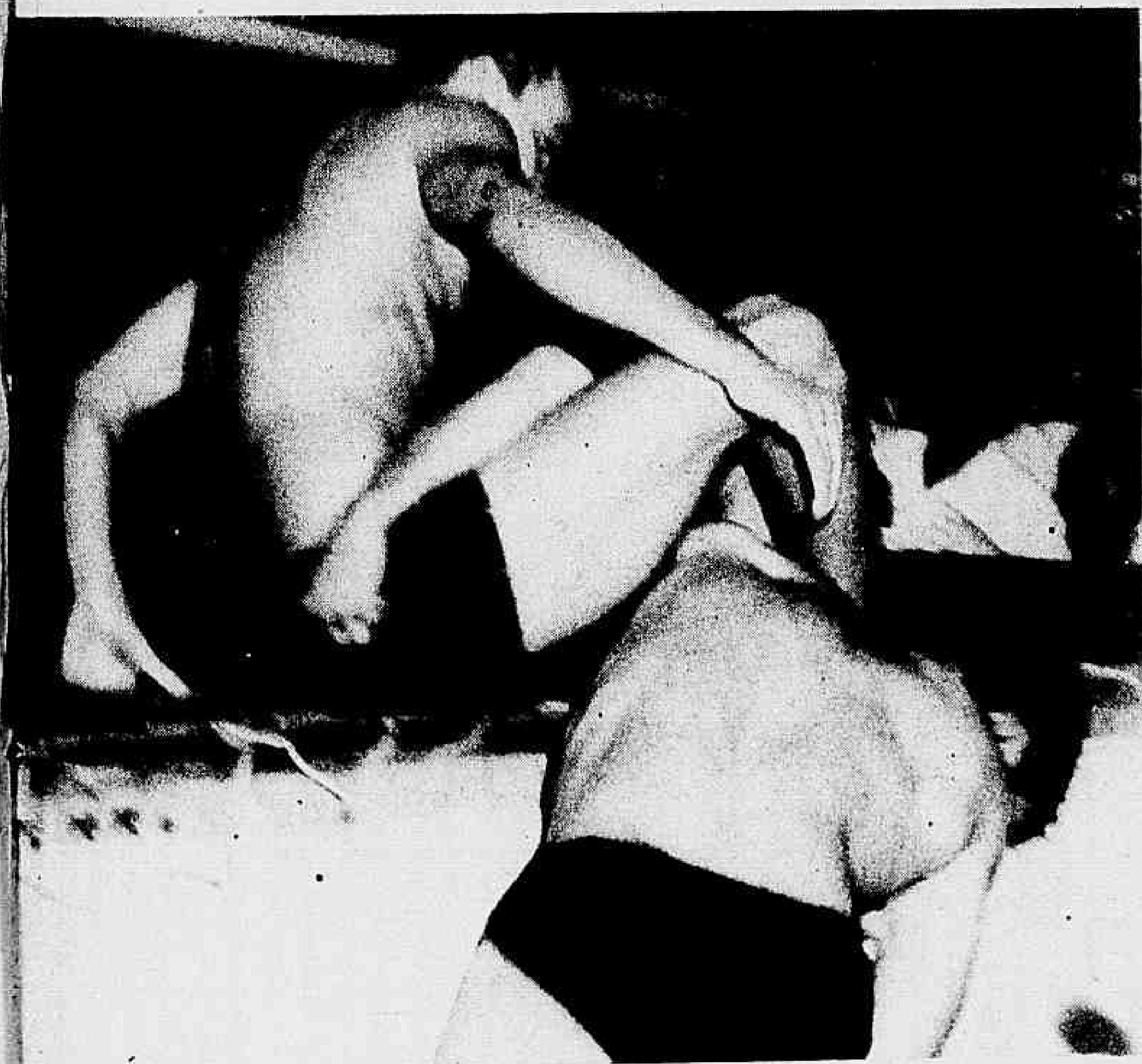


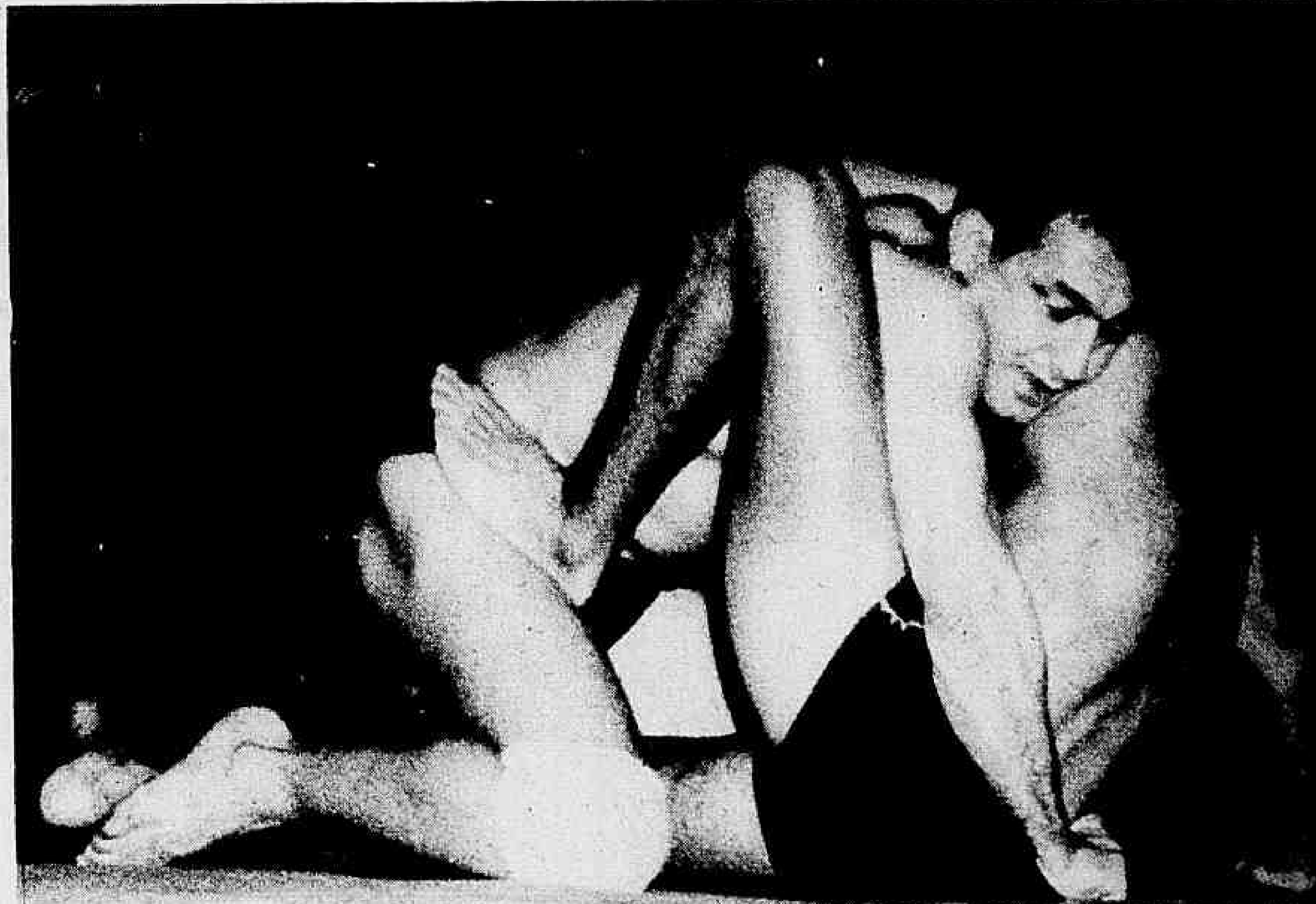
ESPETÁCULO verdadeiramente dantesco foi-nos dado presenciar no estádio de São Januário, há uma semana. A luta ali travada, intitulada de «vale-tudo», mais se assemelhou a um duelo de gladiadores dos tempos de Nero e do Coliseu romano. Os lutadores Carlson Gracie (sobrinho do campeão brasileiro de jiu-jitsu, Hélio Gracie) e Wilson Oliveira (Passarito) haviam-se encontrado tempos atrás num combate idêntico, que terminara sem vencedor. Cada «round» constava de meia-hora de combate por apenas três minutos de descanso. A luta, em si, apresentou aspectos surpreendentes de destemor e selvageria por parte dos antagonistas. Por vêzes, o público chegou a ser prejudicado, pois grande parte do embate foi disputado no chão, o que tirou muito do sensacionalismo do «vale-tudo». Mas, nas oportunidades em que os litigantes preliaram em pé, a assistência vibrou com a combatividade por êles demonstrada. Depois de 5 «rounds» duramente disputados, ainda não se havia chegado a um resultado decisivo. A essa altura, entretanto, o médico assistente do combate, dr. Caramuru Werneck, examinando o lutador Passarito, constatou que o mesmo não poderia prosseguir na luta, sob pena de falecer no tablado. Foi, assim, declarado vencedor o representante da Academia Gracie, por nocaute técnico. Essa decisão, porém, não foi bem recebida pelos professôres de Passarito, que resolveram protestar junto à Federação Metropolitana de Pugilismo. É provável, portanto, que tenhamos novo «vale-tudo» no tribunal...

E a coisa teria sido pior se o juiz não pusesse fim ao massacre. — A assistência queria sangue... e teve

Reportagem de LEUNAM BATISTA LEITE

Fotos de ALEXANDRE MIRANDA





...ois contendores, mas a superioridade de Gracie foi flagrante

A FRIEZA E A NEGATIVA SISTEMÁTICAS.



28 horas sem comer, sentado em uma cadeira de madeira e com milhares de olhos voltados para si. Eis o que teve que enfrentar o ainda tenente Bandeira. Sem contar os insultos e as agressões de um promotor pouco inteligente e educado.

NÃO CONSEGUIRAM ABSOLVER O TENENTE



Foi impressionante a resistência da multidão, aguardando desde a sexta-feira, que o Tribunal pronunciasse seu «veridictum».

INTACTOS OS NERVOS DE BANDEIRA PARA O SEGUNDO JÚRI

28 horas durou o julgamento ★ A surpreendente resistência da multidão ★ Muita gente ficou do princípio ao fim, sem ir à rua e sem comer nada (não havia) ★ A negativa sistemática condenou o réu ★ A confissão tê-lo-ia libertado? ★ Disposição camarada dos jurados ★ Tese infeliz da defesa ★ Marina ao repórter: "Nunca pensei que Bandeira pudesse ser condenado". Mas não parecia triste ★ Romeiro Neto e José Bonifácio: "Se os jurados demorarem mais de 15 minutos na sala secreta, Bandeira está perdido". Demoraram 1 hora e 45 minutos ★ Emerson fêz cinema, fingiu que desmaiava, pediu tempo, desistiu da réplica, agrediu a imprensa, mas não conseguiu superar-se: continua pouco inteligente, de raciocínio lento e construindo espantosamente mal as frases ★ Opinião do público antes do julgamento: Bandeira é culpado, mas vai ser absolvido ★ O promotor Átila de Sá Peixoto depois de estudar os jurados: "Bandeira será condenado por 5 a 2" ★ Novo julgamento, pedirá Romeiro Neto ★ Opinião geral: houve manifesta injustiça contra Bandeira.

Reportagem de HÉLIO FERNANDES

Fotos de ALBERTO FERREIRA e ARNALDO VIEIRA



GERALDO BORELLI



CARLOS ANTÔNIO

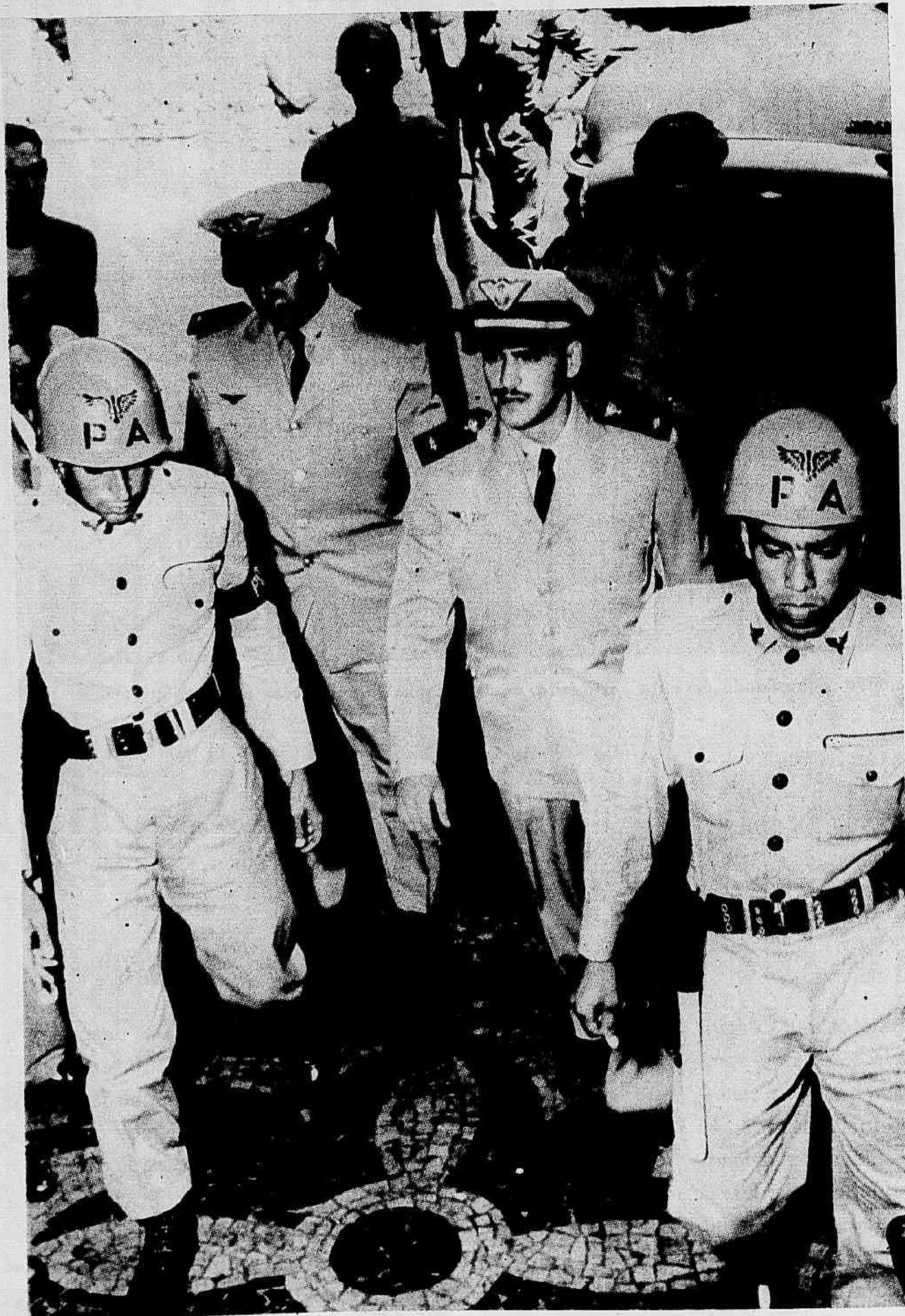


ARMANDO MONTEIRO



OSVALDO

OS HOMENS QUE CONDENARAM BANDEIRA, SEGUNDO ROMEIRO



Bandeira chega ao Tribunal. Vem esperançado e confiante. 28 horas depois, ainda firme mas com visíveis traços de cansaço, deixaria o Tribunal, condenado a 15 anos de prisão. Prisão com que não se conforma pois jura que é inocente.

«PARA SER HONESTO, DEVO DIZER QUE ESTOU ATURDIDO» — êste foi o único comentário do tenente Alberto Jorge Franco Bandeira ao ser interpelado por um repórter minutos após a sentença que o condenava a 15 anos de reclusão. Durante todo o prolongado e exaustivo julgamento, a postura do réu foi uma só: tranqüilidade absoluta, quase abulia a confirmar um completo (e álgido) domínio dos nervos. E se as aparências retratam o mundo interior, pode-se afirmar que o tenente Bandeira saiu dêstes primeiros dois anos de drama com o seu sistema nervoso intacto, pronto para enfrentar o segundo julgamento que o espera e que deverá ter lugar, segundo cálculos mais otimistas, nos próximos cinco meses.

TERMINOU a novela do Sacopã que durante 2 anos foi representada na capital da República. Novela, tragédia, drama, comédia (e às vêzes até mesmo farsa) apaixonou e empolgou um público ávido de sensação.

O último personagem a sair de cena foi o famosíssimo tenente Bandeira. Mas não saiu carregado em triunfo, nos braços da multidão, como muitos admitiam e quase todos esperavam. Saiu melancòlicamente, com uma condenação de 15 anos, que dificilmente será reduzida ou anulada, mesmo que consiga um novo julgamento.

Baseado em 3 pontos importantes do processo (falta de testemunha presencial do crime, ausência da arma com que foi assassinado Afrânio e firme e determinada negativa do acusado)



Plínio Lemos, que para incriminar Bandeira violou o segrêdo profissional, pois contou o que ouvira de sua constituinte (Marina).



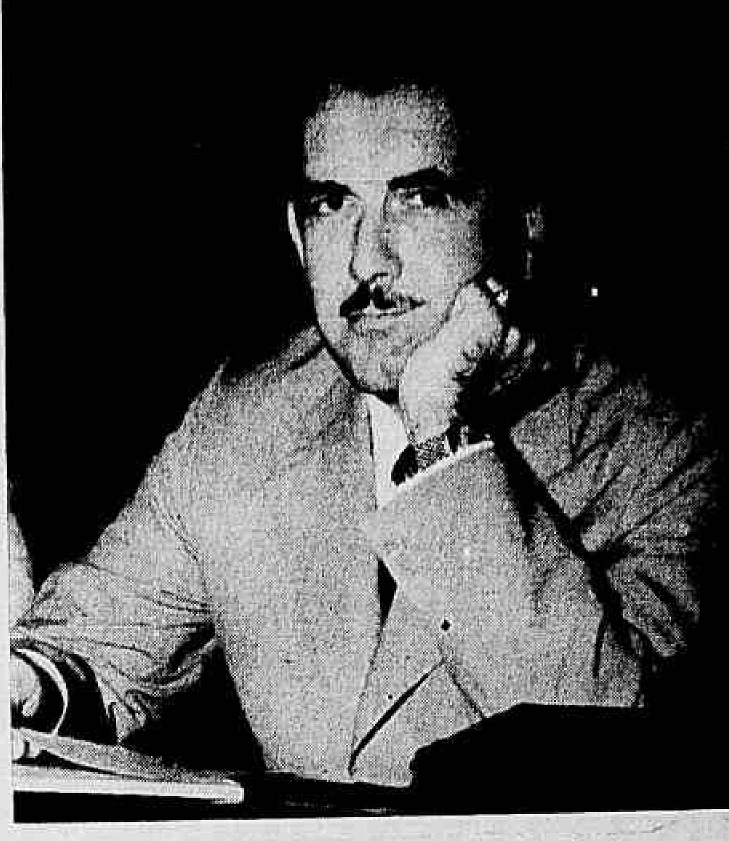
CARIJÓ



DIANA PATERNOSTRO



CELSO MUNIZ



AGESLAU BARBOSA

NETO: "SETE CABEÇAS, SETE SENTENÇAS". TERÃO ERRADO?

esperava-se que a defesa triunfasse sôbre a acusação. Principalmente porque era visível e nítida a diferença de classe entre os que defendiam e os que atacavam. Emerson de Lima (o promotor) está muitos furos abaixo de Romeiro Neto, enquanto Milton Sales (auxiliar de acusação) não pode de maneira alguma competir com José Bonifácio (auxiliar da defesa).

Emerson de Lima e Milton Sales tentando condenar Bandeira outra coisa não fizeram senão ajudá-lo. O promotor, então, de um primarismo absoluto, não soube tirar partido de nada. Das reações dos jurados, do interêsse do público, das provas circunstanciais que se acumulavam no processo.

Também a sua surpreendente decisão de dispensar o depoimento de Marina foi mais um ponto a favor do acusado.

Pode-se afirmar, portanto, com segurança, que o tenente Bandeira foi condenado por Hermes Machado e Rui Dourado, pois eram tantas e em tais quantidades as evidências alinhadas pelas duas autoridades, que mesmo desaproveitadas e desprezadas por Emerson e seu auxiliar (!) ainda chegaram para influir poderosamente no ânimo dos jurados e levá-los à condenação.

A TESE DA DEFESA

Grande culpa na condenação de Bandeira cabe também ao seu advogado Romeiro Neto. Fêz um magnífico discurso, trabalhou exaustivamente no plenário, mas foi traído pela tese que adotou (negativa de autoria) que reduz tôda a argumentação da defesa apenas a um quesito:

O RÉU MATOU OU NÃO MATOU?

Se os jurados respondem afirmativamente (como foi o caso) o destino do réu oscilará entre 12 e 30 anos, pena prevista para o homicídio qualificado. Foi o que aconteceu. E reconhecendo em Bandeira o matador de Afrânio, até que os jurados foram muito camaradas na fixação da pena. Pois a ferocidade, a premeditação, a crueldade com que foi cometido o crime, não podem ser postos em dúvida. E aquelas 14 coronhadas desfechadas quando Afrânio já era cadáver, são agravantes que os jurados não levaram em consideração, naturalmente para não elevar a pena ao máximo. E afinal de contas êsse gesto sentimental dos jurados, veio prejudicar o réu, pois se a condenação tivesse ultrapassado os 20 anos, seria automático um novo julgamento. Agora, a defesa terá que trabalhar para convencer os senhores desembargadores, que os jurados julgaram manifestamente contra a prova dos autos.

O CAMINHO CERTO

A confissão do réu (e não é possível que Romeiro Neto e José Bonifácio acreditassem em sua inocência) seria o melhor caminho para a absolvição. É sabido que a negativa sistemática, contra tôdas as evidências e circunstâncias, irrita os jurados, coloca-os contra o acusado. A defesa descuidou-se dêsse detalhe importantíssimo. Se Bandeira tivesse confessado, poderia se valer de atenuantes poderosos, que já têm libertado outros réus nas mesmas circunstâncias. **Violenta emoção, privações de sentidos, defesa da honra de terceiro** (Marina), eis algumas das alegações que a defesa com a sua reconhecida inteligência e vivacidade poderia explorar. E a própria fixação da pena (quase no mínimo) dá bem uma idéia da disposição camarada dos jurados. Dessa disposição (visível em todo o julgamento) não soube se prevalecer a defesa. Preferiu insistir na negativa sistemática. 15 anos de cadeia é o resultado dessa insistência.

O JULGAMENTO

Às 12 horas do dia 26 de março (sexta-feira) o juiz João Claudino de Oliveira e Cruz (muito moço, rosto ameno, sério, sisudo e compenetrado) fêz a chamada dos jurados. Estava iniciado o julgamento do tenente Alberto Jorge Franco Bandeira, que há 2 anos assassinara (ou era acusado de ter assassinado) o bancário Afrânio Arsênio de Lemos. Já tôda a lotação do Tribunal estava esgotada. Enquanto lá fora uma verdadeira multidão tentava ainda entrar. Procedido o sorteio dos jurados (6 homens e uma mulher tôda de prêto) foi feita a qualificação do réu, introduzido na sala às 12,05 minutos. Bem barbeado, farda amarela, calmo e tranqüilo como sempre. Olhou para todos os lados, sorriu tristemente respondendo a cumprimentos de algumas fãs. Às 13,10 foi iniciada a leitura do processo. Nesse instante saem da sala Romeiro Neto, José Bonifácio, Emerson de Lima e Milton Sales. A fase da leitura é considerada a mais monótona do julgamento. A leitura do processo (3 gastos e amarelecidos vo-



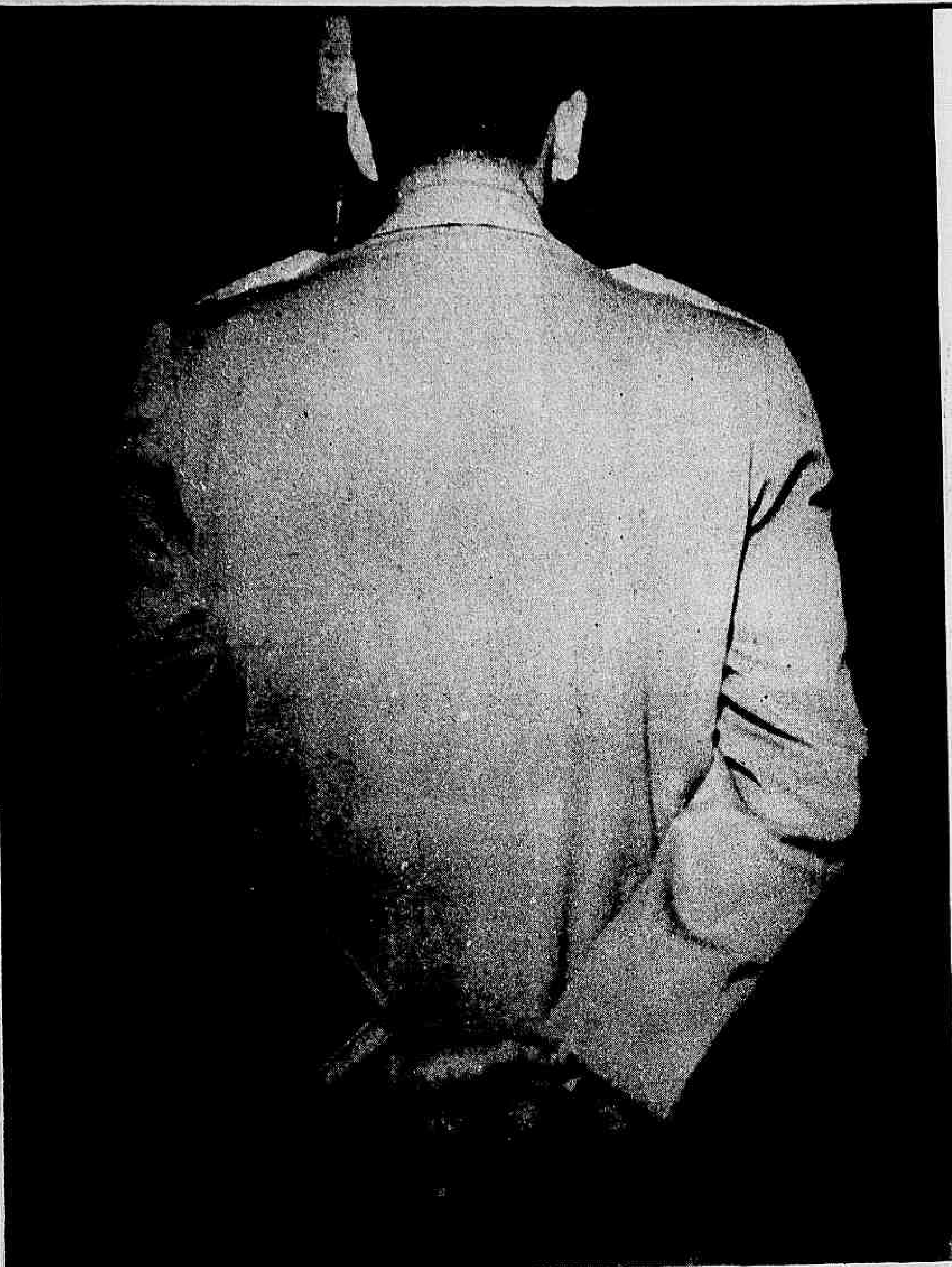
Emerson de Lima: um homem frio, teòricamente defensor da sociedade. Não acusou Bandeira. Insultou-o. Ofendeu-o. Apenas.



Romeiro Neto: fêz um bom trabalho, mas foi baldado pela tese que adotou. Se Bandeira tivesse confessado, estaria sôlto.



João Claudino de Oliveira e Cruz: um juiz que fêz lembrar Ari Franco. Enérgico, consciente, compenetrado e imparcial.



De costas para a multidão. Bandeira ouve o juiz ler o que os jurados decidiram. Suas mãos se comprimiram um pouco. Mas permaneceu impassível.



Escoltado por dois oficiais da Aeronáutica, Bandeira entra no recinto do Júri. Eram precisamente 12.05 e o Tribunal já estava completamente lotado

lumes de papel, com mais de 500 páginas) só terminou às 23,40, depois de 3 intervalos: o primeiro para café (10 minutos); o segundo para descanso (15 minutos) e o terceiro para o jantar (87 minutos).



Às 12 horas e 20 minutos de sexta-feira, as por tas do Tribunal foram fechadas e não se abriram mais. Mesmo assim o povo não arredou pé. E p rocurava entrar de qualquer maneira, na tentativa aflita e desesperada de assistir ao maior julgamento de todos os tempos.

DEPOIMENTO DAS TESTEMUNHAS

Uma das sensações do julgamento, que era o depoimento de Marina, foi roubada ao público quando se anunciou que tanto a defesa quanto a acusação desistiam de seu depoimento. A verdade é que ambos temiam a sua palavra. Autora de 2 depoimentos (um contra e um a favor do tenente) era temida ao mesmo tempo pelo promotor e pela defesa. Qual dos dois depoimentos iria confirmar? O da polícia ou o do sumário? Na impossibilidade de adivinhar, Emerson e Romeiro concordaram em dispensar Marina. E assim, 5 ou 6 testemunhas apenas, sem maior expressão, desfilaram monòtonamente diante do público, sem que nada de novo fôsse apresentado.

OS DEBATES: FALA A ACUSAÇÃO

Precisamente às 4 horas da manhã do dia 27 (sábado) o juiz deu a palavra ao promotor. Suas primeiras frases (violentíssimas) foram de condenação à imprensa. E durante 15 minutos atacou desabudamente os jornalistas como se êles é que estivessem no banco dos réus. Só depois entrou na análise pròpriamente dita do processo. Procurou provocar a defesa, para depois ter o direito de perturbar-lhe o trabalho. Descoberto o seu jôgo, só recebeu como resposta os sorrisos sarcásticos de Romeiro Neto, que chegaram a irritá-lo em determinado momento. Foi quando virando-se para o patrono da defesa exclamou com os braços abertos: «Os sorrisos de V. Exa. já não me perturbam mais». Mas demonstrava exatamente o contrário.

Às 5,30 perguntou ao juiz quanto tempo lhe restava. «1 hora e 35 minutos», respondeu o juiz. Pediu então a suspensão dos trabalhos para descanso. Foi atendido. E só às 6,40 os trabalhos foram recomeçados, ainda com Emerson falando. Explicou inicialmente que



Iniciando os trabalhos, o juiz João Claudino adverte o público de que não tolerará nenhuma manifestação e que ao menor sinal esvaziará o recinto



Olhos quase fechados, olheiras bem visíveis, bigode aparado, cabelo rigorosamente cortado, farda limpa e passada. Assim se apresentou Bandeira.

fôra acometido de indisposição, mas que já estava passando bem. E às 7,30 terminou o seu fraco trabalho, passando a tribuna ao auxiliar Milton Sales. Êste procurou trazer à lembrança dos jurados a figura da vítima, quase inteiramente esquecida. Mostrou as roupas de Afrânio (sujas de sangue) tentou visìvelmente comover o público e os jurados. Mas é também muito fraco. Terminou pedindo a pena máxima.

A DEFESA: 1º — JOSÉ BONIFÁCIO

Olhando o sol que surgia, Romeiro Neto brincou com o repórter: «a defesa vai falar às claras». E realmente passavam das 10 da manhã (com as luzes já apagadas) quando José Bonifácio começou a sua parte, que consistia principalmente em denunciar e desmoralizar as ligações da polícia com a promotoria. Explorou longamente os interrogatórios «estranhamente realizados em um apartamento particular, contrariando tôda a técnica processualística». Acusou o delegado e o promotor de «escolherem o tenente Bandeira para bode espiatório, desprezando outras pistas e outros possíveis criminosos». Terminou, pedindo aos jurados que não se esquecessem dos depoimentos de testemunhas importantes, que (segundo disse) inocentavam ampla e irretorquìvelmente o acusado.

A DEFESA: 2º ROMEIRO NETO

Muito sereno e senhor de si, o famoso criminalista subiu à tribuna. Começou se defendendo da acusação de «raposa do fôro», «inescrupuloso», etc. Acusou depois a polícia, de inepta e ineficente, e que para cobrir a sua incapacidade, procurou ùnicamente incriminar Bandeira. Queixou-se do promotor que tudo fêz para prejudicar o seu trabalho, não convidando-o nunca para os interrogatórios secretos que se realizaram fora da delegacia, e sempre alta madrugada. Procurou explorar a seu favor a falta de testemunhas de vista do crime, e os erros técnicos cometidos pela polícia. Analisou os estudos psiquiátricos feitos sôbre o seu cons-



Bandeira volta à prisão de Santa Cruz. Sem chapéu, ainda escoltado. Foi aplaudido pela multidão, que gritava seu nome com entusiasmo, como se êle fôsse um herói nacional. A caminhoneta iria levá-lo para a prisão militar, até que a sentença transite em julgado.



Marina foi a grande sensação do julgamento e cujo depoimento acusação e defesa negaram ao público. Compareceu, ficou 28 horas incomunicável numa sala, para sair (tranqüila e impenetrável) só depois que seu ex-namorado já estava condenado à 15 anos de prisão.

tituinte, dizendo que poucos são os que podem resistir a um estudo dêsse. Quase às duas horas da tarde terminou, pedindo aos jurados que absolvessem o réu, baseados, não na dúvida, mas na certeza de sua completa inocência.

A LONGA ESPERA DA SENTENÇA

Tendo a acusação desistido da réplica, e tendo os jurados declarado ao juiz que já se encontravam em condições de deliberar, foram suspensos os trabalhos, e os jurados, juntamente com o juiz e os advogados (de defesa e acusação) recolhidos à sala secreta. Cá fora, a multidão vivia os seus momentos mais inquietos. Todos consultavam os relógios de minuto em minuto. Faziam-se os mais diversos prognósticos. Finalmente, depois de 1 hora e 45 minutos de espera angustiosa, a campainha tocou, anunciando que os trabalhos seriam recomeçados, pois os jurados já haviam chegado a um resultado.

CULPADO! 15 ANOS, A PENA

Num silêncio aterrador, os jurados retomaram seus lugares, e o réu foi novamente introduzido na sala. E ainda em silêncio, ouviu-se o juiz Claudino de Oliveira proferir a sentença que condenava o réu Alberto Jorge Franco Bandeira à pena de 15 anos de reclusão. Foi êsse o último momento de silêncio. Depois imperou apenas a confusão. A multidão, que se mantivera calada e ordeira durante 28 horas, libertou-se, fêz o que quis. E o que queria mesmo era demonstrar o seu descontentamento, manifestar, por gestos e por palavras que não concordava de maneira alguma com a condenação. Aquela multidão, que na sua quase totalidade ali fôra para assistir a libertação do tenente Bandeira, decepcionou-se, retirou-se, mas não sem protestar contra a decisão que considerou absurda.

A SAÍDA DO RÉU

Menos de 20 minutos depois, Bandeira era conduzido ao automóvel que iria levá-lo de volta à prisão de Santa Cruz. Entrara 28 horas

PONTOS DA ACUSAÇÃO QUE MAIS IMPRESSIONARAM OS JURADOS

1º — A letra do samba feito por Bandeira, e que diz: «Eu não matei quem devia matar. Não fiz sofrer quem merecia».

2º — O caráter violento e quase anormal do tenente, constatado através dos seguintes episódios: ameaça de estrangular Marina com uma «écharpe»; ameaça feita a uma das testemunhas de «torcer-lhe o pescoço como a um frango»; ameaça feita ao seu amigo também aviador (Pôrto) de matá-lo se fizesse a côrte a Marina. «Você nem saberá pois tirarei uma peça do seu avião», acrescentou; violências cometidas no Ceará contra 2 conhecidos de uma sua namorada; a frieza e insensibilidade demonstradas com Miriam, moça por êle infelicitada e abandonada, apesar do filho; também a frase que dirigiu à mesma moça: «Você é uma provinciana bôba. Eu já fiz isso com muitas outras e não me deram o trabalho que você está dando».

3º — O depoimento de Gilberto Nogueira Bastos, o jovem que na noite do crime conduziu Marina (assustada) e sua mãe (nervosa) da porta do Iate ao Leblon.

4º — As 14 coronhadas desfechadas em Afrânio, depois de morto.

5º — A frieza do acusado demonstrada durante todo o tempo que demorou o processo, e ratificada pela tranqüilidade absoluta do seu longo julgamento. Naquelas circunstâncias, seria quase impossível a um inocente manter a calma que Bandeira manteve.

Reação dos principais personagens quando o juiz leu o ato condenatório

● BANDEIRA — Levou a mão à cabeça, mas retirou-a imediatamente. Parecia que iria se dirigir ao juiz, mas disse apenas: «Meu advogado». Repetiu a expressão várias vêzes, mas Romeiro Neto surpreendido pela condenação não o atendeu. Franziu a testa, encarou fixamente o juiz, olhou sem raiva para os jurados. Depois pareceu alheiar-se de tudo, e quando o juiz ordenou a sua retirada era o mesmo impassível tenente Bandeira de antes.

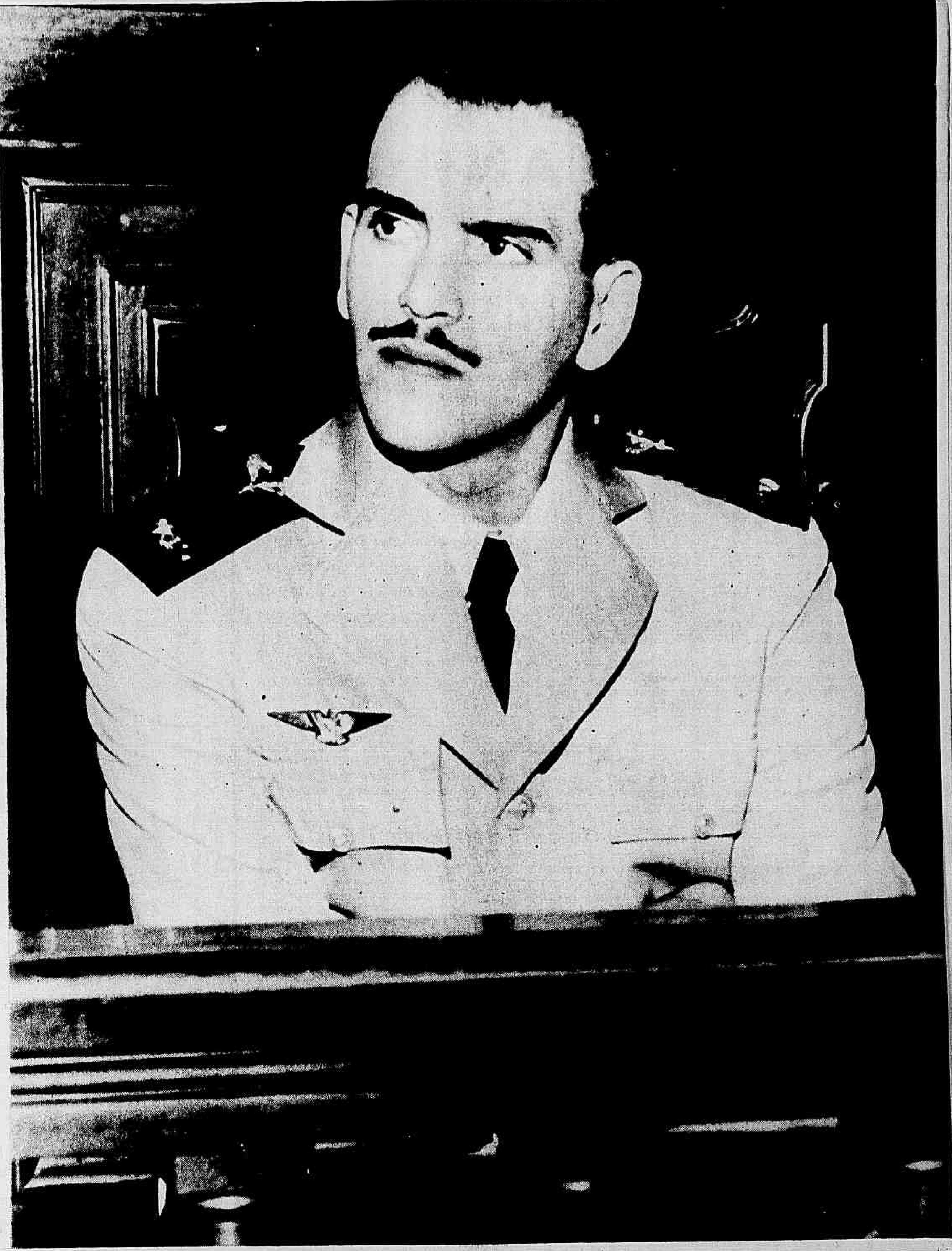
● ROMEIRO NETO — De todos os que se encontravam no Tribunal foi o que se mostrou mais surpreendido. Sua fisionomia foi também a que mais se modificou. Pareceu envelhecer realmente alguns anos. Seus traços endureceram, entregou-se visivelmente ao desespêro. Devia ter confiado demasiadamente nas falhas do processo. Depois, cá fora, mais tranqüilo, jogou-se no sofá e exclamou: «essa condenação é um absurdo. Os jurados julgaram manifestamente contra os autos. O julgamento terá que ser anulado. Vou recorrer na segunda-feira».

● EMERSON DE LIMA — O enfatuado e pretencioso Promotor não escondia a sua satisfação. Para êle, um julgamento é apenas um jôgo floral de inteligência e habilidade. Não lhe interessa a apuração da verdade ou a defesa da sociedade. O réu foi condenado, a batalha com a defesa foi ganha e seu objetivo está alcançado. Ficou satisfeitíssimo. Distribuiu muitos abraços, recebeu inúmeras felicitações. Parecia uma solteirona de 40 anos ao receber um pedido inesperado de casamento.

● MARINA — Na sala em que estava fechada, incomunicável, recebeu a notícia friamente. Mas depois (cá fora) entre jornalistas e radialistas, exclamou: «Não é possível que Bandeira tenha sido condenado. Não posso acreditar nisso». A essa altura já estava quase chorando, com os cabelos em desalinho e gestos excitados. Mas a impressão geral era de que Carlos Machado, Zilco Ribeiro e Válter Pinto estão perdendo uma grande vedeta. À saída foi largamente vaiada, por homens e mulheres. Ouviram-se também muitos nomes impublicáveis.

● OS JURADOS — Serenos, absolutamente convictos da culpa do tenente. A única mulher entre êles deve ter sido um dos dois votos à favor do tenente, pois antes do sorteio declarou numa roda: «se fôr sorteada absolvirei o acusado». Todos extremamente cansados, pois além das 28 horas do julgamento, suportaram uma responsabilidade e uma atmosfera inteiramente inédita para êles.

● HERMES MACHADO — Adoentado, escutou pelo rádio a condenação de Bandeira. Achou-a justíssima, e já esperava êsse resultado. O que é muito natural, pois nunca teve dúvidas de que Bandeira era o assassino.



[illegible] Bandeira condenado. Rome[illegible] recorrerá da sentença, e que se não [illegible] julgamento apelará até para o P[illegible] da República. Mas tôdas as indica[illegible] convergem para um ponto: [illegible] haverá novo julgamento para Bandeira

antes apenas como acusado, mas com fortes esperanças de ser absolvido. Saía agora como condenado, com a obrigação de passar 13 anos na Penitenciária, pois 2 anos da pena já foram cumpridos. Teriam os jurados condenado um inocente? Ou a pena fôra justa? O que significava então aquela manifestação de milhares de pessoas? Não se diga que eram apenas mocinhas histéricas excitadas pelo noticiário da imprensa e pelo sensacionalismo do julgamento. Eram milhares de pessoas, homens na sua maioria e todos visìvelmente contrariados com a decisão dos jurados.

E êste repórter que acompanhou diàriamente o caso na sua fase policial, faz questão de registrar o fato. Não é contra nem a favor do tenente Bandeira, mas acha que alguma coisa não foi bem esclarecida, que certos detalhes não foram elucidados suficientemente, e que ninguém em sã consciência pode afirmar: BANDEIRA MATOU AFRÂNIO. Não há dúvida que muitos indícios são contra êle. Que muitas circunstâncias apontam Bandeira como o assassino. Mas isso não basta. Se houver um segundo julgamento (quase certo) que se faça uma tentativa mais séria de esclarecer a verdade. Que seja trazido Avancini (esteja onde estiver) e que se o obrigue a dizer a verdade, pois é fora de dúvida que sabe muito mais do que contou. E que Marina seja interrogada pelo juiz João Claudino de Oliveira e Cruz, para que finalmente deponha a verdade, sòmente a verdade. Que tudo seja feito para elucidar convenientemente o crime. Afinal de contas, está em jôgo o destino de um homem.

CHAMPANHOTA

PETER



As sras. Regine Castro Neves, Sávio Gama, embaixatriz Sarmanho e o sr. Herbert Quadros, no aniversário da sra. Leda Galliez.

● *O general Hugo Manhães Bethlem já foi embaixador de nosso país, junto ao Govêrno da Bolívia. Recentemente, o Senado aprovou seu nome para exercer a mesma função no Paquistão, com a margem mínima de UM voto (19 a 18). Com isto, a mais alta Casa do Congresso não fêz uma restrição ao nome do ilustre oficial-general em questão, mas deu um aviso ao sr. Presidente da República de que é contrário à indicação de militares para exercerem cargos diplomáticos. O Senado acha que deve prestigiar o Curso Rio Branco, na formação de diplomatas no bom sentido moderno.*

ESPECIALIZAÇÃO

Com destino à Europa, partiu pelo «Andes» o dr. A. Muller que fará em Paris um curso, dentro de sua especialidade. O médico espera demorar-se no Velho Mundo durante alguns meses.

«COCK-TAILS», ALMOÇOS, JANTARES ETC.

O jornalista José Vitorino ficou menos jovem e resolveu dar um «cock-tail» mais ou menos íntimo para alguns amigos, e que estendeu-se pela noite a dentro, com a presença de tantos políticos que mais parecia uma convenção secreta. Perto de cinqüenta (entre deputados e senadores) e muitos amigos da Imprensa. Está em foco, o sr. Vitorino.

O «Clube dos Leões» deu almôço no Jockey (grande mesa em U) Club, com a finalidade de congregar seus associados. O objetivo dêste clube que poucos conhecem são pareeidas com as do «Rotary».

A srta. Teresinha Simões Soares resolveu dar um jantar para a srta. Maria Eugênia Romaneli que vai dar uma volta pela Europa. O jantar, que foi excelente, não respeitou, porém, as normas e foi até as duas da manhã, com o discurso do sr. Renato Bandeira sôbre assuntos dos mais sérios e alguns apartes do sr. Maximiano Bagdócimo; tudo isto muito bem alimentado pela eficiência bonita da irmã Bernadete. Presentes as srtas. Sônia Gonçalves, Beatriz Galhembeque, os srs. Hélio e Daniel Tolipan e muitas outras pessoas. Foi a mais animada e simpática reunião da semana.

CONFERÊNCIA DE CARACAS

E a semana vai-se encerrando com a chegada dos nossos representantes da Imprensa junto à Conferência de Caracas que nos trazem notícias ainda mais alarmantes dos que as já publicadas. Vamos chegando à conclusão de que a nossa brilhante delegação (60 pessoas) fêz papel de fantoche, indo sem saber por que nem para que, sem consultas prévias às nossas Embaixadas, sem nenhum outro objetivo que não fôsse o de transformar uma moderna assembléia numa velha reunião acadêmica. O ridículo a que se espôs a nossa delegação com tanto aparato para terminar com aquela monótona e triste abstenção na hora de votar matéria ligada à exportação do café, nós que somos responsáveis por 52 por cento do movimento mundial.

«CANADA DE LUXE»

Muitas mulheres bonitas e mais bonitos vestidos no desfile realizado, especialmente para a Imprensa, pela «Canadá de Luxe». Os cronistas políticos, por exemplo, não entenderam nada do sentido moderno e dinâmico da belo manequim. Foi um sucesso o desfile das coleções selecionadas pelo moda, em compensação, fizeram uma eleição particular para escolher o mais sr. J. Pellicks na Europa. Tudo perfeito, pois foi organizado em todos os seus mínimos detalhes pelo supercivilizado senhor em questão.

JOAQUIM SILVEIRA

O casal Joaquim Guilherme da Silveira, cuja casa em Cabo Frio foi o centro das atividades de verão, já tomou as providências preliminares para viajar à Europa. O mesmo apartamento do «Plaza-Tthenée», depois Cannes, com muito «bikini», milionários orientais, iates, gente de cinema, enfim, Cannes mesmo.



Enquanto Jacinto de Thormes explica qualquer coisa às sras. Leda Galliez e Lourdes Catão, os srs. Alvaro Catão e Fernando Delamare trocam idéias.



ÚLTIMO FLASH

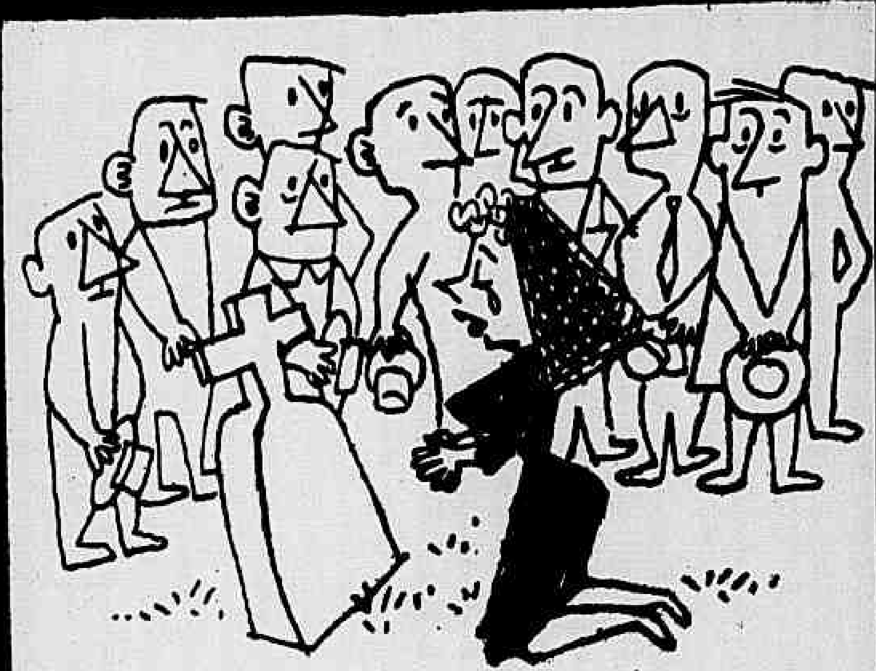
"MISS BRONZE" VENCEU POR UM CORPO

● **O prenúncio da primavera na Côte d'Azur é a eleição (anual) da "Miss Bronze", cujo título é atribuído à mais bela e melhor bronzeada banhista. Êste ano foi escolhida a jovem Rina Sorba, de 20 anos, diante de numerosas concorrentes, também morenas e lindas. Depois de uma ligeira indecisão do júri — que não podia escolher mais de uma — chegou-se à conclusão de que Rina Sorba venceria com um corpo de luz na frente das demais. Pelas suas excelentes qualidades morais, excelentemente fixadas neste excelente flagrante Keystone.**

HÁ CERTOS MÉDICOS QUE SÃO DE MORTE

Uma página de morte

Disse o médico: «Vim visitá-lo hoje porque aproveitei para ver outro cliente que tenho nesta mesma rua. Assim mato dois coelhos de uma cajadada».



— Nunca pensei, João, que você tivesse tantos amigos.

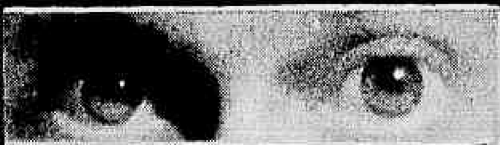
PIADAS DE MATAR

- Há dois modelos de vestidos pretos: para viúvas tristes e para viúvas alegres.
- Quando êle morreu, deixou um testamento curto: «Tudo que é meu fica para você, com exceção do Paulo que já era seu».
- Pediu um entêrro de luxo. Foi um buraco.
- Morreu durante uma conferência. Conferência médica.
- Pediu que ninguém acompanhasse seu entêrro. Tinha mania de perseguição.
- Foi assaltado por um ladrão e perdeu a bôlsa e a vida. Era gago.

NÃO COMPREENDO.

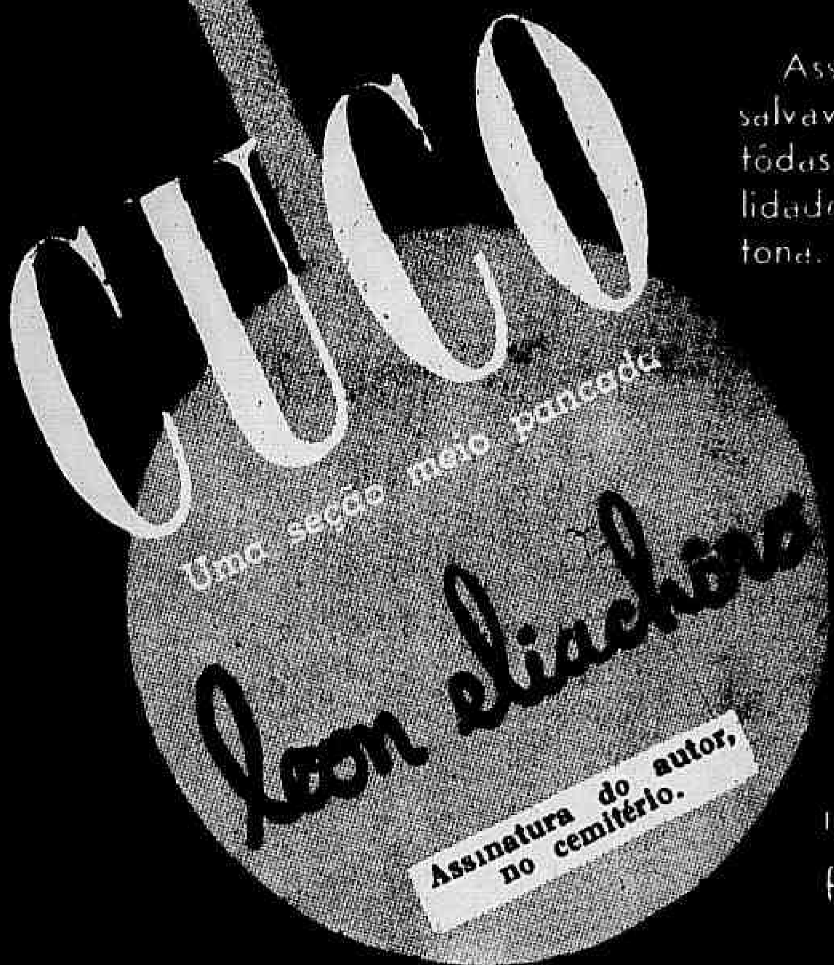
...todo sujeito que morre era "bom pai, bom filho, bom esposo e tão moço!"

PONTOS DE VISTA



CADÁVER é êsse indivíduo que perdeu a chance de ouvir um grupo de pessoas falarem bem de si.

TÚMULO é o último buraco em que o sujeito se mete.



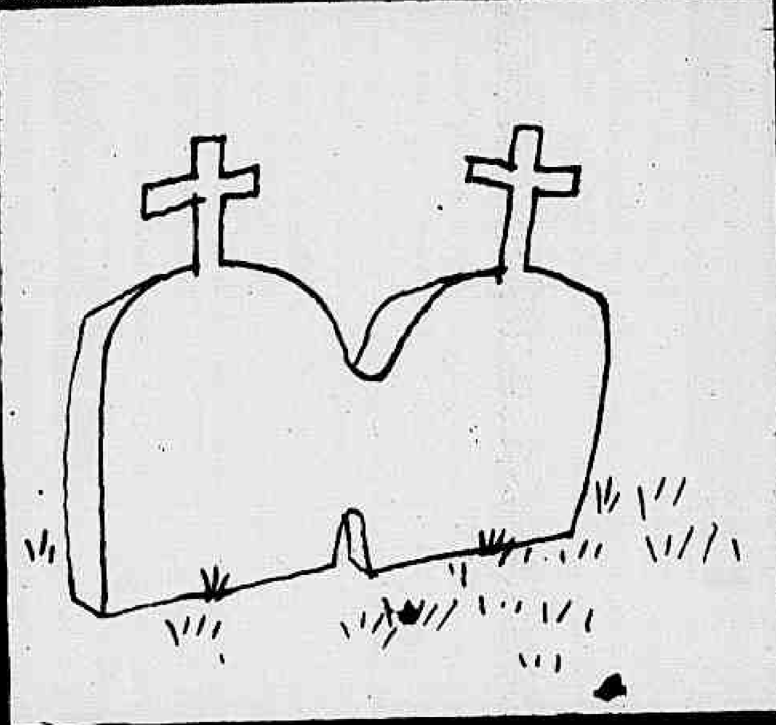
Assim que o salvavidas morreu, tôdas as suas qualidades vieram à tona.

PIQUÍ

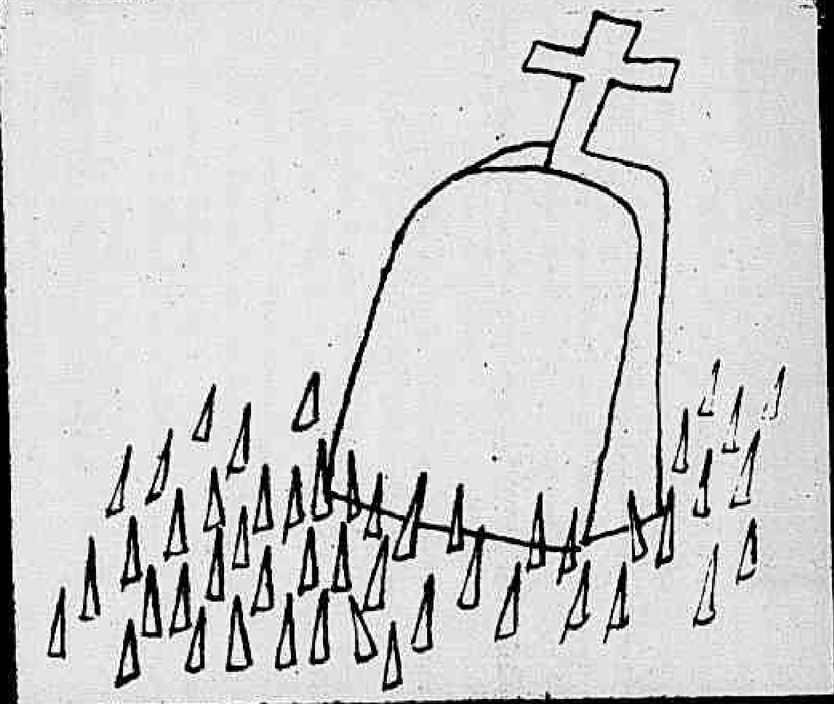
TÚMULOS



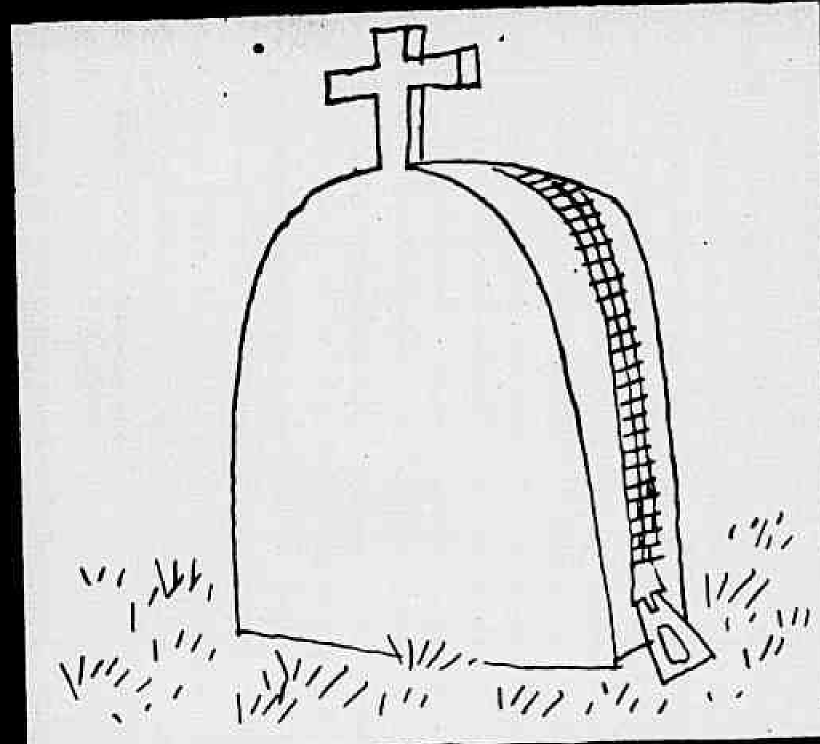
MÚSICO



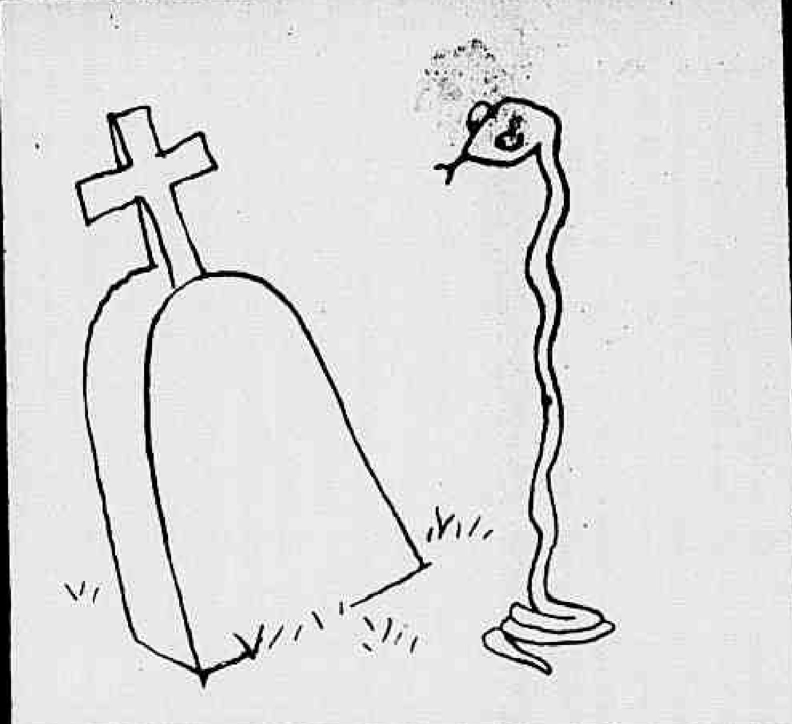
XIFÓPAGOS



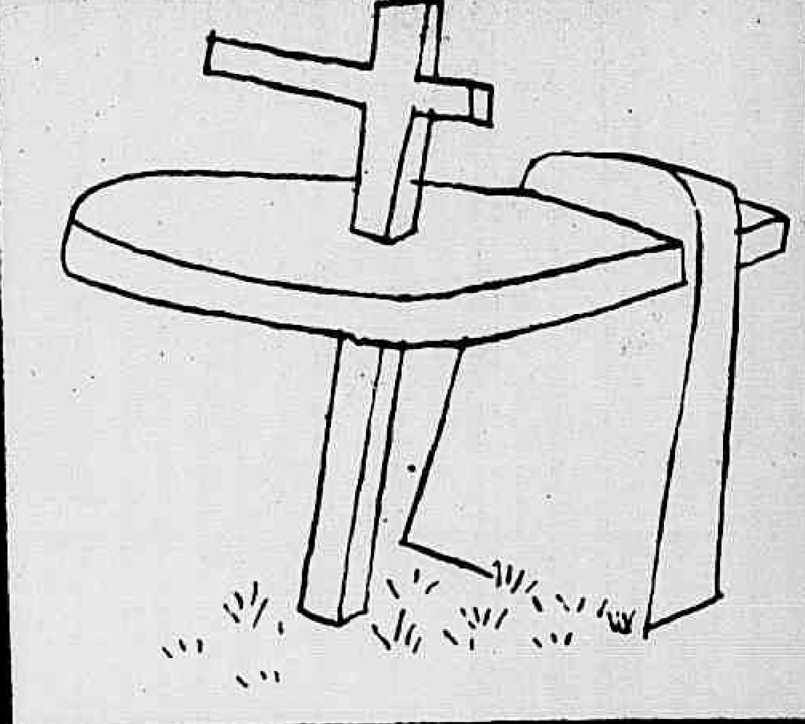
FAQUIR



MODISTA



HINDU



ARQUITETO



... é aquela que, graças ao seu bom gôsto e à sua sensibilidade, sabe descobrir os segredos que fazem os ambientes confortáveis e elegantes. Êsse bom gôsto e essa sensibilidade é que levam os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.266